



NA PARAÍBA

Mais de 30% dos veículos com modificações estão irregulares

Mudanças estruturais nas características originais dos automóveis podem provocar acidentes. **Página 5**



Foto: Roberto Cuedes

Verão faz “esquentar” o comércio ambulante nas praias da capital

Com as praias lotadas de turistas e moradores locais, vendedores de produtos diversos, como cangas, chapéus e óculos, aproveitam para disputar clientes nas areias e garantir uma renda extra.

Página 17

Exposição às telas prejudica sono e humor de crianças e jovens

Médica psiquiátrica Larissa Laíra ressalta os impactos da vida moderna na saúde mental.

Página 4

Manias podem indicar, em alguns casos, um transtorno

Hábitos estranhos, repetidos com grande frequência, são indicadores de ansiedade e TOC.

Página 7

Botafogo define vaga na fase de grupos da Copa do Nordeste

O Belo encara o Potiguar -RN, hoje, às 16h, no Almeidão. O vencedor avança para a fase de grupos.

Página 24

Foto: Edson Matos



História de uma praça secular

Construída em 1917, a Praça Venâncio Neiva, na capital, tinha no projeto um rинque de patinação que foi retirado para ser erguido o Pavilhão do Chá, que passou a ser o nome extraoficial do local.

Página 25

Coral invasor é ameaça à vida marinha no NE

O coral-sol, originário dos oceanos Pacífico e Índico, já chegou ao litoral nordestino e prejudica as espécies nativas.

Página 20



Foto: Pexels

■ “Sou um dependente sem cura do dicionário. Já devo ter passado e demorado por bastantes anos de leitura e consulta o suficiente para dispor da palavra simultânea à ideia”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “A descontinuação do DOC e TEC reflete uma tendência global de modernização dos serviços bancários, onde métodos mais rápidos, econômicos e digitais ganham espaço”.

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17

■ “Eu quero um xodó. Quem não me conhece que não me compre, que quando a maré encher, vou me jogar no bando das sereias, para esperar a tarde e ver nuvens azuis”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

Editorial

Olhos abertos no Litoral

O ambiente marinho e seu entorno terrestre – a praia ou beira-mar – não são disputados apenas para “suspiros poéticos”. Pessoas de procedência e fazeres diversos também buscam esse recanto para, entre outras coisas, tomar banho, navegar, exercitar-se, praticar esportes ou comercializar produtos, que vão da água de coco à prancha de surf, da cerveja às roupas da moda praia, do passeio de catamarã ao aluguel de mesas.

Nos meses de verão, quando o número de pessoas, principalmente de jovens e crianças, por conta das férias, aumenta mais, as praias se tornam densamente povoadas. O espaço é pouco para tanta gente andando ou correndo a pé, dirigindo automóveis, pilotando motos, guiando bicicletas, deslizando sobre patins, jogando futebol, voleibol... Enfim, de tudo se faz um pouco: seja na água e na areia, seja nas ruas e nas calçadas.

Se deixar que cada pessoa decida por si mesma o que vai fazer ou não, seja vendendo, comprando ou simplesmente se divertindo ou passando, o caos se instala. E as consequências seriam imprevisíveis, para o bem, sobretudo, para o mal. Daí a grande responsabilidade que recai sobre o poder público, no sentido de fiscalizar toda essa azáfama humana, para que os direitos e deveres da cidadania sejam respeitados.

A segurança é o fator primordial dessa história. A ninguém é dado o direito de colocar em risco a paciência ou a integridade física do outro. Daí a atenção que deve recair sobre as “novidades” – elas sempre dão as caras no veraneio -, a exemplo dos velocípedes e bicicletas movidos a eletricidade. Tudo que se move com velocidade, até mesmo corpos humanos, deve ser monitorado, para evitar abusos e, especialmente, acidentes.

A ocupação do solo por mesas e cadeiras de aluguel, bares, restaurantes, “quadras” de esportes etc. deve ser minuciosamente inspecionada, para que o ambiente praieiro não se transforme em uma espécie de labirinto para cidadãos e cidadãs que querem apenas “pegar um sol” e tomar um banho de mar, sem ter que pagar por isso. As famosas “peladas” não podem ser esquecidas, como também o “meio fora de moda” frescobol.

As forças de segurança do Estado e do Município, com apoio de agentes dos órgãos de “consciência ambiental”, por exemplo, devem manter-se de prontidão, de olhos bem abertos, para que a convivência seja pacífica, tanto entre os seres humanos, como entre estes e a natureza. Cada um fazendo a sua parte, todas as pessoas, de alguma maneira, sairão ganhando, estejam no seu cotidiano ou curtindo as férias de verão.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Um não à impunidade

Não podemos repetir o erro de 1979, quando foi assinada pelo presidente João Batista de Figueiredo a Lei da Anistia que evitava aplicar punição aos militares que cometeram abusos em nome do Estado, promotores do golpe de 64, incluindo a tortura e a execução de adversários do regime. O passado não pode voltar a bater em nossa porta, deixando impunes os crimes praticados contra a democracia e que precisam ser responsabilizados judicialmente, sejam eles civis, militares ou os poderosos politicamente.

Os principais responsáveis pela tentativa de golpe de Estado, em 8 de janeiro de 2023, ainda não foram penalizados, levantando a suspeita de que muitos se livrarão das punições exemplares a que se fazem merecedores. Até porque esse ataque à democracia não começou no ano passado. Ele vem sendo planejado e arquitetado desde o processo da Lava Jato, culminando com a prisão do candidato que liderava as pesquisas, tirando-o da disputa eleitoral. Em 2016 sofremos um golpe jurídico, midiático contra a presidenta Dilma. No governo passado foram explícitas as manifestações de despreço à democracia.

Não sejamos, novamente, o país da impunidade. Isso seria um péssimo exemplo que estimularia a permanência de sentimentos antidemocráticos, transformando pessoas incautas em criminosos. Os inimigos da democracia terão que se submeter a julgamentos e punições severas na conformidade dos ilícitos penais cometidos, coibindo, assim, a prática futura dos crimes perpetrados. Os perigos da não responsabilização nos obrigam a relembrar uma anistia que pretendeu promover um esquecimento das violações acontecidas durante a ditadura civil-militar.

Vivemos numa democracia sob pressão, daí a razão maior de não contemporizar com atos de barbárie como os que ocorreram no dia 8 de janeiro. Percebe-se, nitidamente, que há um projeto político no sentido de testar nossa capacidade de manter o Estado Democrático de Direito. Estabelece-se, propositadamente, um clima de tensão. Há um incentivo à desordem política para provocar o caos e justi-

ficar medidas de força. É o saudosismo da ditadura militar. A solidez da democracia brasileira foi submetida a intensos ataques E, graças a Deus e à vontade majoritária da população, conseguimos enfrentá-los e vencê-los. Mas não foi uma tarefa fácil. O povo, bravamente, reagiu à degradação democrática que governos anteriores insistiam em nos impor.

Arquiteta-se a manipulação de mentes, com o objetivo de colocar o povo contra a democracia, alimentando a ideia de que se faz necessário impor alternativas autoritárias. Narrativas falsas desrespeitam verdades incontestáveis, com o propósito de minar a confiança popular nas instituições democráticas. Quanto menos existir cidadãos críticos, mais fácil fica fazer valer essas concepções políticas antidemocráticas. Não nos enganemos, continua em curso um projeto de rompimento dos acordos históricos e institucionais que resultaram na redemocratização do país. Por isso mesmo, é inadmissível que volte-mos a praticar a impunidade em relação aos que insistem em querer matar a nossa jovem democracia.

“

Vivemos numa democracia sob pressão, daí a razão maior de não contemporizar com atos de barbárie

Rui Leitão

Foto

Legenda



Produto da civilização

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Sobre Hildeberto e poesia

Sou um dependente sem cura do dicionário. Já devo ter passado e demorado por bastantes anos de leitura e consulta, o suficiente para dispor da palavra simultânea à ideia. Mas palavra - atente-se - que dispense o leitor comum dessa minha servidão.

Para eu ter dicionário de tudo, falta pouco. Desde o de sinônimos, de música, de cinema, de geografia, de filosofia, de literatura, de comunicação, de folclore, de história do Brasil, de belas-artes, de cachaça, além de três preciosidades, uma delas bastante superada, que é o Dicionário Econômico e Financeiro do velho Luiz Souza Gomes, tomado de empréstimo e nunca devolvido a um amigo querido, José Iremar Bronzeado. As outras duas: o Pequeno Dicionário Latino-Português , edição escolar dos anos 1950, que mantém na página de abertura a perenidade de um momento bem vivo na noite, datado de 1-12-63, alumiando num ângulo superior da página com estes dizeres: “Dulce e eu estamos estudando à uma da madrugada.”

Será que essa madrugada se foi, caríssimo Hildeberto Barbosa Filho, poeta, professor, crítico e livre-pensador? Terá escapado dessa inscrição em letras tão caprichosamente femininas? Vossa Mercê que entende disso, que, quando não pensa em nada “é o verso que se acerca, Tateando a poesia das coisas e do mundo. O mundo e as coisas estão cheios de poesia. O que é mesmo a poesia?” - vosmecê pergunta.

Na página naturalmente amarelecida, mas aviventada pela chama dessa lembrança inscrita de Lucinha, não fará de meu livro, ainda bem que de capa dura, uma variante dos objetos poéticos?

Lucinha e Dulce, nos seus quinze ou dezessete anos em 1963, não estarão na mesma idade?

Alio-me à ideia sugerida à entrada de seu novo livro, Hildeberto, de se pensar numa pré-seleção das candidaturas à Academia: “O ideal é que, acadêmicos, em reunião extraordinária fizéssemos uma discussão e uma lista de alguns nomes que, sobretudo pelo mérito científico, intelectual e artístico, sobremaneira por isto, pudessem dignificar e representar

“

Sou um dependente sem cura do dicionário. Já devo ter passado e demorado por bastantes anos de leitura e consulta

Gonzaga Rodrigues

melhor a velha e austera Casa de Coriolano de Medeiros”. E sugere nomes indiscutíveis, a começar por Genival Veloso França, W. J. So-lha, Chico Viana, João Batista de Brito, Marília Arnaud, Evandro Nóbrega, Aldo Lopes, Clemente Rosas, Fernando Teixeira, Sandra Luna, Renato Cesar Carneiro, Francisco Gil Messias, Gilvan de Brito, Neroaldo Pontes, José Antônio Assunção, Carlos Azevedo, Raul Córdula, Marcílio Franca, José Edilson Amorim”.

O que devo lembrar é que, até a chegada de Joacil de Brito Pereira e Celso Novais, havia essa pré-escolha. Clovis Lima escolheu uma penca na qual, até o locutor que vos fala foi incluído ao lado de Virginius da Gama e Melo. Não entrei dessa vez porque passei do prazo de posse. Virginius agradeceu.

Pois bem. A democracia exercida pelas eleições gerais, de presidente da República a vereador, passa por essa pré-seleção, através dos partidos. Não é o exemplo ideal, no caso brasileiro, porque o vício já começa aí. Mas a Academia nunca escolheu ou votou por dinheiro. Às vezes se equivoca diante do prestígio seja lá de que do candidato. Mas nem a Brasileira está isenta disso.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U I D I O R I A : 99143-6762



Programa distribui 233 mil litros de leite semanalmente, adquiridos junto aos mais de 1.500 produtores rurais da agricultura familiar

AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS

PB beneficia 35 mil famílias com distribuição de leite

Programa do Estado adquire produção rural e doa para a população vulnerável

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

O Programa de Aquisição de Alimentos do Leite (PAA-Leite) está expandindo o atendimento para 35 mil famílias em situação de vulnerabilidade social e insegurança alimentar com a inclusão dos municípios de Lagoa Seca, Pombal, Malta, Cajazeirinhas, João Pessoa, Areial e Montadas.

O programa distribui 233 mil litros de leite semanalmente, adquiridos junto aos mais de 1.500 produtores rurais da agricultura familiar cadastrados no programa, e beneficia-dos por nove usinas.

O programa é uma iniciativa do Governo Federal, em parceria com o Governo Estadual, que compra o alimento de pequenos produtores rurais e distribui para a população mais vulnerável na Paraíba. Com a expansão do programa, 84 municípios paraibanos estão sendo beneficiados. Na capital paraibana, serão quatro mil famílias atendidas, que poderão receber até sete litros de leite por semana.

“Trouxemos o PAA Leite para João Pessoa e Região Metropolitana, onde a vulnerabilidade tem aumentado com o passar dos anos. Chegamos com esse e com outros programas na certeza de que juntos

iremos superar a situação de fome que ainda assola o nosso estado e o nosso país. A partir daí, também trabalharemos caminhos de oportunidades”, destacou a secretária de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh), Pollyanna Dutra.

A secretária ressalta que serão distribuídos cerca de 20 mil litros de leite por semana em João Pessoa, nos bairros de Mangabeira, Valentina, Gramame, Colinas do Sul, Cruz das Armas, Mandacaru, Comunidades de São Rafael e Santa Clara. Imagine que nos bairros mais distantes do centro da cidade, as pessoas também carecem de um alimento

que forneça segurança alimentar e nutricional, e o leite tem essa característica de ser um alimento completo”, afirmou a secretária.

Outra modalidade do PAA é a Compra com Doação Simultânea, referente aos alimentos oriundos da agricultura familiar. “Mapeamos os agricultores com produção e realizamos a compra desses alimentos. São 106 itens da agricultura familiar, entre frutas, legumes, hortaliças, ovos e galinha caipira, entre outros produtos, que são comprados do campo e doados às entidades e/ou pessoas que, nesse momento, precisam garantir a segurança alimentar”, explica a secretária Pollyanna Dutra.

“Tá na mesa” atua em 147 municípios

O “Tá na Mesa”, maior programa de segurança alimentar executado na Paraíba, foi criado em junho de 2021 para aplacar os efeitos da insegurança alimentar no período da pandemia da Covid-19. Atualmente, atua em 147 municípios paraibanos e fornece mais de 811.800 refeições por mês, sendo R\$ 1,00 – valor simbólico.

“Também temos os ‘Restaurantes Populares’, que

integram as ações voltadas para Segurança Alimentar e Nutricional do Estado”, afirma Pollyanna Dutra. Atualmente, a rede de restaurantes fornece 253 mil refeições por mês, de segunda a sexta-feira, pelo valor simbólico de R\$ 1,00. São 10 restaurantes em funcionamento no estado, nas cidades de: João Pessoa, Santa Rita, Campina Grande, Guarabira, Monteiro, Patos, Pombal, São Bento, Sousa e Cajazeiras.



Pollyanna Dutra: é preciso garantir a segurança alimentar

Cartão é recarregado com crédito mensalmente



Em JP, serão distribuídos 20 mil litros de leite por semana

Além do “Cartão de Alimentação”, programa de transferência de renda criado para atender as famílias em situação de vulnerabilidade social. O cartão pode ser recarregado mensalmente com um crédito de R\$ 35 para ser utilizado na compra de gêneros alimentícios nos estabelecimentos credenciados nas suas respectivas comunidades. O programa contempla 141 municípios e beneficia mais de 52 mil famílias.

“Num momento em que a Paraíba precisa desse acesso ao alimento de qualidade, é bem importante esses programas porque criamos uma rede de segurança alimentar bem definida, bem forte, e coloca a Paraíba no eixo de uma política pública de segurança alimentar consistente para o nosso povo. Acho que essa é a nossa maior missão”, finalizou a secretária de Estado do Desenvolvimento Humano, Pollyanna Dutra.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: TSE VAI DEBATER REGRAS PARA COMBATER FRAUDES NA ELEIÇÃO DE OUTUBRO

Entre os dias 23 e 25 deste janeiro, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) irá realizar audiência pública para debater regras para uma resolução que tem o fito de regulamentar o uso da inteligência artificial durante as eleições de outubro. O tema vem sendo encarado pelo presidente do TSE, ministro Alexandre de Moraes (foto), como uma das prioridades da corte face à aproximação do processo eleitoral, quando a disseminação de procedimentos fraudulentos e notícias falsas recrudescem. Ainda no ano passado, o TSE assinou um acordo com a Anatel para combater a reprodução de desinformação produzida por inteligência artificial. A corte quer dar celeridade ao cumprimento do bloqueio de sites que divulguem *fake news*. Por exemplo: a determinação de retirada de conteúdos prejudiciais ao processo eleitoral deixará de ser enviada por oficial de Justiça e passará a ser informada por sistema eletrônico. “Com a inteligência artificial é possível modificar vídeos de candidatos adversários, fazendo-os dar declarações que nunca deram. Essa agressão pode realmente mudar o resultado eleitoral, pode desvirtuar o resultado eleitoral em eleições polarizadas”, argumenta o ministro.



Foto: Agência Brasil

MANIPULAÇÃO DE VOZES

A resolução a ser apresentada pelo TSE vai tratar da proibição da manipulação de vozes e imagens de conteúdo inverídico para divulgação de desinformação contra a lisura das eleições. É também um esforço para banir propaganda negativa contra candidatos, partidos e autoridades nas redes sociais, com o uso da inteligência artificial.

TORCEDOR E CABO ELEITORAL

Raniery Paulino (Republicanos) assumiu, podemos assim dizer, o bastão de cabo eleitoral de Hugo Motta no que diz respeito à candidatura a senador do presidente do Republicanos na Paraíba, em 2026. Nos últimos dias tem feito essa defesa, em entrevistas. “Torço para que Hugo Motta seja senador. Idade ele já tem. Está indo muito bem como deputado, além de ser grande aliado de João Azevêdo”, disse. A propósito, ele também torce para que o governador seja candidato a uma das duas vagas.

“ERA MUITO BOM QUE FOSSE”

Ministro do Empreendedorismo, Márcio França é entusiasta da ideia de que o PSB apresente candidatura própria na disputa pelo Governo da Paraíba, em 2026. “Era muito bom que fosse [um candidato socialista]”, disse em entrevista à rádio. “Normalmente, quando você é do partido, você quer que fique alguém do mesmo partido. Mas João vai saber jogar esse jogo lá na frente com as forças que estiverem no momento”.

“NOMES PARA TODAS AS VAGAS”

“Nós temos nomes para todas as vagas, mas, no momento oportuno, será escolhido aquele que melhor agregar”. Do deputado federal Raniery Paulino (Republicanos), referindo-se à formação da chapa majoritária para as eleições de 2026, quando estará em disputa o Governo do Estado – governador e vice-governador – e duas vagas para o Senado Federal.

“TEM FORÇA POLÍTICA NA PB”

A médica Tatiana Medeiros relaciona à sua postulação para ser candidata a prefeita de Campina Grande, à musculatura que o seu partido alcançou nas eleições de 2022: “O Republicanos tem força política na Paraíba. Tem as maiores bancadas na ALPB e na Câmara Federal. Com essa envergadura, precisa ter candidatura própria na maioria das cidades”.

PARLAMENTO: A DESIGUALDADE DA REPRESENTAÇÃO FEMININA

A representatividade feminina no Congresso Nacional, de acordo com o TSE, é flagrantemente desigual na comparação com a dos homens. Elas representam apenas 15% das vagas na Câmara dos Deputados e 12% nas do Senado. Para dimensionar a pouca representatividade das mulheres no parlamento brasileiro, basta dizer que o Brasil fica atrás até do Afeganistão, onde em 2021 as mulheres conquistaram 27% das vagas. Ressaltando que nesse país da Ásia os direitos das mulheres são constantemente violados pelo Talibã.

Foto: Roberto Guedes



Larissa Laíra

Coordenadora Clínica do Complexo Juliano Moreira

“Exposição às telas influencia no sono e humor de crianças e jovens”

Gestora cita os impactos da vida moderna na saúde mental da população e os serviços disponíveis para atendimentos

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Em 2001, o Brasil adotou a Lei nº 10.216, que garantiu a reforma psiquiátrica e estabeleceu a humanização e a convivência familiar no tratamento dos doentes mentais. Nesses mais de 20 anos, toda a Rede de Saúde Mental passou por uma grande reformulação, incluindo, tratar o adoecimento mental sem tantos estigmas e preconceitos. Nesse mês, a campanha do Janeiro Branco tem o objetivo de alertar as pessoas sobre o autocuidado com a saúde mental.

Em entrevista ao Jornal A União, a médica psiquiatra Larissa Laíra, coordenadora clínica do Complexo Juliano Moreira, conversa sobre o diagnóstico e tratamento da saúde mental, como a vida moderna e as relações de trabalho estão adoecendo a população, e o impacto negativo do uso exagerado dos aparelhos celulares por crianças e adolescentes. A médica também comenta sobre os serviços do Complexo Juliano Moreira, que em 2023, realizou mais de 20 mil atendimentos e quais as ações previstas para a campanha do Janeiro Branco na Paraíba.

Entrevista

■ Como funciona o processo de diagnóstico relativo à doença mental?

O diagnóstico da psiquiatria é muito diferente do que estamos acostumados a ver na medicina geral, que tem exames específicos. Na psiquiatria é um pouco diferente porque não existe um exame em que mostre, por exemplo, uma depressão. Não é algo palpável.

Os diagnósticos da psiquiatria são observados na anamnese, ou seja, no diálogo, na conversa, na consulta que é feita com o médico. Os exames são feitos para que se exclua condições clínicas e orgânicas. Antes de dizer, por exemplo, que um paciente tem esquizofrenia, eu preciso ter certeza que todas as outras condições da medicina clínica já foram descartadas, e os exames clínicos entram nesse rol, mas o diagnóstico é basicamente clínico.

■ Existe alguma diferença entre transtorno mental e doença mental?

Na psiquiatria, no geral, esses dois termos são usados como sinônimos. Porém, o que vemos na prática, é que a palavra “transtorno” carrega um peso muito grande. Falamos de doença mental, de diagnóstico, patologia mental. A própria psiquiatria já possui muito estigma.

Quando você vai para um endocrinologista e se já possui alguma condição clínica em que precise procurar um atendimento de urgência, ninguém vai falar em “paciente endocrinológico”, mas se você faz uso de qualquer remédio de saúde mental, vão chamar “paciente psiquiátrico”.

■ Seria o caso de abolir o uso dessa palavra ao se referir aos pacientes?

Eu não gosto, mas nos livros e grandes manuais ainda encontramos o termo “transtorno mental” sendo utilizado. Na prática, eu evito pelo peso que a palavra carrega historicamente. No final, é só uma questão de escolha de palavras porque não há diferença. É tudo um grande diagnóstico de doenças mentais.

■ Como a família, os amigos e as pessoas mais próximas podem auxiliar no tratamento e acompanhamento das pessoas com doenças mentais?

A presença da família é muito importante e isso a gente vê, inclusive, quando falamos de epidemiologia das doenças mentais. Por exemplo, um paciente com um quadro depressivo que

tenha o suporte familiar, apresenta uma evolução muito melhor do que aquele que não possui uma rede de apoio, e essa rede vai além da família.

O que vemos muitas vezes é que a família não está pronta para lidar com aquele familiar que está passando por uma doença mental, então, é preciso fazer um trabalho de psico-educação com essa família. Se o paciente passou por um quadro de surto e precisou se internar em um hospital psiquiátrico, é importante saber que ele não vai ficar para sempre ali.

Hoje, pela Lei nº 10.216, que é a lei que rege a reforma psiquiátrica, a internação deve ser o último recurso a ser utilizado, e pelo menor tempo possível. É preciso tirar da cabeça dos familiares aquela ideia que se tinha de que os pacientes iam ficar meses e anos internado. É todo um trabalho que precisa ser feito e que quando a família entende e participa tudo flui de uma forma muito melhor. A família tem um outro olhar, inclusive, ela consegue nos dizer de fato se o paciente está bem. Esse apoio é fundamental.

■ A senhora falou sobre algumas famílias que não estão prontas para lidar com essas pacientes. Seria o caso dos familiares também procurem um tratamento de saúde mental?

Costumo dizer que o cuidador também precisa de cuidado. Muitas vezes, lidar com um paciente com uma doença mental pode não ser tão fácil, e não pode romantizar e dizer que são mil maravilhas. O cuidar de um paciente com alguma doença mental pode ser desgastante, e é importante que os profissionais tenham essa interação com a família até para orientá-lo sobre o autocuidado. Sobre procurar uma terapia, um psicólogo, alguma prática integrativa que possa diminuir o estresse e que ele consiga ter uma rede de apoio saudável para cuidar daquele paciente, e não correr o risco de adoecer todo mundo daquela família.

■ A senhora também afirmou que o tempo de internação dos pacientes precisa ser o menor possível. Existem casos em que as pessoas precisam ficar internas? Como está a situação atualmente aqui na Paraíba e no Brasil?

Existem sim situações de pessoas que precisam ficar internas, mas não existem mais moradores de hospital, e isso é importante frisar. O último mo-

rador que tínhamos aqui no Complexo Juliano Moreira saiu antes da pandemia, em 2018, e foi o último paciente que passou pelo grupo de desinstitucionalização e, hoje, não temos mais pacientes moradores.

Mas, pacientes que estão em sofrimento mental, sem condições de estar em casa por oferecer risco a si ou a terceiros são pacientes que ficam internados baseado na Lei da Reforma Psiquiátrica: pelo menor tempo possível. Outro ponto é que essa internação só vai ocorrer depois que tudo já foi tentado antes: fez uso correto da medicação? Manteve a frequência adequada no Caps (Centros de Atenção Psicossocial)? Nada disso funcionou? Aí sim, vem a internação, até que esse paciente se estabilize e receba alta.

■ As instituições públicas estão aptas para receber e lidar com essa população?

Os Caps estão preparados a partir do momento que a equipe é composta por integrantes que são especializados para realizar esse trabalho. Psicólogo, psiquiatra, enfermeira, educador físico, terapeuta ocupacional, profissionais com formação para cuidar de pessoas com doença mental. O que pode acontecer é um aumento da demanda, como ocorreu na pandemia (da Covid-19). De modo geral, as equipes que atuam nos Caps possuem um preparo para isso. O que pode acontecer é uma quantidade aumentada de procura e, nesses casos, precisamos saber direcionar pacientes sobre qual o perfil necessário e fazer essa redistribuição.

■ Existe a possibilidade de um caso “leve” de saúde mental evoluir para um caso mais grave? Como fazer essa observação?

Geralmente, a doença mental vai acentuando e evoluindo até que esse paciente não aguento mais, procure ajuda ou tenha o quadro mais agravado, ou um surto. Na psiquiatria, é muito difícil você dizer “ele estava ótimo até ontem, foi do nada”. Quando acontece esse “do nada”, quase nunca tem a ver com a condição psiquiátrica. Condições como uma diabetes não controlada pode fazer com que você se desoriente, principalmente, em idosos. Quadros infecciosos, como pneumonia e infecção urinária, também em idosos, podem sofrer com essa mudança de comportamento, mesmo em pacientes que não tinham nenhum histórico prévio. No geral, o que vemos é que o comportamento vai mudando aos poucos, piorando, até que se chega ao ponto de procurar ajuda ou de precisar do atendimento de uma emergência.

■ Como a senhora citou, a Covid-19 foi um fator que desencadeou o adoecimento mental das pessoas. Já é possível mensurar o impacto do vírus na nossa saúde mental?

O ser humano é um ser social e precisa do contato. Muitas vezes vivemos no automático daquela rotina de acordar, tomar banho, sair para trabalhar, encontrar os amigos no final de semana e se divertir. Do nada você se vê numa situação em que isso não é mais possível e junto vem a insegurança da sua saúde, da saúde das pessoas que você convive e ama, a insegurança financeira, um vírus que ninguém sabia como tratar, a vacina que ainda estava em fase de desenvolvimento... foram muitas incertezas em um curto prazo de tempo. Pessoas que já possuíam diagnósti-

cos que se agravaram com a pandemia e outras que não tinham diagnósticos e que começaram a desenvolver alguma doença mental por conta do vírus. Vimos muito o aumento de casos de ansiedade, depressão, TOC (Transtorno Obsessivo-compulsivo), sobretudo, TOC de limpeza, porque precisávamos ter todo aquele cuidado.

Mas, houve um movimento inverso, de pessoas que começaram a cuidar melhor da alimentação, em fazer uma atividade física mesmo dentro de casa. Temos hoje pessoas mais antenadas em cuidar da própria saúde, da sua alimentação e de entender que a saúde mental também faz parte da saúde como um todo porque se pensa que saúde é só ausência de doença e tudo está relacionado.

■ Um dos pontos mencionados sobre o adoecimento mental causado pela Covid-19, foi a instabilidade financeira e econômica. De acordo com o Observatório de Segurança e Saúde do Trabalho, relativos a 2021, os transtornos mentais foram a terceira maior motivação para afastamento do trabalho no Brasil. Por que o trabalho está adoecendo as pessoas?

Acredito que o mundo moderno, e aí entra a questão do capitalismo e do mercado exige cada vez mais do trabalhador. Coloco nesse rol, as tecnologias: você sai do trabalho, mas leva o trabalho para casa, no telefone. Não nos desligamos mais do trabalho. Apesar de não estar no ambiente, você continua trabalhando, e vem aquela pressão de bater a meta, de ser o melhor. Então, você começa a cada vez mais entrar nesse ciclo, de ter que trabalhar para garantir o sustento da família e esquece de se cuidar. O trabalho acaba adoecendo quando você esquece de olhar pra você mesmo e pensar que precisa estar bem para desempenhar bem sua função. Outra coisa importante é estabelecer limites. Hoje, não se romantiza mais aquele estilo de funcionário que vive para o trabalho. As pessoas estão começando a entender que não dá para ser 100% trabalho e esquecer de cuidar de si.

O mundo moderno, a tecnologia, o capitalismo, essa demanda de sempre ter que bater meta, o medo e a instabilidade econômica, tudo isso acaba levando ao adoecimento.

■ No geral, as pessoas estão mais adoecendo?

O Brasil está mais adoecido. Se pegarmos dados estatísticos, o Brasil é o país mais ansioso do mundo e o com mais pessoas depressivas na América Latina. Os dados não mentem e estão aí para provar que de fato, algo precisa ser feito. A má alimentação, a pressão do trabalho, a instabilidade econômica, a falta de tempo para realizar uma atividade física ou ter momentos de lazer e descanso, sono irregular, podem ser os causadores desse adoecimento mental porque ele é multifatorial. Muitas vezes, pensamos que as doenças mentais são genéticas e hereditárias, mas esses lados precisam de um cuidado.

■ E no caso de crianças e adolescentes?

Existem estudos que comprovam que a exposição às telas influencia no sono e no humor de crianças e adolescentes. Costumo dizer que o aparelho celular se transformou na chupeta digital. A criança chora e dá trabalho?

Coloca para assistir algo no YouTube que ela vai parar de chorar. Mas, onde está o diálogo da família para entender o que está acontecendo? Todo aquele ritmo de trabalho, muitas vezes faz com que não tenhamos tempo de qualidade com as nossas crianças e nossos adolescentes, e isso acaba refletindo de uma forma negativa na construção mental daquela criança.

Um pai e uma mãe cansados, que não têm tempo, e os filhos ficam nas redes sociais vendo um mundo que não mostra suas imperfeições. É uma ausência da figura materna e paterna. É uma visão de mundo perfeito que não existe, uma alteração do padrão de sono, não tem ninguém controlando quanto tempo aquela criança está consumindo todo tipo de conteúdo, e a soma disso é uma ansiedade, uma depressão e outras doenças mentais que vemos nesse grupo.

■ Esse mês celebramos o Janeiro Branco, dedicado ao cuidado da saúde mental. Como irá funcionar a campanha aqui na Paraíba?

É uma ação que já conta com 10 anos e que partiu da iniciativa de um grupo de psicólogos de Minas Gerais e desde o ano passado, começou a valer a Lei nº 14.556/23 que regulamenta a campanha do Janeiro Branco. Basicamente, o principal objetivo é alertar as pessoas sobre o autocuidado com a saúde mental. A proposta é divulgar ainda mais esses serviços que oferecemos, sobretudo, o do ambulatório, que funciona por demanda espontânea.

Os pacientes do interior podem trazer documento com foto, cartão do SUS e comprovante de residência, e com esses três documentos, é só marcar no nosso ambulatório e passar por atendimento médico e multidisciplinar.

■ Qual a estrutura desse atendimento? Quais serviços o Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira oferece?

Hoje, o Complexo oferece atendimento para todas as esferas que envolvem a saúde mental. Se o paciente está em surto, em um quadro de urgência e emergência, temos nosso prontoatendimento e esse paciente pode, ou não, ser internado. Se não for caso de internação, ele será encaminhado para a Rede de Saúde Mental, vai passar por todo atendimento da nossa equipe multidisciplinar, que envolve psicólogos, enfermeiros, médico, assistente social. Esse paciente será acolhido, a demanda será entendida e ele será encaminhado. Se for o caso de internação, internamos.

Também temos nosso serviço de ambulatório, que funciona para todo o estado (exceto João Pessoa, Cabedelo, Santa Rita e Bayeux). Também oferecemos as práticas integrativas, que não são exclusivas para quem vem do interior. De segunda à sexta-feira, o paciente pode chegar a partir das 16h, pegar sua ficha e passar por todo esse atendimento, que inclui terapias com massagens, reiki, auriculoterapia, toda uma rede de suporte que ajuda a reduzir os níveis de estresse e tensões. Tudo para que esse paciente não precise passar para outro nível de complexidade e necessite de tratamento medicamentoso, mas se for o caso, também fazemos esse encaminhamento. Ainda estamos fechando os dados, mas posso adiantar que ultrapassamos os 21 mil atendimentos em 2023.

VEÍCULOS IRREGULARES

Ameaça em potencial no trânsito

Segundo a Fenive, 33% dos veículos que tiveram estrutura alterada estão irregulares e podem provocar acidentes

Alessandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Na Paraíba, há 1.567.816 veículos registrados no Departamento Estadual de Trânsito (Detran-PB). Essa é a frota geral divulgada pelo órgão até julho de 2023. Segundo a Federação Nacional da Inspeção Veicular (Fenive), de 1% e 2% da frota total do estado se refere aos veículos modificados, aqueles rebaixados, ou que passaram a ser movidos a GNV ou que tenham passado por qualquer modificação na característica original. Na Paraíba, eles somariam pelo menos 15.678 veículos. O problema é que, segundo a Fenive, mais de 30% desses veículos alterados não deveriam estar circulando, pois estão irregulares e podem incorrer em falhas que ameaçam a segurança no trânsito.

As estatísticas da Fenive foram baseadas em informações extraídas do banco de dados das empresas de inspeção veicular do país em 2022. Os números mostram que pelo menos 33% desses veículos seriam reprovados, caso passassem por inspeção veicular. Quase a metade (47,58%) apresentou problemas com relação à sinalização (luzes e faróis) e 30,1% registraram defeitos ou irregularidades em equipamentos obrigatórios - cintos de segurança, pneus, freios, barras de proteção, entre outros.

A Fenive explicou que do total de veículos alterados que passam por inspeção, um terço (1/3) é reprovado, tendo que reparar os defeitos para poderem circular. Em entrevista ao jornal A União, o diretor executivo da Federação, Daniel Bassoli, comentou as vantagens desses transportes estarem regularizados.

“Se tais veículos passam por inspeção, assegura-se que as condições de segurança são cumpridas, à luz de regulamentos do Inmetro, que definem os requisitos para inspeção, além da legislação de trânsito. Aqueles que não passam por inspeção, como os irregulares, podem gerar riscos de falhas mecânicas, podendo ocasionar acidentes”, frisou Bassoli.

Segundo ele, a “inspeção veicular é ferramenta fundamental para fomentar a manutenção da frota, reduzindo risco de sinistros por falhas mecânicas. Daniel ressaltou que a fiscalização dos veículos modificados, em circulação, deve ser feita pelas polícias. “Infelizmente, o efetivo dos órgãos fiscalizadores não consegue avaliar todos os veículos em circulação. Por isso, vemos muitos deles irregulares”.

Ele exemplificou as falhas vistas nas vias quando o condutor não se preocupa em seguir as normas: veículos com GNV instalado irregularmente, podendo causar riscos, principalmente, durante o abastecimento; caminhões com a suspensão traseira elevada acima da tolerância prevista, entre outros. “Soluções informatizadas deveriam ser desenvolvidas para facilitar a fiscalização”, disse Bassoli.



Foto: Edson Matos

Foto: Arquivo Pessoal

Segundo especialistas, condutores que investem nas alterações de características ou transformações de veículos sem seguir as normas da lei, como instalação do “kit GNV”, podem enfrentar explosões e outros problemas graves



Foto: Arquivo Pessoal

Sempre procuro fazer tudo de forma regularizada, porque quem não age assim está sujeito a ser pego numa blitz. Então, primeiro andamos com tranquilidade e ainda oferecemos mais segurança ao condutor. Todo ano a gente passa também por uma vistoria. Acho as taxas um pouco abusivas, mas isso faz parte do processo

Thiago Felipe Nóbrega Leles

Fabricantes avaliam critérios no projeto

O engenheiro mecânico, Verilton Nunes, professor do Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB), explicou que quando se pensa na projeção de um veículo, são considerados critérios como a estrada, o clima onde o carro irá circular, até segurança, durabilidade, potência e consumo. Esses e outros requisitos influenciam no sistema desses transportes.

Quando o carro é comprado, há condutor que decide instalar, por exemplo, um “kit GNV”, de gás natural veicular, para obter mais economia no uso do combustível. Outros fazem o famoso “rebaixamento”, por questões estéticas do automóvel. “Em ambos os casos, ocorre uma alteração do projeto, que inicialmente não foi feito para essas alterações, e quando o serviço é realizado de forma clandestina, sem um profundo conhecimento e fiscalização, pode trazer consequências desde um reparo material até colocar em risco a vida”, alertou Verilton.

Tomando como base apenas essas modificações citadas acima, o professor explicou que os trabalhos amadores ou sem a devida inspeção podem resultar em explosão do cilindro de GNV durante o abastecimento por falha de componentes. No caso do “rebaixamento” há risco de sobrecarga nos componentes da suspensão e direção, com ameaça de rompimento dos elementos da suspensão do carro, como molas e a própria

roda. Os prejuízos seriam inevitáveis não só para o condutor, mas para todos ao seu redor, pedestres e outros motoristas.

Quando um carro original de fábrica apresenta falha de funcionamento em determinado modelo ou série, as montadoras, como forma de garantir a segurança dos clientes, costumam convocar os motoristas para fazerem o devido reparo, o chamado “Recall”. “Tudo isso na tentativa de reduzir acidentes por falha de alguma peça e preservar vidas. Quando a alteração é realizada por um clandestino, nenhuma garantia é oferecida ao cliente, pouco se sabe da procedência do material e procedimentos realizados”.

E para quem insiste em

fazer modificações na estrutura do veículo de forma irregular, o engenheiro mecânico deixou um recado. “É aconselhável sempre buscar informações do que se deseja realizar em seu veículo, principalmente em relação à segurança. E buscar oficinas ou representantes que estejam de acordo com o cumprimento de normas e com órgãos fiscalizadores. Mesmo realizando o serviço com algum prestador legalizado, a manutenção periódica é um requisito chave e sempre será fundamental para o acompanhamento do funcionamento e descarte de falhas. Vale seguir o famoso ditado: ‘o barato pode sair caro’ e não há economia ou estética que pague pela vida.”

Alterações estão previstas no CTB

O gerente de Vistoria e Emplacamento do Detran-PB, Renato Prado Alves de Souza, destacou que alterações de características e transformações de veículos são procedimentos previstos no Código de Trânsito Brasileiro (CTB) e nas resoluções do Conselho Nacional de Trânsito (Contran). Essa conduta só passa a ser irregular quando são feitas alterações não previstas, ou previstas e que não foram regularizadas pelo órgão competente.

Para se fazer uma alteração veicular de forma legalizada no estado, Renato explicou que o veículo deverá ser submetido à vistoria no Detran-PB. “Inicialmente, é necessário obter uma autorização prévia sobre a mudança específica, e o serviço deve ser realizado em uma empresa acreditada pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro)”.

Caso seja flagrado pelo órgão fiscalizador com um veículo alterado irregularmente, o responsável pelo transporte irá responder por infração grave, prevista no Art. 230 do CTB e terá de desembolsar R\$ 195,23, sem falar que o veículo ficará retido.

Exemplo positivo
O empreendedor Thia-

go Felipe Nóbrega Leles trabalha com carros para locação em João Pessoa e costuma implantar o “kit GNV” nos veículos, porém, sempre mantendo o cuidado de fazer tudo conforme a legislação. Segundo ele, o investimento nesse serviço varia, conforme o porte do veículo, mas somente o “kit gás” custa em média R\$ 4.500. Para ele, o custo não é baixo, mas compensa.

“Sempre procuro fazer tudo de forma regularizada, porque quem não age assim está sujeito a ser pego numa blitz. Então, primeiro andamos com tranquilidade e ainda oferecemos mais segurança

ao condutor. Todo ano a gente passa também por uma vistoria. Acho as taxas um pouco abusivas, mas isso faz parte do processo”, destacou.

Thiago é cliente da Extra Gás, uma das empresas credenciadas na Paraíba em instalar o “kit gás”. O proprietário, Jean Carlos da Silva Apolinário, disse que para fazer o serviço na empresa, o cliente já tem de vir com a autorização do Detran. “O cliente tem de ir primeiro ao Detran, pegar a autorização, a gente instala, emite a nota fiscal e o motorista vai ao órgão de inspeção para verificar se está tudo certo”, contou.

ALIMENTOS HIPERPALATÁVEIS

Um prazer que deve ser comedido

Consumo em excesso de comidas açucaradas, gordurosas e processadas podem causar doenças como diabetes e câncer

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Alimentos hiperpalatáveis são aqueles que possuem um sabor intenso e gratificante, o que os tornam irresistíveis e difíceis de parar de comer. Eles possuem uma combinação de sabores, texturas e aromas que realçam o gosto e estimulam fortemente o paladar, levando as pessoas a consumirem grandes quantidades em um curto período de tempo. Esses alimentos geralmente são ricos em gorduras, sal, açúcar e podem causar doenças. As receitas são meticulosamente projetadas pela indústria alimentícia para maximizar o prazer sensorial e estimular o consumo. Na verdade, os alimentos hiperpalatáveis são realmente feitos para provocar uma reação semelhante ao vício, da mesma forma que as drogas, também estimulam os centros dopaminérgicos do cérebro. “Muitos deles acabam viciando mesmo! Afinal, cada organismo funciona de forma diferente e algumas pessoas são predispostas a gostarem mais de açúcar, outros de alimentos mais salgados, já outros mais de leite e derivados. Essa combinação ativa o sistema de recompensa cerebral e desperta boas emoções. O problema é que são momentâneas e, assim, o corpo sempre vai pedir mais”, afirmou a nutricionista funcional e integrativa, Jéssica Lisboa.

Salgadinho de pacote, bolacha recheada, chocolate, sorvete, macarrão instantâneo, bebidas açucaradas, pizza congelada, hambúrguer, *nuggets*, batata frita, refrigerante, *fast food*, embutidos e diversos outros ultraprocessados são exemplos de alimentos hiperpalatáveis, ou seja, possuem um super sabor. O consumo excessivo aumenta os riscos de desenvolver problemas de saúde como diabetes tipo 2, doenças cardiovasculares, hipertensão arterial, obesidade e até câncer. “Doenças crônicas de modo geral estão bem associadas ao consumo excessivo e frequente de alimentos hiperpalatáveis e ultraprocessados. As mais prevalentes no mundo são cânceres de diferentes tipos como intestino, mama, gástricos, diabetes mellitus tipo 2 e doenças cardiovasculares,” explicou, Jéssica Lisboa. Portanto, é importante priorizar uma alimentação equilibrada e variada incluindo frutas, vegetais, proteínas magras e grãos integrais, e limitar a ingestão de alimentos hiperpalatáveis e ultraprocessados. A nutricionista frisou que no mercados é possível encontrar diversas opções mais saudáveis e muito saborosas. “Na clínica BC onde atendo, os pacientes conseguem provar em consulta, e se surpreendem com tantas opções boas e saudáveis,” destacou Jéssica Lisboa.



Foto: Arquivo Pessoal

Doenças crônicas de modo geral estão bem associadas ao consumo excessivo e frequente de alimentos hiperpalatáveis e ultraprocessados. As mais prevalentes são cânceres de diferentes tipos como intestino, mama, gástricos, diabetes mellitus tipo 2 e doenças cardiovasculares

Jéssica Lisboa



Pizzas congeladas, refrigerantes e outros itens industrializados maximizam o prazer sensorial

Como Identificar?

As descrições das comidas hiperpalatáveis são, ao mesmo tempo, muito genéricas ou muito restritivas. Segundo um estudo da Universidade do Kansas, nos EUA e publicado pelo periódico científico Obesity, em novembro de 2019, esses produtos são aqueles que contêm: 25% ou mais das calorias vindas de gorduras e mais de 0,3% do peso constituído de sódio; Mais de 20% das calorias vindas de gorduras e outra porcentagem superior a 20% de açúcares; Cerca de 40% das calorias constituídas de carboidratos e mais de 0,2% do peso constituído de sódio. Os pesquisadores destacaram que itens pouco gordurosos também podem ser hiperpalatáveis, como os vegetais preparados em molhos ou cremes. “Os resultados sugerem que o método de preparação e processamento da comida é a chave para determinar sua hiperpalatabilidade, e não apenas o produto em si”, diz o estudo. Outro dado interessante da pesquisa é que até alimentos ditos como dietéticos podem estar inclusos no grupo dos hiperpalatáveis. Segundo a nutricionista, Jéssica Lisboa, isso ocorre porque alguns produtos considerados dietéticos, no caso do zero, podem ter redução de um componente. Por exemplo, não ter açúcar, mas continuar tendo gorduras ou sódio em excesso, ou utilizar adoçantes artificiais que causam rebote no metabolismo. “Alguns deles, caso seja consumida uma quantidade maior que a de 100g, começa a ter esses componentes em excesso, o que começa a ser um risco para a saúde. Sempre devemos prezar pelo equilíbrio, pois, até alimentos que consideramos saudáveis, se exageramos nas quantidades, se tornam algo prejudicial ao organismo,” destacou Jéssica Lisboa.



Fotos: Freepik



Oferta frequente de produtos ultraprocessados às crianças, pode afastá-las de uma alimentação saudável. Adultos também devem ter moderação para evitar prejuízos à saúde

Vida estressante estimula consumo das famosas “comfort foods”

A sobrecarga, seja em maior ou menor intensidade, faz parte do dia a dia de qualquer pessoa. O ritmo acelerado é um dos grandes males da vida moderna. Para lidar com esse desequilíbrio emocional, cada indivíduo adota uma estratégia. Por exemplo, muitos apostam no consumo de alimentos, as famosas *comfort foods*, ou seja, qualquer produto que, quando ingerido em determinada situação, ocasiona conforto físico e psicológico. As *comfort foods* são muito individuais, mas, em situações de estresse,

é comum consumirmos uma maior quantidade de alimentos hipercalóricos para recuperarmos a energia gasta nesses momentos. No entanto, esse hábito pode ser extremamente prejudicial, pois, a combinação entre estresse e alimentação hipercalórica gera mudanças no cérebro que aumentam o desejo por comida, especialmente doces e alimentos hiperpalatáveis, e favorecem o ganho de peso. “Quando estamos em estado de estresse e cansados, nosso corpo ativa o sistema de recompensa e mui-

tas vezes comemos pela emoção repetindo ‘só hoje’, ‘eu mereço, tive um dia difícil’ ou até mesmo, sem perceber, quando a demanda ou responsabilidade de trabalho é alta pode vir o consumo de alimentos doces e/ou salgados como compensação”, disse Jéssica. Ela explicou que esses produtos têm componentes como gordura associada ao açúcar ou excesso de sódio ou glutamato monossódico e geram aumento momentâneo de serotonina e dopamina, respectivamente, ativando emoções boas na pessoa.

Intensidade do sabor dos produtos industrializados gera dependência

Os alimentos hiperpalatáveis viciam o paladar, fazendo com que as crianças recusem outros itens de sabor não tão intensos, facilitando o estabelecimento da seletividade alimentar. Isso significa dizer que um menino ou menina pode consumir uma fruta doce, mas quando apresentada a um biscoito recheado, passa a recusar o alimento natural. “O consumo frequente desses alimentos os distancia de uma alimentação sau-

dável, afinal, pela explosão de sabores muitos vão preferir os ultraprocessados e hiperpalatáveis aos alimentos saudáveis que consideram muitas vezes sem gosto e sem graça,” realçou Jéssica Lisboa. A nutricionista explicou ainda que a exposição à alimentos com alto valor calórico, favorece o surgimento de doenças crônicas não transmissíveis na infância como a obesidade infantil, a hipertensão, a hipercolesterole-

mia, o diabetes mellitus tipo 2 e as doenças cardiovasculares. São doenças consideradas de pessoas em idade avançada, que hoje atingem crianças devido ao mau hábito alimentar. Esses produtos podem gerar carência de vitaminas e minerais, que terminam dificultando o aprendizado, o crescimento, causa puberdade precoce, alterações hormonais, bem como taxas desreguladas, sobrepeso entre outras,” concluiu.

COMPORTAMENTO

Quando a mania vira um problema?

As repetições e os impactos delas - tanto na vida social, quanto no universo emocional - podem indicar um transtorno

Ítalo Arruda
ianolivrra@gmail.com

Comer com os mesmos talheres e no mesmo aparelho de jantar, acender e apagar a lâmpada três vezes, tomar seis goles de água sempre que vai ingerir o líquido, abrir e fechar o armário repetidamente todas as vezes que vai guardar ou retirar algo são alguns dos Transtornos Obsessivos-Compulsivos (TOCs) com os quais lida a jornalista Brenda Costa. “Se eu não fizer isso, sinto que estou sob ameaça ou colocando a minha família em risco”, relata a jovem, que reproduz tais comportamentos como se fossem uma obrigação.

“Quando estou estendendo roupa, coloco e tiro o prendedor várias vezes. Pego uma peça de roupa qualquer e penso: ‘não posso estender essa agora, senão vai acontecer algo com minha família’, e acabo deixando para ser estendida por último”, revela Brenda ao destacar que, quando está muito ansiosa, isso tende a piorar e, inclusive, atrapalhar algumas atividades do dia a dia.

Esse impacto no cotidiano das pessoas, de acordo com especialistas, é exatamente o que distingue o TOC das pequenas manias, como verificar várias vezes se a porta de casa está fechada, ter uma organização extrema, praticar uma higienização exagerada de determinados ambientes e objetos ou comportamentos similares.

O estudante universitário João Victor, por exemplo, tem um hábito peculiar. É que todas as vezes que vai a um determinado supermercado, localizado no bairro Jardim Cidade

Universitária, na Zona Sul de João Pessoa, ao sair do estabelecimento, ele sempre toca a placa sinalizadora de saída instalada naquele local.

“Eu beijo as costas dos dedos indicador e do meio, e, depois, dou um toquinho com eles na placa de saída. E é só nesse mercado”, declara o jovem, frisando que não faz ideia de quando adquiriu essa mania. Ainda segundo João, já aconteceu de ele voltar ao local da tabuleta depois de ter andado o estacionamento inteiro e percebido que não tinha realizado o ritual. “Me dá agonia se eu esquecer e não fizer. Lá é cheio de marcas dos meus dedos”.

Conforme explica a psicóloga clínica Elisiane Barbosa, as manias se repetem devido aos pensamentos e sentimentos intrusivos que chegam à psique, de forma insistente, e geram uma sensação de perda de controle. “Com isso, a pessoa começa a realizar manias que acabam se tornando rituais, como uma tentativa de manter o controle, aliviar a angústia, ansiedade e agonia gerada pelos pensamentos e sentimentos intrusivos”, argumenta a psicóloga.

“Adotamos manias para nos sentirmos mais seguros e garantirmos que aquilo vai acontecer da mesma forma sempre. As manias passam a ser prejudiciais quando elas começam a atrapalhar nossa vida, rotina e vida social”, enfatiza Elisiane.



Repetições de gestos podem significar a necessidade de criar rituais que deem às pessoas uma noção de segurança, no entanto, quando a prática gera consequências negativas, a mania se torna um problema

Fotos: Arquivo Pessoal



João Victor (à esq.) diz que dá toques com os dedos na placa de saída do supermercado e já voltou para fazer o ritual



Diagnóstico se dá com minuciosa avaliação

Ao perceber os efeitos negativos das manias que desenvolveu ao longo dos anos, Brenda Costa reconheceu a necessidade de buscar ajuda profissional para evitar problemas maiores. “Fiz acompanhamento psicológico entre 2018 e 2019, porque isso estava atrapalhando muito a minha vida, e, à época, a psicóloga me encaminhou para um psiquiatra para dar início a medicação”, conta a jornalista. Brenda Costa revelou, ainda, que tudo começou depois de passar por

um relacionamento abusivo. Em entrevista ao Jornal A União, a médica psiquiatra Camilla Franca afirmou que não existe uma causa definida para o TOC e que isso decorre tanto de fatores genéticos quanto de fatores ambientais. Algumas pessoas portadoras do transtorno psíquico, de acordo com a médica psiquiatra, acreditam que se não agirem assim, estão sujeitas a catástrofes e acontecimentos ruins, o que acaba intensificando a realização das ações, como

acontece com os jovens Brenda Costa e João Victor. “É importante avaliar com que frequência os sintomas se apresentam, o quanto interferem na sua vida diária, o grau de sofrimento ou prejuízo que lhe causam”, ressaltou a psiquiatra à reportagem, destacando, também, que o diagnóstico se dá por meio de uma minuciosa avaliação do paciente, bem como da rotina e das interações sociais por ele estabelecidas. Camilla pontuou ainda

que durante a consulta será avaliada a constância dessas repetições, a fim de se obter um resultado ainda mais consistente com relação ao limite entre a normalidade daquilo que é apenas uma mania e o que, de fato, é considerado como um transtorno. “É comum que, corriqueiramente, haja repetição de pensamentos e de ações, mas, para o diagnóstico do TOC, é necessário uma avaliação completa do paciente e que estas repetições tragam prejuízos à sua rotina”.

Tratamento envolve abordagem combinada

O tratamento do TOC, geralmente, envolve uma abordagem combinada que inclui terapia cognitivo-comportamental (TCC), medicamentos devidamente prescritos por um médico psiquiatra e, em casos específicos, intervenções complementares, é o que afirma a psicóloga Elisiane Barbosa. “Existe o tratamento psicoterápico, a psicoterapia e o acompanhamento psiquiátrico, na maioria dos casos, com o uso de medicação. Também ajuda muito nesses casos a meditação, além de práticas e estratégias que ajudem a diminuir a ansiedade daquele indivíduo”, avalia.

Individualizado
É importante ressaltar, ainda, que o tratamento para o TOC é altamente individualizado, e a abordagem ideal pode variar de pessoa para pessoa. Somente um profissional de saúde mental, como um psiquiatra ou psicólogo, deve avaliar o caso e recomendar a abordagem de tratamento específica mais adequada, tomando como base as principais necessidades do paciente.



Adotamos as manias para nos sentirmos mais seguros e garantirmos que aquilo vai acontecer da mesma forma sempre. As manias passam a ser prejudiciais quando elas começam a atrapalhar nossa vida, rotina e vida social

Elisiane Barbosa

RIACHÃO DO POÇO

Produção de batata-doce
marca economia da cidade

Município também se destaca pela comercialização de camarão e tilápia

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Distante 55 km da capital, João Pessoa, Riachão do Poço é uma cidade paraibana que limita-se com os municípios de Caldas Brandão, Mari, Sapé e Sobrado. Segundo o secretário de Comunicação, Herinaldo Nunes de Sena, a economia é baseada na agricultura e piscicultura, tendo como destaque o cultivo da batata-doce. São cerca de 15 produtores dedicados ao produto, cuja colheita ocorre a cada três ou quatro meses.

Juntos, conseguem reunir cerca de 300 toneladas do tubérculo por cada período de colheita. Segundo ele, o plantio da batata-doce já se estende por quase todas as comunidades rurais do município. A maior produção acontece no sítio Lagoa do Padre. A estimativa, aproximadamente, é de 40 toneladas a cada colheita. A produção gera renda, principalmente, no período do plantio e da colheita.

Piscicultura

No local, há investimen-

tos na criação de camarão e do peixe tilápia. Segundo o secretário Herinaldo, o cultivo de camarões vem crescendo. “No Assentamento Chico Mendes, na zona rural, são retiradas, a cada três meses, mais de 30 toneladas do fruto do mar. A produção é escoada para as feiras livres das cidades circunvizinhas. Os piscicultores estão animados com o crescimento constante da produção a cada ano. O cultivo dos camarões no município gera renda e oferta de emprego para os

moradores das comunidades rurais”, declarou. Já a criação de tilápia acontece no sítio Riacho da Serra, próximo da BR-230, com produção estimada de 60 toneladas a cada seis meses. “A venda dos peixes é destinada aos pequenos comerciantes das feiras livre e de mercados das cidades vizinhas”. Riachão do Poço também teve uma produção de amendoim que se destacou há alguns anos, mas foi perdendo força ao longo do tempo e agora está bem pequena.



Fotos: Secom/Riachão do Poço

Produção do tubérculo chega a 300 toneladas por colheita



Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima é um dos principais pontos de visitação

Religiosidade é característica forte

A prefeita de Riachão do Poço, Maria Auxiliadora Dias do Rego, mais conhecida como Cilinha Dias, afirmou que os riachãoenses são um povo “simples, pacífico, hospitaleiro e acolhedor”. A religiosidade é forte na cidade e os principais pontos de visitação são a Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima e o Museu João Ferreira Alves. Esse último, foi fundado por Antônio Marques Ferreira, e no local encontram-se relíquias antigas que contam a história do município. Já a Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima teve sua edificação datada de 1954, ainda como uma capela. A construção demorou cinco anos e segundo a prefeita Cilinha, a criação da paró-

quia ocorreu em 2013, pelo então arcebispo Metropolitano da Arquidiocese da Paraíba, Dom Aldo Pagotto (in memoriam). “A elevação da capela para matriz e, bem como a criação da paróquia, era um desejo antigo dos moradores da pequena cidade de Riachão do Poço. O padre Deivson Santana, na época ainda diácono, foi o responsável pela solicitação ao senhor arcebispo”, comentou Cilinha. A festa em homenagem à santa padroeira é comemorada no terceiro domingo de novembro, relembrando a chegada da imagem na cidade no ano de 1956. Nossa Senhora de Fátima (ou Nossa Senhora do Rosário de Fátima) é uma

das designações atribuídas à Virgem Maria que, segundo os relatos da Igreja Católica, apareceu repetidamente a três pastores (ainda crianças). A primeira delas teria acontecido no dia 13 de maio de 1917. Estas aparições continuaram durante seis meses seguidos em Portugal. **Saiba mais** O município de Riachão do Poço tem 4.738 habitantes, segundo as informações mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A nomenclatura foi inspirada em um riacho que passa por trás da igreja matriz da cidade, o qual tem um poço em seu leito que, mesmo durante as estiagens, não seca.

População comemora 30 anos de emancipação política este ano

O município de Riachão do Poço era um distrito pertencente a Sapé e foi emancipado no dia 5 de maio de 1994 por meio da Lei Estadual nº 5.892, datada de 29 de abril de 1994, com sua publicação no Diário Oficial na data da sua independência (5 de maio de 1994). Esse ano se comemora 30 anos da independência do município, uma história que começou há décadas. Até meados do século 18, o espaço territorial que deu origem ao município era constituído por terras devolutas. Essa situação chegou ao conhecimento do padre João Francisco Rodrigues da Costa por volta de 1779, que exercia atividades religiosas junto à capitania do Taipú, jurisdição daquelas terras. Foi esse sacerdote que teve a iniciativa de solicitar ao representante do imperador de Portugal, na província da Paraíba, a doação daquela área em regime de sesmaria. Segundo o secretário de Comunicação do município, Herinaldo Nunes de Sena, registros do historiador Lyra Tavares, na sua obra de Apontamentos para a história Territorial da Parahyba, mostram que a área que hoje forma o

■ Até meados do século 18, o espaço territorial de Riachão do Poço era constituído por terras devolutas

município foi concedido ao padre João Francisco Rodrigues da Costa através dessa sesmaria, que teria recebido o número 777, datada de 27 de abril de 1780. Outro ponto que vale abordar é a longa existência do padre João Francisco Gonçalves da Costa naquela região. O secretário contou que, devido às permanentes atividades religiosas exerci-

das pelo padre, não só nesse pedaço de terra, mas também nas localidades vizinhas - celebrando casamentos e batizados, foi possível encontrar registros de seus atos apropriados na matriz do Taipú até o ano de 1839, época em que talvez o religioso tenha falecido. As terras formadoras do município de Riachão do Poço, posteriormente, pas-

saram a pertencer ao padre Manoel do Rego Monteiro, ou Manoel Luiz do Rego Monteiro, religioso que na segunda metade do século 19 já havia falecido, conforme se observa em documentos particulares de compras de terras naquele ambiente onde se afirma se tratar do patrimônio do finado padre Manoel do Rego Monteiro. “Portanto, como se vê, o Riachão do

Poço tem um longo passado diretamente ligado a personalidades eminentemente religiosas, razão porque, até os dias de hoje, sua população permanece em quase sua totalidade envolvida pela fé Cristã, imbuída de profundo sentimento religioso”, enfocou Herinaldo Nunes.

Primeira eleição

Mesmo tendo sido emancipado em 1994, Riachão do Poço só teve sua primeira eleição municipal em outubro de 1996. Na ocasião, o prefeito eleito foi o senhor José Ferreira de Sousa (Jeová). A posse ocorreu no dia 1º de janeiro de 1997, data que deu início a instalação do município. José Ferreira foi prefeito por dois mandatos, de 1997 a 2004. A sucessora dele foi a professora Maria Auxiliadora Dias do Rêgo (Cilinha Dias) que também foi eleita por dois mandatos de 2005 à 2012. Depois, o senhor José Constâncio Sobrinho (Zé Constâncio) ocupou o cargo de 2013 à 2016. Em 2016 foi eleita novamente a professora Maria Auxiliadora Dias do Rêgo (Cilinha Dias) que ficara como chefe do poder executivo de 2017 a 2020 e de 2021 a 2024.



Museu João Ferreira Alves é um dos atrativos históricos e culturais que abriga histórias da cidade de Riachão do Poço

No universo de Carmen Red Light

Conheça a cantora, compositora e produtora paraibana radicada na Inglaterra que se liberta dos estereótipos e preconceitos com o seu trabalho musical

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Ela inventou seu nome já compondo também uma personalidade para si: Carmen é de Carmen Miranda, o maior símbolo do Brasil no exterior entre os anos 1940 e 50. Red Light vem do filme *O bandido da luz vermelha*, personagem de um clássico do cinema marginal dos anos 1960. É assinando como Carmen Red Light que a paraibana Izabella Ricarte vem trabalhando como cantora, compositora e produtora musical em Londres, na Inglaterra, de onde tem lançado músicas e videocliques com o estilo *gothic rock*, transitando com performances sensuais pelo universo do *underground* que teve início para ela no Centro Histórico de João Pessoa.

“Eu já cantava aqui em uma banda chamada A Mãe de Quem. O grupo era relativamente conhecido entre os estudantes da cidade. Chegamos a tocar em muitos eventos da cena do final dos anos 90. Nessa época, me chamava Java. Era esse personagem, esse meu eu, antes da transição”, lembra Izabella, que se mudou para a Europa em 2004, e há 14 anos mora e trabalha em Londres. Ela estará em João Pessoa para o lançamento do videoclipe ‘Corre veado’, gravado no bairro londrino de Camden Town. A produção audiovisual dirigida e produzida por ela mantém o estilo vocal agressivo e tenso, e será apresentado no dia 25 deste mês, em local ainda a ser confirmado.

“Um orgulho de poder lançar o videoclipe onde tudo começou na minha vida, onde foi a base da minha carreira. É um trabalho difícil, mas com garra, com luta a gente consegue. É difícil sem apoio, sem patrocínio, mas para isso somos fortes”. Ela conta que já se dedicou a todo tipo de trabalho nesses anos morando fora. “Eu já fui *escort*

também”, diz ela usando a expressão em inglês comum para acompanhantes e profissionais do sexo. “Já fiz de tudo que você imaginar para sobreviver, menos coisas ilegais, menos crime. Mas um ponto sempre que me mantinha viva, era a música”.

Em transição

Nascida em Cajazeiras, no Alto Sertão do estado, Izabella Ricarte é filha de uma costureira com um comerciante local. Ela afirma que nunca sentiu preconceito ou rejeição dentro de casa, mas uma angústia e uma inquietação persistiam. “Existia algo dentro de mim que eu não sabia se era dentro de mim ou se era na Paraíba, no mundo em que vivia. Mas uma liberdade que me faltava. Socialmente, não me sentia com forças para ser eu mesma. Tinha muita força artística e movimento, mas faltava algo. Acho que faltava esse respeito que a Europa me deu, para me dar a liberdade da transição”.

Carmen Red Light também tem procurado fazer uma transição de ordem musical em sua carreira. As tradições roqueira e eletrônica, típicas dos anos 1980 e 90, que ela vem defendendo desde o início de sua trajetória artística, deve ser deixada em segundo plano para assumir uma estética mais *pop* e latina, ritmos que vêm emplacando sucessos no mundo todo.

“É o fim de uma era com esse videoclipe de ‘Corre veado’”, anuncia a artista paraibana. “Quero um trabalho mais atual e eu vim para o Brasil com essas aspirações. O espaço nesse mercado eu considero estar superaberto comparado ao passado. Existe o inconveniente da indústria da música *mainstream* estar mais voltada para o *pop*, mas o rock é *pop*, no final das contas. Eu me acho supercabível a essa cena atual, nesse espaço”, explica ela.

Independentemente do estilo de música que Carmen Red Light produz, as suas referências ainda são as que ela carrega desde o tempo em que vivia em João Pessoa: Amelinha, Luiz Gonzaga, Zé Ramalho, Raul Seixas, Secos e Molhados e Rita Lee. Foi com esse repertório em sua formação musical que ela se lembra das melhores apresentações que já realizou em João Pessoa. “Tive o prazer de fazer um show na Praça Antenor Navarro, no lendário Cabaré de Dona Hilda, no final dos anos 90, onde aconteciam muitas coisas inusitadas. A própria Dona Hilda e as meninas decidiram tirar a noite para se divertirem e o ambiente se tornou a própria cena *underground* viva e diversa da cidade”, recorda ela.

Depois de lançar cinco videocliques e cinco *singles*, Carmen Red Light está à procura agora de formar uma banda, em Londres, para encarar essa nova guinada musical, a fim de realizar o sonho de ser reconhecida nacionalmente. O que permanecerá inalterado, porém, é a mensagem que ela pretende passar com sua música. “É essa transexual que se sente abafada, que se sente boicotada, que se sente como eu já me senti muito na minha vida. E ela dá o seu grito de liberdade. Vai gritar que ela não é o estereótipo que criaram para ela. Ela está livre, vai andar pela cidade e ser ela mesma. Ela dá o seu grito que, com a música, vai ser entendido. A trans saindo dessa prisão social e se mostrando ao mundo”.

Artista cajazeirense trans vai deixar em segundo plano o seu estilo ‘gothic rock’ para abraçar um lado mais ‘pop’ e latino, sem abandonar suas inspirações nordestinas e da MPB

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Canções problemáticas

As canções populares são importantes fontes históricas. Elas dizem muito sobre uma época, seja por sua forma estética ou pelos valores e visões de mundo que expressam.

A história da música popular brasileira está repleta de músicas eticamente problemáticas. ‘Minha *Nêga* na Janela’, de Germano Matias, gravada por Gilberto Gil no álbum *Realce*, tem versos racistas e violentos: “Minha *nêga* na janela / Diz que está tirando linha / Éta, *nêga*, tu é feia / Que parece macaquinha / Olhei pra ela e disse / Vai já pra cozinha! (...)”. Não satisfeito, o eu-lírico bate na esposa e diz: “Dei um murro nela / E joguei ela dentro da pia. Quem foi que disse / Que essa *nêga* não cabia?”

No samba de breque, ‘Na Subida do Morro’, gravado por Moreira da Silva, o eu-lírico está indignado pelo fato de sua mulher ter sido espancada. Ele sobe o morro para promover uma vingança. A letra da canção diz: “Na subida do morro me contaram / Que você bateu na minha *nêga* / Isso não é direito / Bater numa / Que não é sua (...)”. Observe que o eu-lírico não acha errado bater numa mulher, desde que ela seja “sua”.

A letra continua com os versos: “Deixou a *nêga* quase nua / No meio da rua / A *nêga* quase que virou presunto / Eu não gostei daquele assunto / Hoje venho resolvido / Vou lhe mandar para a cidade / De pé junto /

Vou lhe tornar em um defunto (...)”. O eu-lírico volta a ressaltar que não é certo bater em “mulher dos outros”, o que é enfatizado como algo imoral. Ele argumenta que como “malandro malvado” já fez coisas ruins, mas não isso. Como podemos ver nos seguintes versos: “Você mesmo sabe / Que eu já fui um malandro malvado / Somente estou regenerado / Cheio de malícia / Dei trabalho à polícia / Pra cachorro / Dei até no dono do morro / Mas nunca abusei / De uma mulher / Que fosse de um amigo”.

O malando consegue dar cabo ao seu intento de vingança com uma facada na barriga: “Aí meti a mão lá na duana, na peixeira, é porque eu sou de Pernambuco / Cidade pequena, porém decente / Peguei o Vargolino pelo abdome / Desci pelo duodeno, vesícula biliar / E fiz-lhe uma tubagem / Ele caiu, *bum!*, todo ensanguentado”.

A canção ‘Nosso Sonho’, da extinta dupla carioca de *funk* Claudinho e Bochecha, é outra música problemática, porque envolve pedofilia. O eu-lírico se declara para a amada, reafirmando o seu amor e a intenção de continuar com o relacionamento: “Nosso sonho não vai terminar / Desse jeito que você faz / Se o destino adjudicar / Esse amor poderá ser capaz / Nosso sonho não vai terminar (é) Desse jeito que você faz / E depois que o baile acabar / Vamos nos encontrar logo mais”.

Um pouco depois descobrimos que agarota só tem 12 anos, a metade da idade dele: Os teus cabelos cobriam os lábios teus / Não permitindo encontrar os meus / E você é baixinha, gatinha, eu vou parar / Mas tudo isso porque eu me sinto coroa / Tu tens apenas metade da minha ilusão / Seus doze aninhos permitem somente um olhar.

Em 2018, a música ‘Surubinha de Leve’, do MC Diguinho, alcançou a primeira posição no top 50 do Spotify no Brasil. O *funk* faz apologia ao estupro, o que levou a uma campanha para que ela fosse retirada das plataformas de streaming. A letra fala de maneira explícita: “Só uma surubinha de leve, surubinha de leve / Com essas filha da puta / Taca a bebida, depois taca a pica / E abandona na rua / Taca a bebida, depois taca a pica / E abandona na rua”.

MC Diguinho chegou a se defender afirmando que morava com a mãe e a irmã, por isso “jamais iria denegrir a honra e imagem das mulheres”. Num *storie* do Instagram, ele culpou a mídia e usou um discurso homofóbico: “A mídia manipulou os pensamentos onde um negro cantar *funk* é apologia ao crime/estupro e etc, agora beijo *gay* em novela das oito é lindo e perfeito aos olhos do mundo e vocês apoiaram essa ideia! Parabéns Brasil! Minha música foi retirada das plataformas digitais. Obrigado a todos que apoiaram a ideia da mídia manipuladora”.

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Estética de Baumgarten

O filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) investigou como a sensibilidade pode gerar conhecimento. Ele desenvolveu a Teoria Estética como uma disciplina que estuda o conhecimento sensível, que pode ser inato ou adquirido por meio do ensino. No segundo caso, seu objetivo é compreender a beleza do conhecimento sensível. Para Baumgarten, os princípios que regem a sensibilidade coincidem com as regras de expressão do belo subjetivo, que surgem da união das representações da própria percepção sensível.

Suas teses estão em seu livro *A Estética* (1750), o qual aborda tanto um aspecto teórico quanto prático, discutindo temas relacionados à arte e ao belo, partindo do princípio que a natureza humana é a causa necessária e suficiente para compreender e se harmonizar com a realidade e o Universo. A parte teórica explora as condições para a viabilidade do conhecimento sensível, especialmente em relação à beleza. A prática fundamenta-se nos princípios que formam o desenvolvimento do gosto e da aptidão artística por meio de sua atividade contínua. O conceito de “estética” é apresentado como a “percepção do mundo sensível”, introduzido em seus escritos *Filosóficos Meditações* (1735). Essa obra aborda questões relacionadas à produção poética. O pensador separa sua função utilitária e moral do aspecto belo em relação aos objetos estéticos. Essa tese foi uma crítica oposta aos conceitos de “belo” e “bom”, uma constituição moral apresentada pelos filósofos gregos Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) e Platão (428/427-348/347) no livro *A República*, em seu sétimo capítulo, escrito pelo filósofo Platão em 370 a.C. Nessa obra, Sócrates demonstra no aspecto “belo” uma categoria que busca o útil através de uma funcionalidade para potencializar as virtudes, e, por meio da imitação, o “belo” torna-se um “bem supremo”, desse modo a arte adquire seu valor pelos efeitos gerados na representação. Em outro livro, intitulado *O Banquete* (380 a.C.), escrito por Platão, a arte se manifesta como a expressão estética da beleza dos corpos e das ações humanas. É destacado que há uma influência do belo e do bem so-



‘Modéstia’, do Antonio Corradini (1688-1752)

bre um objeto belo. No livro *A Poética* (335 a.C.), escrito pelo filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), ocorre uma aproximação entre a contemplação estética do belo platônico e a dimensão prática da obra de arte, o que resulta na associação entre a beleza e a vida sensível, ou seja, entre a arte e a vida. Portanto, nesse último pensador, Baumgarten encontra uma conexão natural com a aprendizagem.

A estética baumgartiana apresenta diferentes níveis de conhecimento. Ela revela a capacidade superior da faculdade humana, que aborda de forma científica temas metafísicos; em contraste, há um nível inferior que depende da ajuda da inteligência, mesmo sendo um conhecimento indeterminado, ocorrendo no âmbito do conhecimento sensorial e se relacionando com o conhecimento abstrato. Essa abordagem estética apresenta graus de representações com a finalidade de promover uma mudança de um entendimento confuso para um estado de clareza, por meio das operações intelectuais do entendimento, essas características foram influenciadas pelo filósofo alemão Christian Freiherr von Wolff (1679-1754). Segundo Wolff, a apreensão dos objetos sensíveis é uma habilidade empírica, a racionalização corresponde à combinação dos

elementos relacionados à beleza no pensamento. No primeiro caso, trata-se de uma relação intuitiva direta com o ambiente. No segundo, ocorre uma interiorização na forma de um procedimento da inteligência.

O conceito de belo, segundo Baumgarten, é subjetivo por ser uma representação do sujeito. Os objetos sensíveis são apreendidos pela inteligência, transformando-se em imagens, e o conhecimento sensitivo se torna um sistema de representações, cuja unidade e harmonia correspondem à beleza. Assim, a compreensão da beleza só pode ser atingida por meio das representações dos argumentos estético-lógicos. Por exemplo, apenas no pensamento pode-se reconhecer a ideia de simetria, quando este conceito está relacionado à proporção e unidade como uma maneira de externar o objeto diante de si. O belo só existe na medida em que se apresenta em seus aspectos sensíveis. A estética é a arte de pensar de forma bela, aproximando-o de um objeto racionalizável por meio de representação e subjetividade. Isso conduz ao aprimoramento da sensibilidade que leva ao “belo pensamento”, quando o espectador se identifica nas características universais do “belo natural”, ou seja, em sua essência.

Sinta-se convidado à audição do 453º Domingo Sinfônico, deste dia 14, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as contribuições para a filosofia da arte e estética dos compositores alemães Johann Sebastian Bach (1685-1750) e Robert Alexander Schumann (1810-1856), do polonês Fryderyk Franciszek Chopin (1810-1849) e do austríaco Johannes Chrysostomus Wolfgangus Theophilus Mozart (1756-1791). Também algumas peças eruditas em diferentes períodos: para o barroco, o desenvolvimento da polifonia, do contraponto e da modulação tonal; para o classicismo, a homofonia e as melodias de frases simples e claras, com início, meio e fim, que deram origem à estrutura periódica; e para o primeiro romantismo alemão, a necessidade de seguir a intuição para expressar a realidade por meio dos sentimentos, priorizando a liberdade.

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

Memes feito à mão

Tenho certeza que não tenho certeza de nada. Nunca tive. Nem do milagre do pão, mas é melhor se fartar. Não sou e nem quero ser dono de nada. Ninguém é de fulano. Chico Buarque estava certo, não vale a pena ficar resmungando em tempo e contratempo, porque não vale a pena ficar, só por ficar. Eu fui-me embora.

Vozes das entranhas vizinhas vindas da consciência, diz que eu tenho que gostar mais de mim, e se você não gosta de mim, sua filha, sua mãe, seu pai, a cidade em romaria da Penha, das Graças, amém.

Por meio do último piti do general Osório, que já virou meme, que se dá por aí, de quem escuto por um ouvido e sai pelo outro. A moça que me vende Ginkgo Biloba 80g, disse que é sério e eu fiquei de bico calado, nesse sol inexorável, sobre minhas lágrimas. Meu trunfo é paus, nasci no Sertão, onde estão os pressentimentos da ventania. De noite, na cama, eu não fico mais pensando se ela me ama. Ela quem?

Eu quero um xodó, aquela moça da feira, a moça do violão, o corpo dela já é uma canção, “viola, furria, amor, dinheiro não” – e tem o sangue latino em minhas veias e sou inspiração. Quem não me conhece que não me compre, que quando a maré encher, vou me jogar no bando das sereias, para esperar a tarde e ver nuvens azuis.

Minha memória disto tudo, daquilo, dos prazeres que ficaram noutro verão, digo vagão, mudo de canal... da Mancha, vejo televisão para cachorros famintos, e meu olhar visivelmente vidrado, mas sou eu, já refeito, de boa – influência mundial de Seu Pereira, porque quando eu amo, eu devoro, na mesma satisfação.

Tudo que foi impossível e deu em nada, pela metade, meia boca, mesa posta e pela esferográfica espessa vejo o quadro dos fartos seios pintados por Bruno Steinbach, quando ele estava preso na cela de uma cadeira – o quadro é meu, ele me deu, e está do lado da janela, quem é ela, quem é ela, quem é ela?

Nada de mendigar desculpas, ó minha amiga, pelo bar fechado, pelo carro atolado, atoladinha, mas logo vem uma solidão assegurada pela multidão, que espia no silêncio, sem lenço, tossindo, sem documentos, das tardes quentes dos trópicos de nossas vidas. Deixa de piti, general!

Eu vi o moleque Ricardo no cabelo da hora, não era domingo, que eu odeio domingos, era na saída de um cruzeiro, ligeiro, anunciando purezas, alegrias, que o melhor era uma sinfonia, mas eu só pensava no pagode vagabundo. É isso, da canção de Chico Buarque, outra vida, minha vida, olha o que é que eu fiz? Não fiz.

Vais pelas calçadas, não é nada, mas a estrada é comprida tirana e a terra prometida, amarela e quase sem nenhuma sombra. Onde andarás as cigarras que cantavam nos quintais dos ouvidos do K, hoje zumbidos, e dores nos quartos de ninguém.

Depois vinha com o vinho preto e surgia lá, no final, Dona Maria Gato, com as mãos calejadas e enroladas no manto de Maria e os ramos reluziam sem nenhuma dor no meu jatobá. E, assim, eu cresci com a pisada no chão dos paralelepípedos e não venha dizer que eu estou mudando de assunto, que tudo isto não importa só, somente só, assim vou lhe chamar, assim será, o eterno general Osório, que foi parido na maré de Aldeota, no Ceará, gritando Iracema, “*monamu*”. Ou será que no Ceará não tem disso, não?

Kapetadas

- 1 - Percy Jackson é a imitação mais famosa de Harry Potter. E Isidoro Sifflothin não tem esse nome do livro de Enrico Ianniello. Aguardem.
- 2 - O mundo está repleto de inteligências burras.

Imagem: Bertrand Brasil/Divulgação



‘A vida prodigiosa de Isidoro Sifflothin’, romance do escritor, ator e diretor italiano Enrico Ianniello

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O Nudoc e sua criação por Lynaldo

Início dos anos de 1980. Com o fim do reitorado de Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque – de saudosa memória – na Universidade Federal da Paraíba, uma resolução deixada por ele (Portaria R/GR nº 024/80) e assinada pelo seu vice-reitor, professor Serafim, nomeava-me um dos membros fundadores do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc). Junto comigo, também indicados os professores João Mauricio de Lima Neves, à época, pró-reitor para Assuntos Comunitários (Prac), o maestro Pedro Santos e o fotógrafo Manoel Clemente, que assumiria, anos depois, a coordenação do núcleo, então instalado no prédio da Reitoria da UFPB.

Nessa época, trabalhando no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), eu dava aulas no Departamento de Comunicação Social, no Curso de Jornalismo e Relações Públicas, criado no reitorado de Lynaldo Cavalcanti. O fotógrafo Arion Farias dividia comigo a disciplina Oficinas de Foto-Cine (fotografia e cinema). Sempre buscando a parceria do Nudoc, que, com a saída do maestro Pedro Santos, estava agora sendo coordenado por Manoel Clemente, recentemente falecido. Pelo que vão, aqui, as nossas condolências.

Visando os demais setores acadêmicos da universidade, o Nudoc ficaria com a atribuição de assistir às propostas de realizações culturais e artísticas da UFPB. Programa previsto por Lynaldo, que deixava a Reitoria para presidir recém-criada Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnoló-



Foto: Acervo Pessoal

Reitor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque (C) e equipe, na época da criação do Nudoc

gica e Inovação (Abipti), em Brasília. E por ser jornalista profissional, convidado por Lynaldo, passei à sua Assessoria de Imprensa, criando mensalmente o *Boletim da Abipti*. Foram dois anos que passei trabalhando nos escritórios da Asa Norte, em Brasília, enquanto fazia o meu curso de mestrado, na UnB, em Comunicação Social e Cultura Contemporânea, sob orientação do professor e cineasta Pedro Jorge de Castro.

Retornando de Brasília, novamente busquei assessorar-me ao Nudoc e à sua política de extensão cinematográfica, na UFPB. Clemente já não estava na coordenação do núcleo. Mesmo assim, independente da finalidade para a qual foi criado, não devemos esquecer que o Nudoc foi criado sob influência de uma época em que o cinema paraibano foi o mais autêntico. De figuras-símbolos da nossa cinematografia, de realizações que marcaram época, e que, hoje, mui-

tas delas, continuam esquecidas pela nova geração de *videomakers*.

Instituições como Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP), à época, formadas e representadas por jornalistas como Wills Leal, Antonio Barreto Neto, Linduarte Noronha e seu *Aruanda*, principalmente Machado Bittencourt, saudosamente, devem ser sempre lembradas. Porque construíram não só cinema; mas, écrans e sonhos, que se materializaram aos dias de hoje. Feitos que foram, de fato, a verve, a inspiração para a criação do nosso Nudoc.

Em tempos atuais, tentando restaurar a filosofia “humana” desse cinema (que jamais foi “indústria”) e, de certo modo, buscar revivê-la, é que foi criada a nossa Academia Paraibana de Cinema (APC). Saúde, aos que dela fazem parte. – Mais “Coisas de Cinema”, em: www.alexantos.com.br.



APC reúne sua nova diretoria

Na quarta-feira passada (dia 10), a Academia Paraibana de Cinema realizou sua primeira reunião no ano, para homologar a ata de assembleia geral do dia 28 de dezembro de 2023, que deu posse à nova diretoria da entidade. O ato aconteceu nas dependências do Cine Mirabeau, às 9h, no bairro do Bessa, em João Pessoa. A pauta do encontro, aprovada unanimemente, foi a seguinte: 1) Leitura do relatório da gestão passada da APC; e 2) Posse do novo conselho diretor, sendo presidente o prof. João Lima Gomes, e vice o prof. Mirabeau Dias, para o triênio 2024-26. A assembleia celebrou também o Dia Mundial do Cinema, homenageando a atriz Zezita Matos com o curta audiovisual *Anna Margot*, realizado pelos acadêmicos da APC Alex Santos e Manoel Jaime Xavier.

Em cartaz

ESTREIAS

BEEKEEPER – REDE DE VINGANÇA (EUA. Dir.: David Ayer. Ação. 16 anos). Adam Clay (Jason Statham), um homem aparentemente comum que esconde um grande segredo: ele é ex-agente de uma poderosa organização clandestina chamada Beekeepers (Apicultores). Em uma perigosa conspiração, Clay tem seu passado exposto para o mundo e, entre outros efeitos colaterais, acaba perdendo uma pessoa muito querida. Tomado pela fúria, ele parte em uma busca frenética por vingança contra aqueles que revelaram seu maior segredo. CENTERPLEX MAG 2: 14h15 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 14h - 19h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 16h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h15 - 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 16h15; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h40; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h40.

CHAMA A BEBEL (Brasil. Dir.: Paulo Eduardo Machado Nascimento. Aventura. 10 anos). Bebel (Giulia Benite) é uma jovem cadeirante que mora com sua mãe (Larissa Maciel) e o avô (José Rubens Chachá) nas margens de uma rodovia no interior que vê sua rotina mudar drasticamente quando se muda para a cidade grande para poder estudar em uma nova escola. CENTERPLEX MAG 1: 14h45; CENTERPLEX MAG 4: 16h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h - 17h15 - 19h45.

MENINAS MALVADAS (Mean Girls. EUA. Dir.: Samantha Jayne e Arturo Perez Jr. Comédia e Musical. 12 anos). Cady Heron (Angourie Rice), é uma jovem que se muda da África para os Estados Unidos e precisa começar uma nova vida, enfrentando dificuldades para se adaptar à mudança de rotina - principalmente no novo colégio. Entre os vários estudantes do North Shore, Cady conhece o grupo das garotas mais populares do local, comandado por Regina George (Renée Rapp), a abelha-rainha da escola. CENTERPLEX MAG 1: 19h15 (dub.) - 21h40 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 16h45 - 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 13h30 - 19h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h30 - 18h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h30 - 16h40 - 18h50 - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h30 - 16h40 - 18h50 - 21h.

PRISCILLA (EUA. Dir.: Sofia Coppola. Cinebio. 16 anos). A adolescente Priscilla Beaulieu (Caillee Spaeny) conhece Elvis Presley (Jacob Elordi) em

uma festa e o astro se torna alguém completamente inesperado em momentos íntimos. Ela vive uma paixão arrebatadora com o Rei do Rock. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 16h30 - 19h; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 21h40.

OS REJEITADOS (The Holdovers. EUA. Dir.: Alexander Payne. Comédia e Drama. 16 anos). Um prestigiado internato se prepara para as férias. Contra sua vontade, o professor Paul Hunham (Paul Giamatti) é o responsável por cuidar dos estudantes que precisam ficar no colégio no feriado. Durante a tarefa, ele precisa lidar especificamente com um adolescente rebelde (Dominic Sessa) que está lidando de sua própria forma com a morte do pai. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h30 - 17h30 - 20h45.

CONTINUAÇÃO

AQUAMAN 2: O REINO PERDIDO (Aquaman and the Lost Kingdom. EUA. Dir.: James Wan. Aventura e Fantasia. 12 anos). Depois de não conseguir derrotar o rei dos mares pela primeira vez, Arraia Negra (Yahya Abdul-Mateen II) utiliza o poder do mítico Tridente Negro para liberar uma força antiga e maligna. Na tentativa de proteger Atlântida e o resto do mundo, Aquaman (Jason Momoa) deve forjar uma aliança incômoda com um aliado improvável e deixar as diferenças de lado para evitar uma devastação irreversível. CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 18h20 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE (dub., 3D): 13h - 15h45 - 18h30 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h - 19h - 22h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h20; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 18h30 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 18h30 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h20.

PATOS! (Migration. EUA, França, Canadá. Dir.: Benjamin Renner. Animação. Livre). Uma família de patos decide deixar a segurança de um lago da Nova Inglaterra (EUA) para se aventurar na Jamaica. No entanto, acabam na cidade de Nova York. CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 14h; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 18h40; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h15 - 15h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h15 - 16h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 14h45 - 17h - 19h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 16h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h (sáb. e dom.) - 15h - 19h30; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 19h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 16h35; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h20; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 16h35; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h20; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h.

MAMONAS ASSASSINAS (Brasil. Dir.:Edson Spinello. Cinebio. 12 anos). A trajetória de Dinho (Ruy Brissac), Júlio (Robson Lima), Bento (Alberto Hino), Sérgio (Rhener Freitas) e Samuel (Adriano Nunes) que, juntos, formaram os Mamonas Assassinas. O quinteto precisou de muitas tentativas frustradas para alcançar um sucesso estrondoso nacionalmente, em um curtíssimo espaço de tempo. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 18h45 - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 17h15 - 21h45; CINE SERCLA TAMBIA 4: 16h50; CINE SERCLA PARTAGE 3: 16h50.

MINHA IRMÃ E EU (Brasil. Dir.: Susana Garcia. Comédia. 14 anos). As irmãs Mirian (Ingrid Guimarães) e Mirelly (Tatá Werneck) nasceram em Rio Verde, no interior de Goiás. Elas não realizaram o sonho da mãe, Dona Márcia (Arlete Salles), de se tornarem uma dupla sertaneja e, além de terem seguido caminhos opostos, vivem em pé de guerra. CENTERPLEX MAG 1: 20h; CENTERPLEX MAG 4: 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 15h15 - 18h - 20h40; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 14h45 - 17h30 - 20h15; CINE SERCLA TAMBIA 3: 14h35 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 4: 14h35 - 20h45.

WISH: O PODER DOS DESEJOS (Wish. EUA. Dir.: Fawn Veerasunthorn e Chris Buck. Animação. Livre). No reino mágico de Rosas, Asha faz um desejo tão poderoso que é atendido por uma força cósmica: uma pequena esfera de energia ilimitada chamada Star. Juntas, Asha e Star enfrentam um inimigo formidável: o governante de Rosas, Rei Magnífico. CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 16h15; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 14h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 17h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 13h45 - 16h - 18h15 - 20h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h45 - 15h45 - 18h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h45 - 18h25; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 16h10; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h45 - 18h25; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 16h10.

WONKA (EUA. Dir.: Paul King. Fantasia e Musical. 12 anos). Cheio de ideias e determinado a mudar o mundo, o jovem Wonka (Timothée Chalamet) embarca em uma aventura para espalhar alegria através de seu delicioso chocolate. Nela, ele acabou conhecendo o seu fiel e icônico assistente, Oompa Loompa (Hugh Grant), que o ajudar a ir contra todas as probabilidades para se tornar o maior chocolatier já visto. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 16h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 20h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h50; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h50.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Entre eles e elas

Quando me apaixono por um escritor ou escritora, quero ler tudo deles e delas. Ler tudo o que se escreveu sobre eles e elas. Ler também o que eles e elas leram. Conhecer seus “demônios” individuais, culturais e históricos.

Uso, aqui, a nomenclatura de Vargas Llosa, estudando Gabriel García Márquez, no delicioso e indispensável *História de um deícidio*.

Chego a formar estantes com esses acervos especiais. Diria mesmo que se trata de uma *paideia* literária que me oferta nomes para cravar o espaço das prateleiras, numa ordem bibliográfica que foge ao rigor e à eficácia dos padrões científicos.

Uma ordem que cede aos encantos e às manias de uma paixão quase mística pelo universo dos livros. Uma ordem que apela para o gosto íntimo, para uma relação em que magia e erotismo se fundem numa convivência ao mesmo tempo crítica e sentimental.

Fui ler, por exemplo, Thomas Hardy, por causa de José Lins do Rego. Lawrence Durrell, por causa de Henry Miller. Dostoiévski, por causa de Albert Camus e Ernesto Sábato. Julien Green, por causa de Lúcio Cardoso. Virgínia Wolff, por causa de Clarice Lispector. Euclides da Cunha, por causa de Ariano Suassuna. Os grandes de Inglaterra, por causa de Jorge Luís Borges. Eça de Queiroz, Machado de Assis, por causa de Graciliano Ramos. William Faulkner, Daniel Defoe, Franz Kafka, por causa de Gabriel García Márquez.

E assim, sucessivamente, na escala elástica e flexível da leitura.

Escreveria parágrafos sem fim, fosse falar dessa odisséia biobibliográfica. De minha biblioteca amorosa. Do meu jeito de lidar com os escritores e escritoras que me habitam a sensibilidade e o imaginário. T. S. Eliot, a quem li, por causa de César Leal e Oswaldino Marques, tem toda razão. Os poetas, os autores, os artistas, nunca podem ser conhecidos, sozinhos.

Existe uma cadeia carregada de elos ligando uns a outros. Ninguém consegue ser nada sem a linha incontornável da tradição a costurar as aproximações, as semelhanças e as diferenças.

Os precursores não só vêm antes. Vêm depois, a partir de uma lógica inelutável que organiza os capítulos de uma gramática histórica a nos permitir ver, por exemplo, em Olavo Bilac, e mais que em Bilac, em Alberto de Oliveira, sinais intransferíveis de João Cabral de Melo Neto. João Cabral e Francis Ponge não teriam qualquer coisa de irmãos gêmeos?

Aprecio, portanto, as páginas em que os escritores e as escritoras discorrem acerca de suas primeiras leituras, das leituras que os marcaram, das leituras que nunca abandonaram nas circunstâncias particulares de suas vidas de escritor.

A propósito, eis um curioso método. Rastrear o que existe de fulano em beltrano. Ao lermos os antecessores, podemos compreender melhor os autores que estamos lendo.

Cotejar posições ideológicas, preferências temáticas, táticas estilísticas, configuração de personagens, técnica de composição e outras nuances expressivas de um texto podem nos conferir a oportunidade de conhecer melhor a obra desse ou daquele escritor ou poeta.

Em certo sentido, está entre eles e elas, isto é, escritores e escritoras, simultaneamente, tanto pela linhagem, quanto pelo tempo, pela geografia, pela vertente estética, nos ilumina a possibilidade de estabelecer relações de convergência e de antagonismos, alargando, assim, o horizonte de expectativa do leitor diante da complexa fenomenologia literária.

Em síntese, se quisermos ler, ler bem lido, o autor ou a autora que amamos, não devemos ler apenas ele ou ela. Há uma enorme, diversa, infinita viagem livresca por se fazer.

Foto: Eduardo Verdugo/Estadão Conteúdo



Escritor colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014)

Colunista colaborador

MÚSICA

No ritmo do Salão do Artesanato

Cantora e multi-instrumentista Ruanna Gonçalves se apresenta, hoje, em João Pessoa, na programação da 37ª edição do evento

Da Redação

Neste primeiro final de semana da 37ª edição do Salão do Artesanato Paraibano, que está sendo realizado em Tambaú (no estacionamento do Hotel de mesmo nome), na capital paraibana, haverá também apresentações musicais durante o evento, que vai até o dia 4 de fevereiro. São nomes como Nathália Bellar, Tambores do Forte, Vó Mera, Escurinho, Fernanda Ferreira e Ruanna Gonçalves, esta última realizará o show hoje, a partir das 19h, com canções autorais, além dos clássicos da música brasileira e paraibana.

Ruanna é cantora, compositora, guitarrista e cavaquinista. Gaúcha radicada na Paraíba, atua no campo artístico local desde 2017, tanto em trabalhos que vem desenvolvendo através de suas performances solo, como também em parcerias com os grupos Samba Leve e Gatunas, além do projeto de verão *Musa Caliente*, com Seu Pereira e Coletivo 401.

Pela sonoridade, Ruanna engloba ritmos que vão desde o *blues* até o samba, em performances acústicas e também com banda. Nas letras, uma diversidade temática que envolvem questões amorosas e debates sociopolíticos, como a luta das mulheres.

A artista lançou três *singles* em sua carreira solo, ‘Marinheiro’ iniciando a parceria de lançamentos com a Caiana Produções e com a editora e selo YB Music, ‘Nem o Tempo vai levar’, com o produtor Agah de Campina Grande, e recentemente lançou ‘Bateu Saudade’, música e videoclipe, um *feat* com o renomado artista baiano Luiz Caldas.

Atualmente, Ruanna Gonçalves está em processo de gravação do seu primeiro disco solo, que deverá ser lançado no primeiro semestre deste ano, e que contará

com parcerias musicais paraibanas, a exemplo de Toninho e Seu Pereira.

Na sua carreira solo, Ruanna tem feito shows em diversos estados, como Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e também por outras cidades da Paraíba. A artista já participou de importantes festivais interpretando composições próprias, e foi semifinalista (2019) e finalista (2022) do Festival de Música da Paraíba. Também foi finalista da 2ª edição do Festival Cariri da Canção (2022), na cidade Crato (CE). Ela participou do programa especial junino *Só Elas*, da Rede Globo, dividindo o palco com Elba Ramalho, Solange Almeida e demais artistas.

Participou do documentário *Guitarrice*, sobre guitarras decolonizadas no Norte e Nordeste, atuando como representante da nova geração de guitarristas da Paraíba.

Com a banda Gatunas – atualmente formada pela própria Ruanna (guitarra e vocal), Morgana Moraes (contrabaixo e vocal), Adri L (teclados e sintetizadores) e Marcondes Orange (bateria) – recebeu o prêmio nacional

Dynamite de Música Independente com o EP *Gata de Rua* e participou de diversos festivais, como o Campus Festival, Festival Mundo, Marielle Vive, Dia Internacional da Mulher da Funesec, Parada LGBTIA+, entre outros.

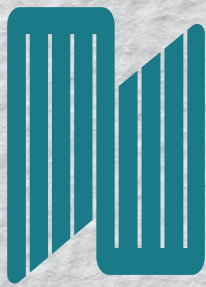
A partir das 19h, artista gaúcha radicada na Paraíba contará com repertório de canções autorais, além dos clássicos da música brasileira e paraibana

Ritmos

Indo do *blues* ao samba, a artista lançou três *singles* solo, incluindo *feat* com o músico baiano Luiz Caldas



Foto: Áurea Caroline/Divulgação



Livraria
A UNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/

marketing epc



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



GOVERNO
DA PARAÍBA



ELEIÇÕES 2024

Calendário definido, prazos valendo

Campanha para prefeituras e câmaras de vereadores deve mobilizar candidatos em busca de apoios e votos

Falta menos de um ano para que 152 milhões de eleitoras e eleitores compareçam às urnas para escolher candidatas e candidatos aos cargos de prefeito e vice-prefeito, além vereadoras e vereadores, que atuarão nas casas legislativas dos municípios do país.

As eleições municipais de 2024 serão realizadas no dia 6 de outubro, e um eventual segundo turno deve ocorrer no último domingo do mês (dia 27), nas cidades com mais de 200 mil eleitores em que a candidata ou candidato mais votado à Prefeitura não te-

nha atingido a maioria absoluta, isto é, metade mais um dos votos válidos (excluídos brancos e nulos). Alguns prazos referentes às eleições municipais de 2024 já começaram a valer na virada do ano. Confira as principais datas:

Pesquisa de opinião

Desde o dia 1º de janeiro, todas as entidades ou empresas que realizarem pesquisas de opinião pública sobre intenção de voto em eventuais candidatas e candidatos às Eleições Municipais de 2024 devem fazer o registro prévio do levantamento no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O registro da pesquisa na Justiça Eleitoral deve ocorrer até cinco dias antes da divulgação dos resultados.

Audiências públicas e resoluções

De 23 a 25 de janeiro, todas as resoluções que disciplinam as Eleições Municipais de 2024 serão discutidas em audiências públicas e posteriormente aprovadas pelo Plenário do TSE. As resoluções regulamentam dispositivos contidos na legislação e sinalizam a candidatas e candidatos, a partidos políticos e a cidadãs e cidadãos condutas permitidas e vedadas durante o processo eleitoral.

Janela partidária

Entre 7 de março e 5 de abril, acontece a janela partidária, período em que vereadoras e vereadores poderão trocar de partido para concorrer às eleições sem perder o mandato.

Registro de estatutos e filiação partidária

Dia 6 de abril, seis meses antes do pleito, é a data-limite para que todas as legendas e federações partidárias obtenham o registro dos estatutos no TSE. Esse também é o prazo final para que todas as candidatas e todos os candidatos tenham domicílio eleitoral na circunscrição em que desejam disputar as eleições e estejam com a filiação deferida pela agremiação pela qual pretendem concorrer.

Alistamento eleitoral

Jovens que precisam tirar o título ou eleitoras e eleitores que desejam fazer a transferência de domicílio eleitoral ou alterar o local de votação têm até 8 de maio de 2024, 151 dias antes do pleito, para solicitar os serviços da Justiça Eleitoral. É importante que todas e todos consultem como está a situação eleitoral. Caso haja pendências, a regularização deve ser requerida dentro do mesmo prazo.

Fechamento do cadastro eleitoral

Após o período do alistamento, a Lei das Eleições (Lei nº 9.504/1997) determina que nenhum requerimento de inscrição eleitoral ou de transferência seja recebido dentro dos 150 dias anteriores à data da eleição. Portanto, a partir de 9 de maio, o cadastro estará fechado

Confirmação do TPS

Entre os dias 15 e 17 de maio de 2024 acontece, na sede do TSE, em Brasília, o Teste de Confirmação. No evento, as investigadoras e os investigadores participantes do Teste Pú-

blico de Segurança da Urna (TPS), ocorrido no período de 27 de novembro a 2 de dezembro do ano passado, voltam ao Tribunal para conferir se as soluções aplicadas pela equipe técnica foram suficientes para corrigir os achados encontrados durante a realização do TPS.

Financiamento coletivo

Em 15 de maio, pré-candidatas e pré-candidatos poderão iniciar a campanha de arrecadação prévia de recursos na modalidade de financiamento coletivo, desde que não façam pedidos de voto e obedeçam às demais regras relativas à propaganda eleitoral na internet.

Convenções e registros

Entre 20 de julho e 5 de agosto é permitida a realização de convenções partidárias para deliberar sobre coligações e escolher candidatas e candidatos às prefeituras, bem como ao cargos de vereador. Definidas as candidaturas, as agremiações têm até 15 de agosto para registrar os nomes na Justiça Eleitoral.

Propaganda eleitoral

Esse tipo de publicidade só pode ser feita a partir de 16 de agosto de 2024, data posterior ao término do prazo para o registro de candidaturas. A data é um marco para que todos os postulantes iniciem as campanhas de forma igual-

itária. Até lá, qualquer publicidade ou manifestação com pedido explícito de voto pode ser considerada irregular e é passível de multa.

Propaganda em rádio e TV

Pré-candidatos que apresentem programas de rádio ou televisão ficam proibidos de fazê-lo a partir do dia 30 de junho. Já em 6 de julho, passam a ser vedadas algumas condutas por parte de agentes públicos, como a realização de nomeações, exonerações e contratações, assim como participar de inauguração de obras públicas.

Horário eleitoral gratuito

A propaganda gratuita no rádio e na TV é exibida nos 35 dias anteriores à antevéspera do primeiro turno. Dessa forma, a exibição deverá começar em 30 de agosto e se encerrará em 3 de outubro, uma quinta-feira.

Prisão de eleitores

Já a partir do dia 21 de setembro (15 dias antes do dia da eleição), candidatas e candidatos não poderão ser presos, salvo no caso de flagrante delito. Eleitoras e eleitoras, por sua vez, não poderão ser presos a partir do dia 1ª de outubro (cinco dias antes do dia da eleição), a não ser em caso de flagrante delito, em cumprimento de sentença judicial por crime inafiançável ou em razão de desrespeito a salvo-conduto.



Foto: Ascom/TSE

As UE2022 substituirão as urnas modelo 2009, 2010 e 2011, que chegaram ao fim do ciclo de vida útil

APROVAÇÃO NA CÂMARA

Projeto cria linha de crédito para pessoas com deficiência

Recursos serão destinados à compra de equipamentos e tecnologias assistivas

A Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência da Câmara dos Deputados aprovou projeto de lei que cria linhas de crédito para compra de equipamentos e tecnologias assistivas pelas pessoas com deficiência. O texto também amplia a faixa de renda que assegura o acesso a juros reduzidos.

A medida foi aprovada na forma do substitutivo da relatora, deputada Delegada Katarina (PSD-SE), ao Projeto de Lei 1697/23, do deputado Juninho do Pneu (União-RJ), que incorporou ao texto trechos do Projeto de Lei 1229/19, da senadora Mara Gabrilli (PSD-SP), que tramita em conjunto.

“Os altos custos de determinados produtos de tecnologia assistiva hoje impedem o acesso de pessoas com deficiência ao cotidiano em sociedade, pois parte delas tem extrema dificuldade em adquirir os itens necessários para uma qualidade de vida coerente com a deficiência”, disse a relatora ao defender as mudanças.

Pela Lei 10.735/03, podem ter acesso a juros reduzidos pessoas físicas com renda mensal de até 10 salários



Foto: Zeca Ribeiro/Câmara dos Deputados

A deputada Delegada Katarina foi a relatora da proposta

mínimos (R\$ 14.120 hoje). O substitutivo prevê que, para aquisição de bens e serviços de tecnologias assistivas, esses juros reduzidos valerão para as pessoas com deficiência que recebem até 20 salários mínimos.

Obrigatoriedade

Pelo texto aprovado, instituições financeiras públicas e privadas serão obrigadas

a oferecer linhas de crédito com condições diferenciadas, definidas pelo Banco Central, para pessoas com deficiência. Essas linhas de crédito deverão ser divulgadas amplamente, de forma a garantir o acesso aos benefícios.

Para ter acesso às linhas de crédito especiais, as pessoas com deficiência deverão comprovar a condição por

meio de laudo médico ou documento equivalente. O documento poderá ser expedido pelo Sistema Único de Saúde (SUS) ou por profissional de saúde devidamente habilitado, nos termos da legislação em vigor.

Garantias

O substitutivo prevê que o Banco Central poderá definir normas complementares para a operacionalização das linhas de crédito especiais. O texto assinala, porém, que as instituições financeiras públicas e privadas não poderão exigir garantias reais adicionais além daquelas exigidas para operações de crédito convencionais.

“A oferta de condições diferenciadas para o acesso ao crédito poderá viabilizar projetos e investimentos que, de outra forma, seriam inviáveis para pessoas com deficiência”, disse o deputado Juninho do Pneu, autor de uma das propostas.

Tramitação

O projeto tramita em caráter conclusivo e ainda será analisado pelas comissões de Finanças e Tributação; e de Constituição e Justiça e de Cidadania.

PREVIDÊNCIA SOCIAL

Beneficiários podem ser isentos de contribuição

A Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados aprovou projeto de lei que prevê contribuição facultativa para a Previdência Social para os beneficiários do seguro-desemprego.

Foi aprovado o substitutivo do relator, deputado Pastor Henrique Vieira (Psol-RJ), para o Projeto de Lei 6560/13, do deputado licenciado Sandro Alex (PSD-PR). Além da proposta original, o relator aproveitou também um dos três apensados.

Assim, a pessoa dispensada sem justa causa, ou em gozo do seguro-desemprego por ter sido submetida a regime de trabalho forçado ou a condição análoga à de escravo, poderá contribuir para a Previdência Social com 5% do benefício mensal.

O substitutivo altera a Lei Orgânica da Seguridade Social. Além de aposentadoria e pensão, quem contribui para a Previdência Social tem ainda direito a auxílios diversos, nos casos de doença, afastamento temporário ou nascimento dos filhos.

“A contribuição previdenciária facultativa dos trabalhadores em gozo de seguro-desemprego é meritória, dada a vulnerabilidade e a restrição financeira a que estão sujeitos”, disse o deputado Pastor Henrique Vieira no parecer aprovado.

O segurado facultativo é o que, mesmo não estando obrigatoriamente vinculado ao sistema previdenciário,

por não exercer atividade remunerada, opta pela inclusão no sistema. Estão nesse caso, entre outros, estudantes e donas de casa.

Contribuintes individuais

O substitutivo também equipara contribuintes individuais que prestam serviços a empresas àqueles com atuação similar em entidades beneficentes de assistência social, atualmente isentas por lei das contribuições para a Previdência Social.

O contribuinte individual é o que exerce por conta própria atividade econômica de natureza urbana ou presta serviço de natureza urbana ou rural, em caráter eventual, a uma ou mais empresas ou entidades, sem relação de emprego.

Hoje, a alíquota para o contribuinte individual que presta serviços a empresas é de 20%, mas 9% poderão ser compensados em razão da parte paga pela firma. Desta forma, isso resulta em 11% efetivamente recolhidos por esse trabalhador.

Segundo Pastor Henrique Vieira, pessoas que atuam em entidades beneficentes não têm como comprovar contribuição patronal, dada a isenção existente. “A lei precisa ser aprimorada, para permitir aquela mesma dedução [de 9%]”, disse.

O projeto tramita em caráter conclusivo e será analisado agora pelas comissões de Finanças e Tributação; e de Constituição e Justiça e de Cidadania.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Cordel do ChatGPT

O Promotor de Justiça Adelmo Pinho, de Araçatuba, São Paulo, gosta da literatura de cordel, escreve seus versos, porque cordelista nasce como capim nessas quebradas brasileiras, do sul ao norte, cada qual com sua pegada. Ele garante que não é refratário à tecnologia, respeita a Inteligência Artificial, mas “não venha botar gosto ruim de androide no meu poema”. Para ele, um robô não se equipara ao ser humano, que possui cognição, sentimento, relaciona-se com outras pessoas, animais e plantas. E de quebra a autora ou autor de carne e osso aprecia muito bem o sabor de um caldo de mocotó com cachaça de cabeça, coisa que o robô jamais conhecerá, sendo que essa gustação e outros prazeres da carne, ou aperiéis da vida, fazem muita diferença na hora da onça beber água e do poeta poetar suas paixões e ardores da vida real. Essa ferramenta serve pra ajudar a programar e potencializar os negócios dos empresários, produzir textos jornalísticos e até imitar o estilo de um Fernando Pessoa. Mas, para criar um produto artístico, terá que comer muita farinha de dados e analytics.

Reconheço que sou ignorante até mesmo no trivial, quando se trata de dialogar com o computador. Minha conversa com a máquina é cheia de falta de intimidade. Por isso mesmo me nego a ser aquele palpiteiro que diz tolices nas redes sociais, sem pesquisar nada e sem saber do que está tratando. Enfrentar a eloquência e a sabedoria de uma máquina metida a pensar como seres humanos está muito acima de minha capacidade. Não tenho maiores restrições à IA. No entanto, surgem as primeiras reclamações sobre a falta de gentileza e cortesia da Inteligência Artificial. O usuário perguntou porque não existe bebida alcoólica sem calorias. “Porque o próprio álcool tem sete calorias por grama, seu imbecil!”, respondeu sem adestramento de civilidade o multisciente e mal educado equipamento.

Outro dia meu filho Erich Mozart me apresentou à Inteligência Artificial. Nada mais é do que o software, uma espécie de cérebro comandando feito um febreito mágico os tais algoritmos. Depois do bicho sequenciar as instruções, operações e raciocínios que orientam o funcionamento do software, o praga é capaz até de ganhar uma partida de xadrez contra o Mestre Mundial.

Falando sério e sem querer atemorizar, Yuval Harari, historiador, alerta que o uso da IA para o mal pode formar governos de ditaduras digitais, com o controle absoluto das pessoas. O risco, porém, está na intenção de quem controla a tecnologia (governo e as grandes empresas do ramo). O próprio Elon Musk confessou que a IA pode ser o instrumento de “destruição da civilização”. O Brasil quase teve sua democracia atropelada não faz muito tempo, por causa do populismo digital de certa personalidade muitíssimo controversa.

Meu filho explicou que o ChatGPT foi programado para realizar diferentes atividades. Sua capacidade vai desde criar respostas, produzir conteúdos e até entender a linguagem humana. “Ele sabe escrever cordel?” “Claro que sim! É só dar a ordem”. “Crie um cordel com estrofes em sextilha sobre o Romance do Pavão Misterioso”, ordenei. No instante imediato, a Inteligência Artificial despejou a seguinte baboseira:

No sertão nordestino,
Há uma lenda tão antiga,
Do pavão misterioso,
Que deixa a todos intrigas.

E foi assim que José Américo,
Com sua pena de ouro em mãos,
Escreveu o Pavão Misterioso,
Uma história de amor e paixões.

Rosinha, a moça mais linda,
Do sertão onde a história se passa,
Encanta os corações dos homens,
Com sua beleza que não tem farsa.

Mandei a IA catar coquinho e fui dormir pensando se, em algum momento do que me resta de vida, iria ver a Inteligência Artificial chegar aos pés de Silvino Pirauá, gênio nascido em Patos e criador do martelo agalopado.

HISTÓRIA

Estatuto do Índio completa 50 anos

Lei de 1973 foi criada pela ditadura militar para fugir de acusações internacionais de genocídio do povo indígena

A principal lei de proteção dos povos indígenas do Brasil acaba de completar 50 anos. Trata-se do Estatuto do Índio (Lei 6.001), que

determina, entre outros pontos, que os indígenas têm direito à demarcação e à posse das terras que ocupam, devem ter seus valores culturais

respeitados e precisam ser protegidos pelo Estado. Não foi por benevolência, no entanto, que em 19 de dezembro de 1973 o presidente Emílio

Garrastazu Médici assinou o Estatuto do Índio — em vigor até hoje. Documentos históricos guardados no Arquivo do Senado, em Brasília,

mostram que a ditadura militar se empenhou na criação do estatuto porque o Brasil vinha sendo acusado no exterior de genocídio dos povos originários.

No entender dos militares, a nova lei neutralizaria as denúncias, que eram reiteradamente feitas por jornais, políticos e organismos estrangeiros.

Ricardo Westin
Agência Senado

Entre 1970 e 1973, período em que o projeto do Estatuto do Índio permaneceu em discussão no Congresso Nacional, senadores tanto da Arena (partido de sustentação da ditadura) quanto do MDB (partido de oposição consentida) refutaram diversas vezes as acusações de genocídio.

O senador Vasconcelos Torres (Arena-RJ) discursou: “Somos clinicamente acusados de genocídio, numa tremenda campanha de imprensa contra o Brasil de graves repercussões internacionais”.

Para o senador Adalberto Sena (MDB-AC), não haveria problema se os jornais estrangeiros se limitassem a citar as arbitrariedades políticas do regime militar, como a cassação de mandatos:

“Nada teríamos a dizer disso, porque realmente constitui uma anormalidade. Contudo, eles têm deixado de lado esses fatos para se apegarem a mentiras. Uma dessas balelas é a de que tratamos mal e chegamos mesmo a matar índios. Todos sabemos que não é verdade. Não existe nenhuma ação governamental no intuito de eliminar aqueles que foram os primeiros habitantes da nossa terra”, declarou Sena.

O senador Mem de Sá (Arena-RS) ficou furioso ao saber que partiram acusações até do Senado dos Estados Unidos, mais especificamente do gabinete de Edward Kennedy, irmão do falecido presidente John Kennedy.

“É de pasmar que um senador que leva o nome Kennedy garanta com uma tranquilidade grotesca que ‘o governo brasileiro admitiu que o Servi-



Índigenas do povo Cinta Larga, na divisa entre Mato Grosso e Rondônia, num registro da década de 1970

ço de Proteção ao Índio estava assassinando índios sistematicamente’. Esse bravo congressista, pelo que se depreende de sua verbiagem, reserva para

governos sul-americanos a virilidade das agressões que não se anima a dirigir aos governantes de seu próprio país nem muito menos aos da Rús-

sia, da China ou de Cuba. Se é contra o Brasil, vale tudo. Qualquer asseveração fantasmagórica passa a ser dogma no discurso do senador de Mas-

sachusetts”, discursou.

O senador Eurico Rezende (Arena-ES) contou aos colegas que sentiu na pele os efeitos dessa “campanha tremendamente mentirosa” quando esteve em Dakar, capital do Senegal, para proferir uma palestra numa universidade.

“Fui recepcionado com imensa vaia. Alguns estudantes mais exaltados não queriam que eu fizesse a conferência. Fiquei perplexo. O vice-reitor me disse que os jornais da Europa tinham intoxicado a opinião pública do Senegal noticiando que no Brasil se praticava o genocídio, isto é, que o governo estimulava o extermínio das tribos. Com muita dificuldade, falei alguma coisa. Não pude terminar a conferência. Quase toda a imprensa alemã e parte da imprensa francesa cometem uma injustiça para com o Brasil, exibindo uma mentira que contaminou a África inteira”.

O senador Benedito Ferreira (Arena-GO) apontou o jornal francês Le Monde como um dos mais engajados: “O Le Monde, comprometido com o esquerdismo, muito se prestou à terrível campanha provavelmente por haver a afinidade da raça (entre Brasil e França), por existirem ligações históricas ou por lá terem montado o tristemente famoso “comitê” de tentativa de desmoralizar e comunizar o Brasil”.

De acordo com o senador José Lindoso (Arena-AM), as acusações de genocídio não condiziam com a índole do brasileiro: “O índio representa aquele que foi o dono primeiro da terra, com o qual estamos dialogando na construção de uma civilização, esta civilização brasileira representada

por uma democracia racial, sem abismos entre grupos de raças ou de qualquer outra espécie, porque as pontes são as da solidariedade, do diálogo e da fraternidade cristã”.

Na defesa do governo, o senador Luiz Cavalcante (Arena-AL) foi ainda mais longe: “Médici é hoje nome que está até na maloca dos índios. E não somente maloca. Também está nos corações dos que nela habitam”.

De acordo com o relatório da Comissão Nacional da Verdade, de 2014, pelo menos 8.350 indígenas morreram comprovadamente em decorrência de violências diretas e omissões do governo brasileiro entre 1946 e 1988, período que inclui a ditadura militar (1964-1985).

O documento avalia que o número real de mortos deve ser “exponencialmente maior”, mas é impossível de ser determinado porque muitos casos não foram documentados.

A virada dos anos 1960 para os anos 1970 foi caracterizada pelo incentivo da ditadura à ocupação da Amazônia. Os generais no poder acreditavam que essa era uma região despovoada e, como tal, vulnerável a infiltrações “subversivas” e invasões estrangeiras.

Com o intuito de garantir a segurança nacional e, ao mesmo tempo, construir o “Brasil grande”, o governo militar investiu pesado na abertura de espaços na floresta para nela assentar pequenos colonos oriundos de outros pontos do país, permitir a instalação de grandes empreendimentos agropecuários, liberar a extração de madeiras e minérios e construir rodovias e usinas hidrelétricas.

Transamazônica expulsou povos tradicionais e gerou conflitos

Em 1970, por exemplo, o general Médici lançou o Programa de Integração Nacional (PIN), que incluiu a abertura da rodovia Transamazônica, entre o Amazonas e a Paraíba, e a criação de vilas e comunidades rurais às suas margens. Os slogans do PIN foram “integrar para não entregar” e “terra sem homens para homens sem terra”.

A Amazônia, contudo, não era uma terra sem homens. Os grupos indígenas que viviam nos locais das obras tiveram que sair. Alguns deles jamais haviam tido contato com os brancos.

Cabia à Fundação Nacional do Índio (Funai), comandada por militares, fazer o primeiro contato e tentar convencê-los a se mudarem. Os indígenas que aceitavam acabavam por vezes sendo transferidos para lugares

inadequados, sem condições de subsistência ou perto de grupos inimigos.

Os que não aceitavam a mudança por bem, por sua vez, saíam por mal. Os embates entre os indígenas e as forças de segurança pública ou os vigias das obras eram corriqueiros e resultavam em mortes e até massacres. As flechas não tinham como fazer frente às balas.

Embora os problemas tenham sido mais frequentes no Norte, os indígenas foram considerados obstáculos a projetos da ditadura em todas as regiões do Brasil.

O jornalista Rubens Valente, repórter da Agência Pública e autor do livro Os Fuzis e as Flechas: a história de sangue e resistência indígenas na ditadura (editora Companhia das Letras), explica por que os generais no

poder tinham tanta aversão à palavra “genocídio”:

“Após a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, a ONU enquadrou o genocídio como crime contra o direito internacional, e o Brasil ratificou a convenção. Por isso, se houvesse alguma acusação formal contra o país, o governo seria julgado pelos tribunais internacionais e poderia ser condenado. Era tudo que a ditadura não queria. A palavra ‘genocídio’ era combatida de todas as formas”.

A Comissão Nacional da Verdade usa o termo “genocídio” em alguns trechos do relatório, mas adota com mais frequência a expressão “graves violações de direitos humanos”. “Trata-se de uma discussão que não é simples, porque envolve a conceituação jurídica de ‘genocídio’”, continua Valente. “De qual-

quer forma, os povos indígenas que foram submetidos a tantas violações e sofreram perdas monumentais de vidas humanas sen-

tem que o que sofreram foi, sim, um genocídio”. Mais tarde, em 1980, o Brasil foi condenado pela quarta sessão do Tribunal

Russell, em Roterdã, por violar direitos humanos dos povos Waimiri Atroari, Yanomami, Nambikwara e Kaingang de Manguerinha.



Obras de construção da rodovia Transamazônica, que ligaria o Amazonas à Paraíba

PREFEITURAS E UNIVERSIDADES

Inscrições abertas para seleção de professores

Município de Belém abriu processo seletivo com 125 vagas, 40 só para professor polivalente; UEPB e URFN também estão com inscrições abertas

Alinne Simões
alinnesimoesjp@gmail.com

A Prefeitura de Belém e a Prefeitura de Juru aqui na Paraíba estão inscrevendo para diversos cargos de nível fundamental, médio e superior durante o mês de janeiro. Uma ótima oportunidade é para os cargos de professor que estão com várias vagas disponíveis. Quem está com oportunidade para essa carreira é a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN).

Com salários que vão até R\$ 3.851, o concurso da Prefeitura de Belém oferece 125 vagas em diversos cargos, entre eles o de professor fundamental 1 (polivalente) que tem 40 vagas abertas. As inscrições podem ser feitas até o dia 5 de fevereiro, pelo *site* da banca organizadora, a Facet Concursos (concursos.facetconcursos.com.br). A taxa de inscrição é R\$ 72 para cargos de nível fundamental, R\$ 92 para nível médio e R\$ 112 nível superior. As provas estão previstas para acontecer no dia 3 de março.

Já o certame da Prefeitura de Juru, que também tem vagas para professor polivalente, está com inscrições abertas até o próximo dia 21 de janeiro, no *site* da Educa Assessoria Educacional (educapb.com.br). As inscrições estão custando entre R\$ 60 e R\$ 90, a depender do nível de escolaridade do cargo escolhido. O concurso tem 63 vagas para diversos níveis de ensino e vai acontecer em três etapas: prova escrita objetiva, avaliação de títulos e prova prática. A prova objetiva está marcada para acontecer no dia 10 de março de 2024.

Outras oportunidades são os certames abertos pela Universidade Estadual da Paraíba e a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Na UEPB, são 46 vagas para professor, sendo que 35 delas são para ampla concorrência, nove para candidatos declarados pretos/pardos e duas para pessoas com deficiência. As inscrições podem ser feitas até o dia 5 de fevereiro, no *site* da universidade. Os salários vão de R\$ 6.353,38 a 8.338,82, para um regime de trabalho T-40. A prova escrita está marcada para o dia 17 de março.

Para a UERN estão abertas 106 vagas, sendo 66 para docentes e 40 para técnicos. A seleção de técnicos contempla vagas em áreas específicas com cargos de nível superior e médio. As inscrições vão até o dia 8 de fevereiro, pelo *site* do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan), , nos valores de R\$ 120 para técnicos e Instrutores de nível médio, R\$ 180 para advogados e técnicos de nível superior e R\$ 250 para o cargo de docente. As provas serão aplicadas no dia 21 de abril e o salário pode chegar até R\$ 9.672,47.



Professor polivalente tem a responsabilidade de atuar nos primeiros anos da Educação Básica

Educador polivalente atua na formação inicial do aluno

O professor polivalente é um profissional que está presente, especialmente nos primeiros anos da Educação Básica, por isso ele tem uma grande responsabilidade, uma vez que é o responsável, se assim podemos dizer, por ensinar as “primeiras letras” às crianças. O profissional que atua nessa área tem formação superior em Pedagogia e muitas vezes se especializa para dar aulas nos Ensinos Fundamental e Médio, em matérias diferentes.

A pedagoga e especialista em psicopedagogia, Aline Soares, conta que no caso dos professores que atuam na base da educação, ou seja, nos anos iniciais, eles lecionam em várias áreas de conhecimento, como português, matemática, ciências, história e geografia, por exemplo.

“Então, nos baseamos na BNCC, em vários documentos para poder nortear o nosso trabalho. Nesses anos iniciais, atuando na área de ciências portuguesas, matemática, tudo junto, interdisciplinando esse conhecimento para melhor transmitir para os nossos alunos. Porque nós, pedagogos polivalentes, es-

Pedagogia

O professor polivalente tem formação superior em Pedagogia e, muitas vezes, também uma especialização

tamos habilitados a estar atuando em várias áreas de conhecimento”, afirma a professora, que leciona no primeiro ano do Ensino Fundamental na rede municipal.

Por ter esse caráter multidisciplinar a rotina de trabalho do professor polivalente acaba sendo bem dinâmica, pois está todo dia fazendo algo diferente, ensinando disciplinas diferentes. “A gente trabalha com várias crianças, elas aprendem de formas diferentes. São estratégias diferentes de acordo com o que há necessidade ali naquela turma, para aquela criança. E nós aprendemos muito com as crianças também. É a partir do conhecimento prévio delas que a gente vai transmitindo

e planejando o nosso dia-a-dia, a transmissão realmente do conhecimento”, revela Aline.

Segundo Aline, a formação superior em Pedagogia é fundamental para o exercício da profissão, mas nem o polivalente vai estar em sala de aula. “Atuamos sim em sala de aula, a maioria, e atuamos também fora dela, dando apoio pedagógico, tanto para o aluno como para os professores, na questão da supervisão escolar e da orientação escolar”. Ela conta que de toda forma é muito importante ter a experiência da sala de aula, até para o próprio profissional se conhecer melhor.

“Se eu gosto da minha profissão? Não, eu não gosto, eu amo – ser professora, polivalente, pedagoga, alfabetizadora, é muito gratificante. É muito prazeroso, é como ter um filho, toda mãe diz que tem aquele ditado, padecer no paraíso. E ser professora é isso também”, frisa.

Para ela, ser professor polivalente é ensinar, mas também compartilhar, aprender, dividir e se envolver com aquela criança que está iniciando sua vida educacional e precisa ter uma boa experiência, desde a base.

Curtas



Anvisa publica edital

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) publicou nessa sexta-feira (12) edital do concurso público para preenchimento de 50 vagas de especialistas em regulação e vigilância sanitária. As inscrições terão início às 10h do dia 22 de janeiro e vão até as 16h (horário de Brasília) do dia 16 de fevereiro de 2024. O valor da taxa de inscrição é de R\$ 160. As provas serão aplicadas no dia 21 de abril.

O salário inicial é de R\$ 16.413,35 para jornada de 40 horas semanais. De acordo com o edital, o concurso terá duas etapas. A primeira é composta pelas provas objetiva, discursiva – eliminatórias e classificatórias – e avaliação de títulos, com caráter classificatório. Na segunda etapa, será realizado curso de formação, com eliminação e classificação. A empresa contratada para executar o concurso é o Cebraspe.



Polícia penal do CE

O concurso da Polícia Penal do Ceará deu mais um passo rumo ao lançamento de um novo edital. A Secretaria de Planejamento e Gestão (Seplag) do estado do Ceará publicou uma portaria definindo a comissão coordenadora do certame. O grupo será composto por membros da Seplag, da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) e da Procuradoria-Geral do Estado.

A escolha da comissão aconteceu um mês após a contratação de banca organizadora. A empresa que irá cuidar da seleção será o Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan). A previsão é de que o certame ofereça 800 vagas no total, sendo 600 imediatas e as outras 200 para formação de cadastro reserva.

O novo edital para Policial Penal do Ceará poderá sair ainda este ano, cerca de sete anos após a última seleção para a carreira.



Fuzileiros navais

O Comando do Pessoal de Fuzileiros Navais (CPes-FN), torna público a abertura das inscrições para o Concurso Público de Admissão ao Curso de Formação de Soldados Fuzileiros Navais (CPC-FSD-FN) para as Turmas 1 e 2/2025. Segundo o edital, são 1.680 vagas disponíveis em várias unidades da corporação espalhadas pelo país. No quantitativo de vagas acima mencionado, encontram-se as reservadas para candidatos (AC, PCD, N, I) que se enquadrem nos itens especificados no edital de abertura.

Para realizar a inscrição, os interessados devem acessar o site da Marinha até o dia 16 de fevereiro de 2024. A taxa de inscrição é de R\$ 40 e a data-limite para efetuar o pagamento é o dia 19 de fevereiro de 2024.

O concurso terá duas etapas para a classificação, sendo o Exame de Escolaridade (EE), com uma prova escrita objetiva, e Eventos Complementares (EVC). Os requisitos são apresentados no edital de acordo com a localidade escolhida pelo candidato.

Selic	Sálário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 13 de dezembro de 2023					IPCA do IBGE (em %)	
		-0,37%	-0,61%	-0,56%	Dezembro/2023 0,56	130.987 pts
11,75%	R\$ 1.412				Novembro/2023 0,28	
		R\$ 4,857	R\$ 5,321	R\$ 6,200	Outubro/2023 0,24	
					Setembro/2023 0,26	
					Agosto/2023 0,23	+0,26%

INFORMALIDADE

Comércio na praia é renda para ambulantes da capital

Período da alta estação leva vendedores às areias da orla de João Pessoa

Alinne Simões
alinnesimoesjp@gmail.com

Com a chegada do verão, as praias de João Pessoa estão lotadas, não só de moradores, mas de muitos turistas que veem nas “férias” a oportunidade de conhecer a cidade que é considerada o terceiro melhor destino do Brasil para viajar, segundo o Prêmio Melhores Destinos, edição 2023/2024. Esse também é o período perfeito para as pessoas que comercializam e ganham a vida vendendo produtos na areia das praias.

A comerciante Maria da Graça é natural de Alagoa Grande, mas há 26 anos comercializa produtos nas areia da Praia de Tambaú, ela conta que começou vendendo bebidas como água de coco, refrigerante e cerveja, mas que depois optou por vender canga, chapéu, viseira, bolsa e biquíni, que são os produtos que até hoje dão o sustento dela e da sua família. “Vendia coco e um dia fui para Caruaru e comprei umas mercadorias. Desde então, criei meus filhos e estou por aqui hoje, sobrevivendo”.

A comerciante disse que essa época do verão é muito



Maria das Graças tira o próprio sustento e o da família das vendas que faz nas areias da orla

boa, mas que nem sempre é assim e que já teve dias de não vender absolutamente nada. “Mas é o que eu tenho pra hoje. Se eu não tenho estudo, eu tenho que correr atrás”.

Há quem tenha entrado no ramo mais recentemente, caso de Lucinéia Farias que comercializa roupas e óculos de sol na praia há apenas três anos. Ela conta que começou vendendo água, mas para fugir um pouco do sol, acabou mu-

dando os meios de trabalho. “Eu sempre trabalhei na rua vendendo como ambulante. E aí surgiu essa ideia de vender outros produtos. Para mim, essa época de alta temporada é a melhor do ano para vender porque as praias estão cheias”, comenta, acrescentando que os óculos de sol são os produtos com maior saída.

Edvaldo Cavalcante também vende óculos de sol, mas apenas no período do verão e

quando as vendas “esfriam” ele trabalha com outras coisas. Ele está nas praias de João Pessoa há três anos, mas entrou na profissão de ambulante há cerca de 20 anos vendendo redes. “É um pouco sofrido, nesse solzão. Um dia é bom, outro dia é fraco e assim vai indo. Quando esfria mais, diminui as pessoas, eu trabalho com outras coisas, vendo panela, meia. Eu escolhi viver assim”, reconhece.

Turistas aproveitam a venda de produtos

Agnolia Dantas é paraibana, mas mora há muitos anos em São Paulo, aproveitou a alta estação e as férias para visitar a terra natal, bem como, trazer a sua filha para conhecer suas origens. Ela estava procurando um produto que remetesse a João Pessoa para levar de “lembracinha” da cidade. “Gostei muito da bolsa, mas estou procurando algo que me identifique, que onde eu chegue as pessoas digam que é de João Pessoa”. Ela contou que adora comprar com o pessoal que vende nas praias porque eles sempre têm produtos interessantes. “Agora mesmo, acabei de comprar uma canga”, revela.

Já Aline Sena estava pra-

ticando exercícios com alguns familiares quando avistou um comerciante que vendia roupas. Ela é moradora da cidade, mas estava com familiares do Ceará. “Estou comprando bermuda para meus sobrinhos, para eles aproveitarem a praia com um shortinho bem legal”. Aline disse que sempre que pode compra algo que está precisando pela praia mesmo, com os ambulantes, pois acredita que dessa forma ajuda a valorizar o trabalho deles.

“Eu costumo caminhar aqui na praia, no calçadão e também valorizar as pessoas que, apesar de serem informais, também fazem o seu trabalho dignamente”, avalia Aline.



Aline Sena diz valorizar o esforço dos ambulantes



Severino da Silva faz da praia seu escritório ao ar livre

Trabalho cansativo tem visual como recompensa

Quem também escolheu viver caminhando nas areias da praia vendendo produtos foi Severino da Silva. Conhecido por seu alto astral, o ambulante caminha de uma ponta a outra das praias urbanas da capital, vendendo cangas. Severino é paraibano, mas morou muitos anos no Rio de Janeiro, cidade que lhe deu um sotaque bem característico. Há quem pense até hoje que ele é um carioca ganhando a vida em terras pessoense, mas ele garante ter orgulho de ser paraibano.

“Eu morei muito tempo no Rio de Janeiro. Só que eu mudei para cá quando me aposentei, aqui é mais tranquilo, confortável”. Faz pelo menos 15 anos que Severino vende canga na praia, já vendeu chapéu e viseira, mas optou pelo

atual produto porque é “mais leve”. “A gente sobrevive com os trocados, aqui não tem que pagar o imposto, não paga o frete. Isso aqui é o meu paraíso, é o meu lugar, é o meu escritório ao ar livre”.

No Rio de Janeiro, ele trabalhava formalmente em uma empresa e nas horas vagas ele ia vender produtos nas praias cariocas. Segundo ele, era uma forma de ganhar um extra. Geralmente, Severino chega na orla por volta das 8h30 e fica até as 13h, porque nesse horário o sol já está “castigando muito”. “A minha história é essa. Tem pessoas chatas e tem as que nos motivam a continuar trabalhando. Com a vista dessa todos os dias, não tem como se estressar. A gente trabalha de bem com a vida”, reforça.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Adeus ao DOC e à TEC

Amanhã o Brasil testemunhará o encerramento de duas das suas modalidades bancárias mais tradicionais: o Documento de Ordem de Crédito (DOC) e a Transferência Especial de Crédito (TEC). Este marco representa uma significativa mudança no cenário das transações financeiras no país, impulsionada principalmente pela popularização de alternativas mais modernas e eficientes, como o Pix.

O DOC foi introduzido pelo Banco Central do Brasil em 1985, enquanto a TEC surgiu no mesmo ano. Ambas as modalidades tinham um limite de valor máximo para as transferências de R\$ 4.999,99. O DOC, geralmente, processava as transferências no dia útil seguinte ao da operação, enquanto a TEC garantia a transferência de recursos até o final do mesmo dia em que foi emitida a ordem. São operações caras, tanto para os correntistas quanto para os bancos.

Para os correntistas, a cobrança de tarifas muitas vezes irritava, pois, além de caras, o serviço não se efetivava de imediato, podendo durar 24 ou 48 horas para que ela finalizasse e o dinheiro ficasse disponível no destino. Para os bancos a manutenção desse sistema também implicava num alto custo operacional.

Então de uns anos para cá o interesse dos brasileiros pelo DOC e TEC começou a declinar com a introdução de métodos mais rápidos e econômicos de transferência. Então o Pix entrou em ação. Lançado em novembro de 2020, emergiu como uma alternativa gratuita e instantânea, ganhando rapidamente a preferência dos clientes. E foi uma ferramenta inclusiva, pois atingiu todo mundo, de forma especial as pessoas que movimentam recursos através das cadernetas de poupança como alternativa aos custos de manutenção de uma conta corrente ou ainda, aos pequenos comerciantes que para vender, não tinha maquinetas para operações de débitos.

Para se medir o tamanho do impacto resultante da chegada do Pix, as transações via DOC em 2023 representaram menos de 0,10% do total de operações financeiras realizadas no Brasil, perdendo inclusive para as transações em cheques. Estima-se que as operações via DOC totalizaram cerca de 25 milhões de transações, contra 30 trilhões de operações via Pix.

Ainda, o Pix se destacou por sua gratuidade e instantaneidade, além de permitir transações de valores maiores em comparação com o DOC e TEC. Em 2023, o Pix foi responsável por impressionantes R\$ 17 trilhões, um crescimento de 54% em relação a 2022, demonstrando seu domínio no mercado de transferências financeiras e a conquista da confiança do brasileiro, em que pese alguns relatos de golpes e fraudes.

Os bancos, através da Febraban, comunicaram o cronograma de encerramento desses serviços em 2022 e chegou a hora. O último prazo para envio ou agendamento de transações via DOC e TEC foi estabelecido para o dia 15 de janeiro de 2024, às 22h, com a data final de processamento dessas operações marcada para 29 de fevereiro de 2024. Após essa data, os serviços foram completamente desativados.

A descontinuação do DOC e TEC reflete uma tendência global de modernização dos serviços bancários, onde métodos mais rápidos, econômicos e digitais ganham espaço. Enquanto o Brasil se despede dessas modalidades tradicionais, a atenção se volta para inovações futuras no setor financeiro, que prometem maior segurança e conveniência nas transações bancárias.

O TED que se cuide, assim como os débitos automáticos, pois as funcionalidades do Pix estão apenas na fase inicial, ainda vem muitas novidades nos próximos cinco anos.

DEPRECIAÇÃO ACELERADA

Proposta agrada indústria do país

Medida é considerada, pelo setor, essencial para incentivar a ampliação e renovação da indústria brasileira

Agência CNI

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) avalia como positiva a proposta de depreciação acelerada para a aquisição de bens de capital, apresentada pelo governo no Projeto de Lei (PL) nº 2/2024. A medida, que ainda pode ser aperfeiçoada, na avaliação da entidade, é essencial para incentivar a ampliação e renovação da indústria brasileira, ao permitir que o valor usado na compra de máquinas e equipamentos seja deduzido do lucro real da empresa de forma mais rápida.

De acordo com a CNI, é importante destacar que a depreciação acelerada será um instrumento fundamental para o processo de neoindustrialização, considerado estratégico para o desenvolvimento econômico do país.

Desde 2020, ainda no contexto da crise econômica provocada pela pandemia de Covid-19, a confederação tem defendido a implementação de uma medida de depreciação acelerada, como forma de impulsionar o investimento produtivo e, consequentemente, acelerar o crescimento econômico. Em 2022, esse pedido foi reforçado em proposta apresentada pela CNI aos candidatos à Presidência da República. Em 2023, a proposta de depreciação acelerada constou do Plano de Retomada da Indústria.

Vantagens

A política de depreciação acelerada reduz o custo financeiro das aquisições de bens de capital, mesmo que de forma indireta, elevando o investimento. A medida, portanto, oferece ganhos generalizados, pois a elevação do estoque de capital, resultante da depreciação acelerada, possibilita que toda a economia brasileira seja capaz de produzir mais e de forma mais eficiente, com mais produtividade.

Com a depreciação acelerada, não ganham apenas as empresas que realizarem os investimentos, mas todo o tecido produtivo do país. Afinal, os benefícios decorrentes do uso das máquinas e equipamentos mais modernos e eficientes transbordam por meio do encadeamento produtivo, alcançando também empresas fornecedoras e clientes.

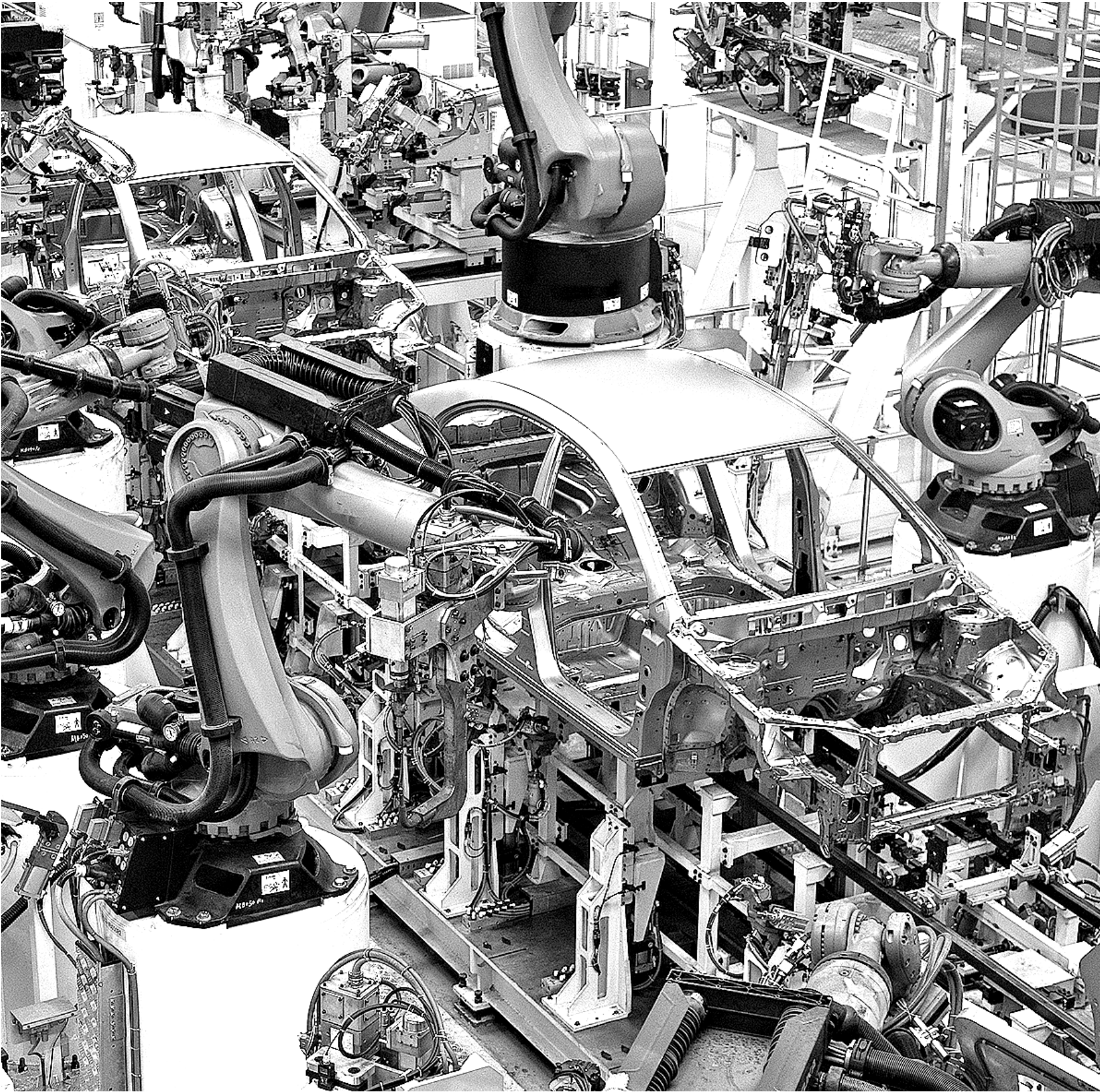


Foto: Freepik

Pesquisa da CNI mostra que 38% das máquinas e equipamentos estão próximos ou já ultrapassaram a idade sinalizada pelo fabricante como ciclo de vida ideal

Máquinas têm vida útil de, em média, 14 anos

■ Equipamentos antigos afetam a produtividade das indústrias e exigem maiores custos de manutenção nas empresas

Pelo regramento padrão vigente da depreciação tributária, o investimento feito em uma máquina com vida útil de 10 anos deve ser deduzido do lucro real da empresa durante esses 10 anos. Assim, a cada ano, 10% do valor pago é abatido da base de cálculo em que deverá incidir o Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ) e a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL).

Já com a depreciação acelerada, nos moldes propostos pelo governo, 50%

do valor da máquina será deduzido do lucro real da empresa em 2024, e 50% será deduzido em 2025. Nos anos seguintes, a empresa não terá valor a deduzir relativo a essa máquina. Nota-se que a medida equivale a uma antecipação do valor a ser deduzido no IRPJ/CSLL e não uma redução da tributação.

Na prática, essa medida, apesar de não diminuir a tributação total acumulada ao longo dos anos, ajuda o fluxo de caixa da empresa justamente no momento

no qual ela tende a ter mais despesas, que é quando ela realiza os investimentos.

Obsoletos

Pesquisa da CNI mostra que as máquinas e equipamentos industriais têm, em média, 14 anos, e 38% deles estão próximos ou já ultrapassaram a idade sinalizada pelo fabricante como ciclo de vida ideal. Os dados consideram as máquinas usadas na indústria extrativa e na indústria de transformação, sem contar os materiais de escritório e os equi-

pamentos de transporte.

A pesquisa reforça que máquinas mais antigas afetam a competitividade das indústrias e exigem maiores custos de manutenção e de gerenciamento da vida útil dos equipamentos - uma vez que tendem a ter mais problemas e falhas nas operações. Além disso, quanto mais próxima uma máquina está de esgotar sua vida útil, mais dificuldades surgem nos processos, como a de conseguir peças compatíveis para manutenção.

Projeto do governo prevê investimentos de R\$ 3,4 bilhões

Agência Estado

O projeto que trata da depreciação acelerada foi encaminhado pelo Governo Federal no final de dezembro. O projeto de lei autoriza a utilização do instrumento para estimular setores econômicos a investirem em máquinas, equipamentos, aparelhos e instrumentos novos.

Os industriais lembram que a depreciação imediata não é uma medida de renúncia fiscal. A sistemática permite que o valor usado na compra de equipamentos e máquinas e em edi-

ficações seja deduzido do lucro real da empresa de forma mais rápida, no primeiro ano.

Toda vez que adquire um bem de capital, a indústria pode abater seu valor nas declarações futuras de Imposto de Renda de Pessoa Jurídica (IRPJ) e de Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido (CSLL). Em condições normais, esse abatimento é gradual, feito em até 25 anos, à medida que o bem vai se depreciando.

Com a depreciação prevista no PL encaminhado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o abatimen-

to das máquinas adquiridas em 2024 poderá ser feito em apenas duas etapas - 50% no primeiro ano, 50% no segundo. A medida valerá para as aquisições ocorridas entre 1º de janeiro e 31 de dezembro deste ano.

Recursos

Em entrevista durante o encaminhamento do programa, o vice-presidente e ministro da Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, disse que impostos sobre importações bancarão a depreciação acelerada, que tem como objetivo estimular a troca de

máquinas e equipamentos na indústria nos próximos dois anos.

Serão R\$ 3,4 bilhões descontados no IRPJ e na CSLL no período, começando com R\$ 1,7 bilhão em 2024. Isso seria bancado com a tributação de importações de placas solares.

“Pretendemos lançar uma segunda fase da depreciação acelerada daqui alguns meses”, disse Alckmin na ocasião. Ele afirmou que é necessário agir para o país crescer mais rápido. Alckmin ainda elogiou as atuações do presidente Lula e do Poder Legislativo. Em

relação à MP que derruba a desoneração da folha de pagamentos e prevê a reoneração dos setores gradativamente, ele disse acreditar no poder do diálogo entre os Poderes.

“A preocupação do governo sobre desoneração foi a respeito de constitucionalidade e déficit zero”, pontuou. O vice-presidente disse ainda que 2023 foi um bom ano, citando as melhorias em indicadores econômicos como a cotação do dólar e o Risco Brasil, além da queda nos juros. Ele também mencionou o aumento das exportações brasileiras.

Lei

Projeto autoriza a utilização da depreciação acelerada para estimular setores econômicos a investirem em máquinas, aparelhos, equipamentos e instrumentos novos

GRADUAÇÃO UNIVERSITÁRIA NO PAÍS

PB lidera em vagas por habitantes

No estado, os estudantes contam com UEPB, UFPB, UFCG e IFPB com campi espalhados por mais de 30 cidades

AscomSecies- PB

Na iminência da finalização do processo de seleção para uma vaga em cursos de graduação universitária, o Ministério da Educação revela que há 264 mil vagas em 127 universidades públicas do país (os números são preliminares). Na Paraíba os estudantes contam com algumas vantagens: são mais de 21 mil vagas nas quatro universidades (UEPB, UFPB, UFCG e o IFPB), com campi espalhados por mais de 30 cidades. Proporcionalmente, essa oferta de vagas é a maior do país, considerando o número de habitantes; são 183 habitantes por vaga, um número significativamente menor em comparação com outros estados. Por exemplo, em Pernambuco são 603 habitantes por vaga.

Os privilégios não param por aí. Desde a gestão do governador João Azevêdo nos últimos quatro anos, o Governo estadual tem trabalhado na implementação de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento científico e tecnológico, especialmente por meio do financiamento da pesquisa científica. Segundo o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado “essa política é um reflexo do compromisso do Governo com a educação em todos os níveis, resultando em investimentos em bolsas de iniciação científica para alunos que concluíram o Ensino Médio na rede pública estadual. Essa iniciativa tem contribuído para fortalecer a permanência dos estudantes nas universidades públicas do estado”. A Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB) oferece bolsas de iniciação científica (PIBIC, PIBID) com recursos do Estado, aumentando assim o número de oportunidades para os estudantes de graduação. “A Fapesq-PB também tem financiado programas de pós-graduação, contribuindo para a consolidação da carreira científica dos estudantes”, falou o secretário.

“Essa política é um reflexo do compromisso do Governo com a educação em todos os níveis, resultando em investimentos em bolsas de iniciação científica

Claudio Furtado



Atualmente, a Universidade Estadual da Paraíba oferta, a cada semestre, mais de três mil vagas, distribuídas em 58 cursos nos oito campi

A evolução do ensino superior na Paraíba

A maioria das vagas nas 127 universidades públicas brasileiras que participarão do Sisu 2024, está concentrada no Nordeste, 45% delas. A Paraíba oferta 8,2% das vagas no país, sendo o 4º estado da Federação com o maior número de vagas.

Para o secretário da Secies, Claudio Furtado, a questão da oferta de vagas para o ensino superior no estado da Paraíba, tem uma história que remonta aos anos de 1970, quando a Universidade Federal da Paraíba à época, foi criada em formato multi-campus. “Ela tinha seis campi, sendo a UFPB uma das primeiras marcas da interiorização do ensino superior no país”.

Diferentemente de outros estados, como Minas Gerais, onde há universidades distintas, a UFPB cria essa identidade em diferentes municípios. “Há o campus de João Pessoa, Campina Grande, os dois campi agrícolas em Areia e Bananeiras, o de Sousa e o de Cajazeiras. Então, nessa época já havia seis campi da UFPB, consolidando, assim, a interiorização da universidade. Isso deve-se muito ao pensamento do professor Lynaldo Cavalcanti” (1932-2011. Acadêmico ali-

nhado com o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação).

O secretário continua explicando que a história da interiorização segue sua trajetória fomentada pelo Programa Reune, durante o primeiro governo de Lula, que promoveu a expansão das universidades. Durante esse período a UFPB foi dividida, resultando na criação da Universidade de Campina Grande, e novos campi foram estabelecidos.

A esse processo, Furtado acrescenta a expansão da UEPB e do IFPB. “Como resultado desses esforços, atualmente existem campi universitários em mais de 30 cidades no estado”.

O crescimento da infraestrutura se reflete no número de vagas ofertadas: “Atualmente, a UEPB oferta por semestre mais de 3.000 vagas, distribuídas em 58 cursos (se considerarmos as ofertas em dois turnos, temos mais de 100 cursos), nos oito campi. Os cursos mais concorridos são Odontologia e Direito. Também há muita concorrência para os cursos de Fisioterapia, Enfermagem, Farmácia, Psicologia e Computação”, salienta a reitora da UEPB, Célia Regina.

Universidade descentralizada abre oportunidades no interior

Os candidatos à graduação no ensino superior podem optar dentre os mais diversos cursos como Ciências Humanas, Exatas, da Natureza, Biológicas, Linguagens e suas tecnologias, em instituições de qualquer estado. No que diz respeito à Paraíba, de acordo com a Secretaria de Estado da Educação (SEE), 37.218 estudantes concluíram o 3º ano do Ensino Médio na rede pública estadual em 2023. Considerando o número de vagas nas universidades da Paraíba, a concorrência é relativamente baixa. Em média, para cada vaga, há menos de dois estudantes disputando (precisamente, 1,71).

Mas há o outro lado que exige a dedicação individual do estudante. O processo de escolha para fazer um curso universitário envolve os candidatos em uma jornada que se estende ao longo do tempo. Em 2023 eles foram submetidos às provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em novembro. Essa etapa avalia o desempenho escolar dos estudantes ao término da Educação Básica. O passo seguinte é concorrer no Sistema de Seleção Unificada (Sisu) utilizando a nota do Enem. O Sisu 2024 estará com inscrições abertas entre os dias 22 e 25 de janeiro. Todo o processo é realizado

online, o que facilita a participação daqueles que planejam mudar de cidade para cursar o ensino superior.

“A concorrência é nacional”, revela Célia Regina. “Recebemos estudantes de todo o Brasil, com predominância majoritária de estudantes da Paraíba. Na UEPB praticamos a Lei 12.122/2021 que ‘Assegura aos alunos egressos da rede pública e privada de ensino da Paraíba a bonificação de 10% na nota do ENEM como processo de avaliação’ e também a Resolução/UEPB/Consepe/003/2022 que institui a política de reserva de vagas. Além de tais políticas, temos programas acadêmicos (Monitoria, PIBID, Residência Pedagógica, PROEX e PIBIC), bem como programas de assistência a estudantes que disponibilizam bolsas, por meio de editais próprios,” complementa a reitora.

Os cursos universitários na Paraíba são muito bem qualificados do ponto de vista da classificação de cursos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Capes. “Ou seja, tem a oferta de qualidade de vida que faz com que você opte por vir morar, por exemplo, em Campina Grande, para fazer um curso das áreas de Engenharia, ou optar por fa-

Avaliação

Os cursos universitários na Paraíba são muito bem qualificados do ponto de vista da classificação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Capes

zer um curso das áreas agrícolas, em municípios como Areia, Bananeiras ou Cuité. Isso dá uma vantagem competitiva de não estar só concentrado nos cursos da capital”, considera Claudio Furtado. E ainda, Célia Regina afirma que a UEPB vem a cada dia se consolidando mais e melhor enquanto instituição pública que oferece um ensino de qualidade. Envida esforços na manutenção do ensino, da pesquisa, da extensão, da inovação e da cultura e, a cada semestre entrega à sociedade, em especial à paraibana, centenas de profissionais habilitados para as mais diversas funções”.

Inovação é estratégia para o desenvolvimento

A inovação é um aspecto crucial na estratégia de desenvolvimento da Paraíba. O secretário Claudio Furtado, enfatiza que a Paraíba é reconhecida como um estado inovador. Isso

é evidenciado pela criação de startups e pelo desenvolvimento de parques tecnológicos. “Um exemplo notável é o parque tecnológico em Campina Grande. Além disso, o Parque

Tecnológico Horizontes de Inovação foi recentemente estabelecido em João Pessoa. A presença de empresas emergentes fortes no mercado também é um indicativo do ambiente ino-

vador do estado. Essas iniciativas, do ponto de vista do empreendedorismo, tornam a Paraíba um local atraente para indivíduos e empresas inovadoras. A combinação de um

ambiente de negócios favorável e um forte compromisso com a inovação contribui para o crescimento econômico e o desenvolvimento do estado”, ressaltou o secretário.

AMEAÇA MARÍTIMA

Riscos da presença do coral-sol

Espécie originária dos Oceanos Índico e Pacífico tem sido registrada na região costeira do NE e ameaça o meio ambiente

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

De cor amarelada ou alaranjada, o coral-sol atrai a atenção em qualquer lugar que se instala. Originário dos Oceanos Índico e Pacífico, a espécie é o que se pode chamar de “astro” invasor, já que migra para regiões longínquas e ameaça os corais nativos, prejudicando o ciclo alimentar dos peixes e o equilíbrio da biodiversidade marinha. Apesar de ser procedente de mares distantes, ele chegou ao Brasil na década de 1980 e, atualmente, já marca presença em estados nordestinos como Bahia, Ceará e o vizinho Pernambuco. Para especialistas, a chegada desse organismo marinho à Paraíba é só uma questão de tempo.

“Há pesquisadores que já trabalham na identificação dessa espécie e vão retirando manualmente essas colônias. Ele já chegou em Pernambuco e até vir para a Paraíba é uma questão de tempo”, afirmou a bióloga Aline Paiva de Medeiros, doutora em Zoologia e pesquisadora afiliada do Laboratório de Ecologia Aplicada e Conservação (Leac), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Ela explicou que quando o coral-sol se instala em uma área marinha fora de sua região de origem, não é reconhecido pelos peixes locais como alimento, portanto, não sofre nenhum tipo de predação. Com isso, se espalha rapidamente pelo ambiente, invadindo os locais que os corais nativos se reproduzem e estão afixados, prejudicando o desenvolvimento deles. Então, os corais nativos ficam em desvantagens, pois perdem espaço para o bioinvasor e ainda seguem servindo de alimentos para os peixes existentes em seu entorno.

Com o avanço dessa situação, a oferta de corais nativos acaba ficando menor, impactando na cadeia alimentar marinha. Há registros de que o crescimento do coral-sol é três vezes maior do que o dos nativos. “Essa é uma luta injusta e preocupante, pois já temos poucos corais no Brasil, especificamente, no Nordeste”, destacou Aline.

A migração desses bioinvasores ocorre por meio dos cascos dos navios onde eles conseguem se fixar e fazer o mesmo percurso das embarcações. Outra forma, é por meio da água, também trazida por esses meios de transportes. “Os navios carregam as águas que ficam contidas nelas. Quando param nos portos, despejam essa água no local. O coral-sol também ficam incrustadas nos cascos dos navios”, comentou a bióloga.

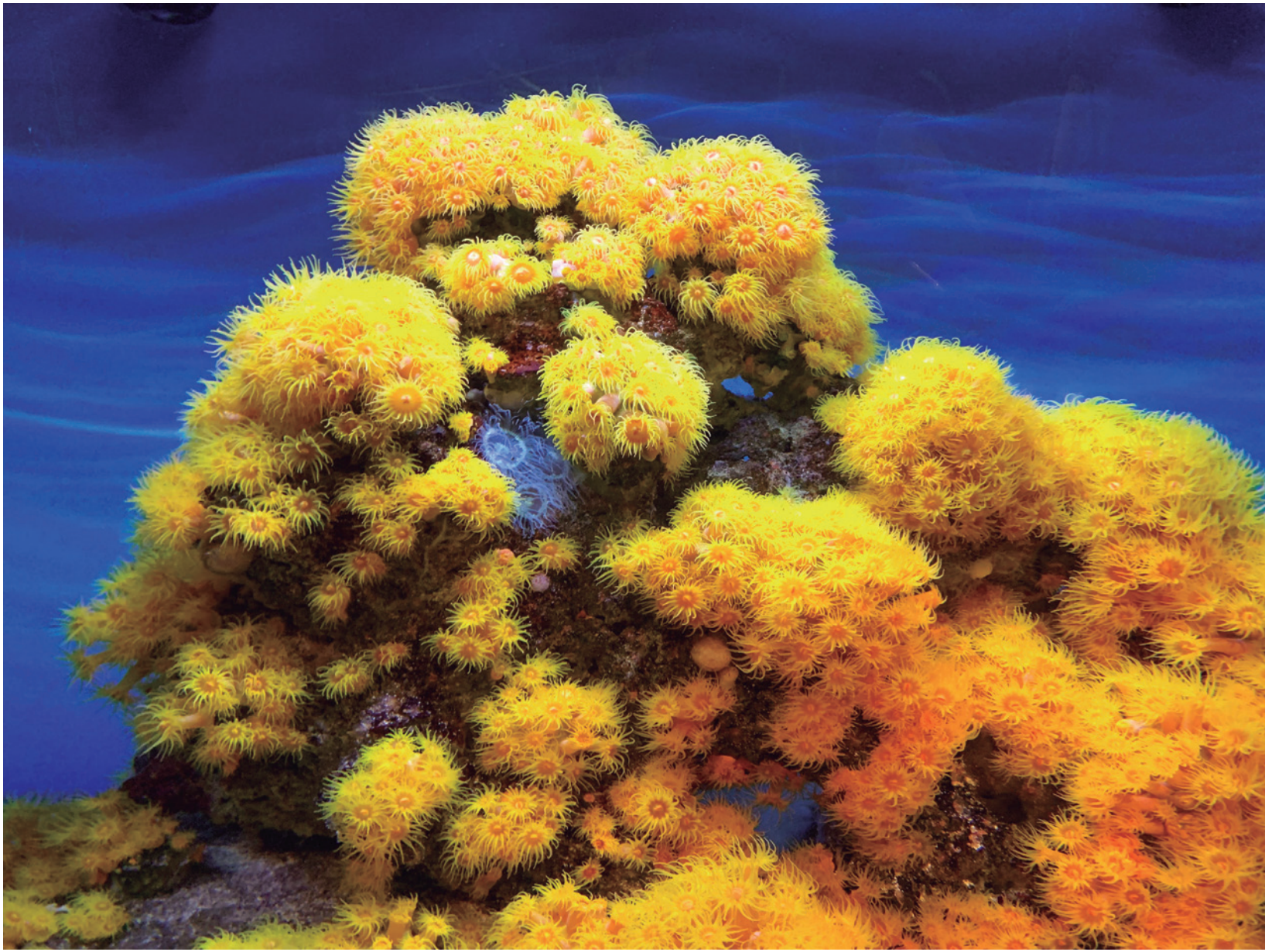


Foto: Pexels

Especialistas apontam que espécie tem se caracterizado por invadir espaços dos corais nativos, gerando impacto na cadeia alimentar

Presença de bioinvasor no litoral pode acarretar em desequilíbrio

A bióloga Camila Cristina Pires de Brito, mestrande em Zoologia, na UFPB, declarou que quando o coral-sol invade determinado ambiente no oceano, a presença dele pode promover alterações de *habitats*, predação, deslocamento de espécies nativas, alteração na cadeia trófica e ciclagem de nutrientes, parasitismo, competição e aumento da capacidade de sobrevivência de novas espécies invasoras.

“O efeito desses impactos sobre os âmbitos sociais e econômicos são refletidos pela alteração da saúde ambiental e perda da produção de atividades comerciais como a pesca, aquicultura e turismo”, frisou. Ela acrescentou que, atualmente, sua distribuição alcança mais de três mil quilômetros da costa brasileira, desde o estado de Santa Catarina até o Ceará, inclusive, em áreas marinhas protegidas.

Registros divulgados no site oficial do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Na-

turais Renováveis (Ibama) mostram que o coral do gênero *Tubastraea*, conhecido popularmente por coral-sol (sun coral, cup coral, sun polyps) crescem em águas rasas, em recifes de coral e costões rochosos tropicais. Além do *Tubastraea*, outras duas espécies são registradas no litoral brasileiro: a *T. coccinea* (de cor vermelho-alaranjado) e a *T. tagusensis* (de cor amarela).

O primeiro registro do coral-sol (*Tubastraea*) no Atlântico data de 1943 e o da espécie de *T. coccinea* foi documentado em 1951. A introdução acidental do coral-sol no Brasil se deu nas décadas de 1980 e 1990.

O gênero foi registrado, inicialmente, na década de 1980 em plataformas de petróleo na Baía de Campos, Rio de Janeiro, mas, sem que se iniciassem estudos e registros sistemáticos.

Segundo levantamento realizado por consultoria contratada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), há registros de ocorrência

do coral-sol na zona costeira de estados como Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Espírito Santo, Santa Catarina e Ceará.

A bióloga Camila Cristina Pires de Brito, mestrande em Zoologia, na UFPB, contou que a principal hipótese da chegada dele ao Brasil é que tenha sido introduzido por plataformas e/ou embarcações relacionadas aos trabalhos de extração de petróleo e gás na Baía de Campos.

Segundo ela, essas plataformas funcionam como vetores de dispersão desses corais. “Muitas estão distribuídas ao longo da costa brasileira e possuem relações importantes com os fluxos superficiais regionais, sendo assim, sustentam potencial de doação de larvas para áreas distantes receptoras, como a Paraíba”, frisou.

Ela acrescentou que outras estruturas artificiais, a exemplo de naufrágios, também podem servir de trampolins para espalhar a sua distribuição pelos recifes naturais.



Foto: Arquivo pessoal

Aline Paiva é doutora em Zoologia pela UFPB

Notificar o registro de “astro” é recomendação

A bióloga Camila Pires também preside o Instituto Parahyba de Sustentabilidade (Ipas), organização sem fins lucrativos, com sede em João Pessoa, que atua em prol do desenvolvimento socioambiental e a conservação do patrimônio natural e cultural da Paraíba. Ela contou que há medidas de controle e prevenção à ação desse bioinvasor e incluem a erradicação dos organismos, tão logo seja possível.

“Em não sendo viável essa estratégia, deve-se utilizar medidas de contenção e controle de longo prazo, a fim de mitigar os impactos negativos sobre a biodiversidade e economia. Esses objetivos têm sido prioridade do Plano Nacional de Prevenção, Controle e Monitoramento do Coral-sol (*Tubastraea* Spp.) no Brasil, que conta com a articulação entre as esferas fe-

deral, estadual e municipal, sociedade civil e cooperação internacional”, afirmou.

Segundo ela, caso algum mergulhador, amador ou não, identifique o coral-sol na costa paraibana, entre em contato com o Ipas. “Faremos os registros e acompanhamento”. Ainda é possível informar a ocorrência de espécies exóticas invasoras diretamente ao Ibama, por meio do e-mail invasoras.sede@ibama.gov.br.

Quem deseja conhecer mais sobre o Ipas, pode visitar o site - <https://ongipas.org.br/> e o Instagram <https://www.instagram.com/ongipas/>. Vale lembrar que, Camila ainda compõe o corpo gestor do Programa Observatório Marinho, Programa de Monitoramento Participativo da Biodiversidade e Ciência Cidadã, com foco nas tartarugas marinhas de Conde.

Origem

Migração das espécies tem ocorrido por meio da água despejada por navios nos portos ou por se fixarem nos cascos das embarcações, fazendo o mesmo percurso

Saiba Mais

Um dos órgãos que monitora a costa paraibana é o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). A reportagem entrou em contato com o instituto e a informação foi de que o monitoramento e controle que eles fazem desse organismo marinho ocorrem apenas nas Unidades de Conservação Federais. Informaram ainda que, “aqui na Paraíba ainda não tivemos registro de invasão da espécie na Ápa e na Árie do Rio Mamanguape e nem na Resex Acaú-Goiana”. Lembrando que Ápa significa Área de Proteção Ambiental; Árie quer dizer Área de Relevante Interesse Ecológico e Resex é uma Reserva Extrativista.

Fotos: Arquivo Pessoal



Luciano Santos, da Rádio Caturité, de Campina Grande; Aurélio Nunes, da Rádio Pop; e Franco Ferreira, da Rádio Tabajara, buscam informar primeiro os gols de campeonatos pelo Brasil

DIRETO DO ESTÚDIO

O gol em tempo real

Conheça um pouco da história dos plantonistas esportivos, que trazem informação pelas ondas do rádio

João Thiago
joaothiagocunha@gmail.com

O transglobe da Philco, uma caixa de madeira grande e desajeitada, já velha, com os cantos desbeçados pelo contínuo uso, reverbera por toda a redação da Rádio Caturité de Campina Grande a voz de José Silvério narrando um jogo do Grêmio do Rio Grande do Sul em ondas longas. Luciano Santos, ouvido colado no rádio, tem diante de si dois aparelhos de telefone. Ao mesmo tempo, em outro aparelho de rádio, este, um stereo normal, na mesma redação, rola o Clássico dos Maiorais. Luciano não pode se desligar de nenhum dos aparelhos, pois a qualquer momento um gol pode sair em algum lugar do Brasil.

Na mesa onde estão os telefones, várias listas contendo nomes de times e embates que acontecem naquele domingo à tarde perdido no início dos anos 2000. A internet ainda engatinhava e o trabalho do plantonista de esportes das rádios dependia de uma logística baseada na comunicação analógica.

“A gente ficava ouvindo os jogos do Brasil inteiro pelo rádio transglobe, que tinha ondas longas e pegava as emissoras de longe. O importante era ser o primeiro a dar os gols mais importantes durante a jornada esportiva”, explica o plantonista, que recebe o prefixo de “O número 1 da informação”, apelido conquistado com a credibilidade de mais de 20 anos deixando o público ligado.

A voz de José Silvério avisa: falta para o Tricolor Gaúcho. É Campeonato Brasileiro, e este gol pode mudar a tabela até a próxima rodada. Luciano aumenta o volume do rádio e espera. O “Pai do Gol”, voz limpa, mesmo no fundo das interferências comuns aos rádios de ondas longas, solta a frase clássica: “E que golaço!”, e começa o mais longo grito de gol da história do futebol.

Luciano anota a informação em um papel e corre para o estúdio, que está ligado direto com a cabine da Caturité no Amigão. Dá um sinal ao locutor e entra no ar. “Agora, no Beira Rio, Grêmio, um, América Mineiro, zero. Gol de falta de Anderson Lima”.

Velocidade

Essa pressa é o diferencial para os bons plantonistas durante a jornada esportiva, que nada mais é que

a transmissão ao vivo dos jogos pelas rádios. Saber quais os jogos realmente são importantes para os torcedores que acompanham aquela rádio também é fundamental.

“De nada adianta eu ficar correndo atrás de XV de Piracicaba e Portuguesa Santista na Série A2 do Paulistão para o torcedor paraibano. Eu tenho que saber quais os resultados importantes aqui, quais influenciam o jogo que está sendo transmitido, quais contam com mais torcedores... Então a gente foca muito nos times principais de fora. No Rio, Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo. Em São Paulo, Corinthians, São Paulo, Santos e Palmeiras. Grêmio, no Rio Grande do Sul, Cruzeiro e Atlético em Minas. Não adianta eu narrar jogo pequeno, que só atrapalho o narrador e não ajudo o torcedor”, explica Aurélio Nunes, plantonista da Rádio Pop, com mais de vinte anos de estrada.

Aurélio tem passagens pelas principais rádios que transmitem esportes na Paraíba. Oficialmente ele torce para o Sport de Recife, mas sempre prioriza, no trabalho, os times da Paraíba. “Eu trabalho na Paraíba, então eu preciso priorizar a Paraíba. Não importam as minhas paixões, e sim aquilo que o torcedor precisa saber. Esta deve ser sempre a prioridade para qualquer pessoa que trabalhe com o esporte no estado”, explica.

Ele lembra de outros profissionais, como Ernani Norat - in memoriam -, na Rádio Tabajara, uma das referências no jornalismo esportivo paraibano. “Ele ouvia quatro rádios ao mesmo tempo. Ele sempre procurava rádios de Pernambuco, pois aí ele conseguia bastante informações do Brasil inteiro. O Norat, tinha o acesso ao telefone restringido, pois ele abusava um pouquinho, fazia ligações pessoais e o povo não gostava. Ele que me ensinou que a gente precisa escolher o que priorizar”, explica Aurélio, que passou por vários anos como plantonista da Rádio Tabajara.

No radinho que acompanhava o Clássico dos Maiorais, a voz incomparável de Joselito Lucena ecoa pela redação. “É gol do Treze. Julio César”. Luciano pega um dos telefones e disca. Do outro lado, o colega plantonista da Rádio Jornal de Recife atende. Luciano fala rápido. “Gol do Treze. Júlio César”. Desliga. Lá na Rádio Jornal, o plantonista entra no ar com a informação. A rede de contatos é uma arma para estes profissionais.

“Da mesma forma que eu ligava para passar a informação para os colegas, eles ligavam para passar os gols para a gente. Essa troca rápida era o diferencial para qualquer profissional. Quanto maior a sua rede de contatos, mais resultados você conseguia”, explica Luciano.

Dias atuais

Hoje o transglobe da Philco de ondas longas é peça de museu, e o trabalho dos plantonistas é acompanhar os resultados pela internet. A ferramenta também alimenta de informações os comentaristas de resenhas esportivas nas rádios locais. “Eu gosto muito de Juca Kfourri, Mauro César... Estão sempre bem informados e têm opiniões embasadas. A gente precisa, às vezes, falar do futebol de fora, pois o daqui ainda encara dificuldades para se destacar”, fala Aurélio Nunes que hoje trabalha na Rádio Pop.

Aurélio defende o futebol da Paraíba, e, especialmente, o de João Pessoa. “O pessoal de Campina vive da rivalidade entre Treze e Campinense, o que é uma vantagem. Eles sempre vão defender os times de lá e se alimentar dessa rivalidade. Meu microfone é de João Pessoa, então eu vou defender o futebol daqui. Hoje a capital tem três times profissionais, mas apenas um tem destaque, que é o Botafogo. O torcedor é movido pela paixão, pelo sentimento. Ele enxerga o que é bom para o seu time. Eles não têm a mesma visão geral que a gente tem”, diz.

Ele explica que, na resenha, o que o preocupa é que muitas vezes jornalistas ficam tecendo elogios onde não existem. “A gente precisa ter bom senso, sempre. Não dá para só criticar o time, mas não

dá pra faltar com a verdade. O que não pode, também, é a gente falar a verdade e vir dirigente de time querendo criticar a gente por conta disso”, comenta.

Cansaço

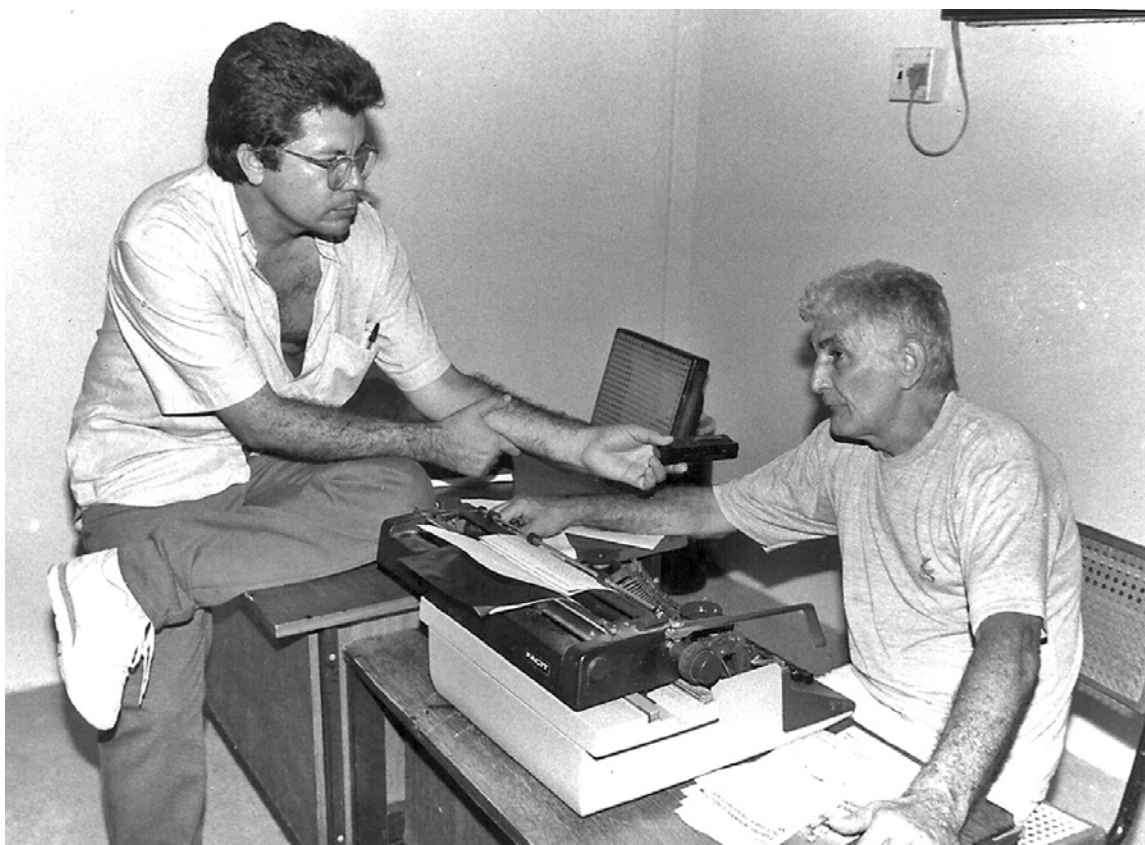
O trabalho hoje, apesar de ser mais simples, para Luciano, é mais cansativo. “Se trabalha muito pelo celular procurando os resultados. Agora até os campeonatos internacionais a gente procura. Jogos do Espanhol, do Português e do Francês também geram interesse, principalmente quando tem brasileiros jogando. A gente fica ligado o tempo todo no 220. Pra cortar o efeito só tomando uma gelomática (cerveja) quando chega em casa”, ri.

Apesar disso, o trabalho ainda é mais tranquilo que o de repórter de campo. Quem garante é o Franco Ferreira. Há mais de 40 anos na reportagem esportiva do rádio, Franco é conhecido, hoje, como o plantonista da Rádio Tabajara. “Chega uma hora que o cidadão não quer mais ficar viajando. A idade não ajuda. A gente vai ficando velho e quer dormir na própria cama”, explica.

Ele fez história como repórter esportivo. Na beira do campo, tornou-se uma referência para as novas gerações, mas em dado momento resolveu que precisava diminuir o ritmo. O trabalho de plantonista se enquadrava melhor naquilo que ele estava esperando e precisando. “Eu gosto muito de acompanhar o futebol nacional. Estar por dentro dos resultados. Foi a melhor decisão que tomei”, comemora.

Ele olha para a frente, sabendo de seu papel de influência sobre os mais novos e lembra sempre de quem o influenciou também. “Sempre gostei muito do Bernardo Filho. Assertivo, informado, competente, versátil, inteligente, muito completo. Temos que olhar para este tipo de profissional, sempre, e tentar buscar neles aquilo que vai nos deixar mais completos”, explica.

Ao final da jornada, as estatísticas, as informações, os gols marcados, tudo vai sendo armazenado. O trabalho deste domingo reverbera na resenha da segunda, e cada dado coletado vai ajudando a formatar a colcha de retalhos do futebol brasileiro, ainda carregado da paixão transmitida pelas ondas do rádio.



O jornalista Josélio Carneiro entrevistando o plantonista Ernani Norat, da Rádio Tabajara, em 1996

Foto: Arquivo/Rádio Tabajara

THE BEST

Fifa premia os melhores do mundo

Anúncio dos vencedores acontece, amanhã, em Londres, e o argentino Messi pode ganhar a nona Bola de Ouro

Dois brasileiros podem ser premiados: o goleiro Ederson, do Manchester, e Madrugá, do Botafogo-SP

A Fifa anuncia, amanhã, a premiação do The Best 2023. A cerimônia acontece em Londres, na Inglaterra, a partir das 17h (horário de Brasília). Doze nomes estão concorrendo ao troféu que homenageia o melhor jogador e melhor jogadora, melhor técnico e técnica do mundo na temporada. Para o masculino, a premiação de melhor jogador do mundo pela Fifa levou em conta o desempenho dos atletas de 19 de dezembro de 2022, dia seguinte à final da Copa do Mundo no Catar, a 20 de agosto de 2023 e os candidatos são o francês Kylian Mbappé, o argentino Lionel Messi e o norueguês Erling Haaland. Lionel Messi, atual vencedor do prêmio, agora atua no Inter Miami, Kylian Mbappé, no PSG, e Erling Haaland, no Manchester City. Messi já tem oito bolas de ouro da Fifa. No feminino estão na briga Aitana Bonmati, Linda Caicedo e Jennifer Hermoso. Depois de receber neste ano a Bola de Ouro Adidas da Copa do Mundo Feminina da Fifa 2023 e o troféu de Melhor Jogadora do Ano da

UEFA, a espanhola do Barcelona, Bonmati, quer outro prêmio individual. O brasileiro Guilherme Madrugá, do Botafogo-SP briga pelo prêmio de gol mais bonito contra o paraguaio Julio Enciso, do Brighton, da In-

laterra, e ainda o português Nuno Santos, do Sporting. O prêmio leva o nome do lendário atacante húngaro Ferenc Puskás, famoso por suas finalizações inventivas e mortais e celebra o gol mais espetacular em um determi-

nado período de qualificação – de 19 de dezembro de 2022 a 20 de agosto de 2023. Pep Guardiola, Simone Inzaghi e Luciano Spalletti estão na disputa pela ilustre homenagem de melhor técnico. Atual detentora do prêmio,

Sarina Wiegman pode ser eleita pela quarta vez como melhor técnica. Ela disputa com Jonatan Giraldez e Emma Hayes. O brasileiro do Manchester City, Ederson, concorre com o marroquino Yassine Bounou e o belga

Thibaut Courtois a melhor goleiro da temporada 2023. Mackenzie Arnold (Austrália), Catalina Coll (Espanha) e Mary Earps (Inglaterra) são as três candidatas finais ao prêmio The Best Fifa de Melhor Goleira de 2023.

SELETIVA

Endrick é o principal destaque do Pré-Olímpico na Venezuela

Dois anos depois de debutar com sucesso pela Seleção Sub-17, quando ainda tinha 15 anos, o atacante Endrick quer voltar a fazer história com a Amarelinha. Desta vez, o palmeirense de 17 anos se prepara em Teresópolis (RJ) com a Sub-23 para a disputa do Pré-Olímpico, na Venezuela, a partir do dia 20. Na sua estreia pela Sele-

ção, o atacante Endrick foi eleito o melhor jogador do Torneio de Montaigu, em 2022, na França, e ainda terminou a disputa como o artilheiro, com cinco gols marcados. Seu desempenho ao lado dos companheiros quebrou um jejum de 38 anos sem títulos da competição. "Foi um campeonato muito importante, não só para mim, mas para toda

a equipe. O primeiro campeonato de muitos. Espero que o Pré-Olímpico também seja maravilhoso", afirmou o jogador. Apesar da pouca idade, Endrick já atuou pela Seleção Brasileira principal, além de ter se tornado um dos pilares do Palmeiras rumo ao bicampeonato do Brasileirão 2023. Agora, a missão do atacante é ajudar o Brasil no Pré-Olím-

pico a garantir a classificação para os Jogos Olímpicos de Paris 2024. Em preparação desde a segunda-feira (8), a Amarelinha estreia no torneio classificatório no dia 23 diante da Bolívia, que forma o grupo A com Brasil, Venezuela, Colômbia e Equador. As duas melhores seleções de cada grupo avançam para o quadrangular final, no qual

os dois primeiros colocados asseguram a vaga para Paris. O Brasil é o atual bicampeão olímpico. Trabalhando pela primeira vez com Ramon Menezes, Endrick destacou a união do grupo e frisou que está disposto a assumir a responsabilidade em prol do time. **Igualdade** "Não tem essa de quem

é o maior aqui. Todos têm a mesma expectativa, a mesma igualdade dentro da equipe. Como sempre falo, gosto de ser uma referência dentro do time. Desde quando eu jogava na base do Palmeiras, no sub-11. É uma coisa que eu gosto, de ter uma voz ativa, de ser um personagem. Mas não tem ninguém melhor do que ninguém aqui", destacou Endrick.



O francês Kylian Mbappé, o argentino Lionel Messi e o norueguês Haaland disputam a Bola de Ouro, e amanhã será conhecido o vencedor do The Best



Endrick em ação nos treinamentos na Granja Comary para o Torneio Pré-Olímpico, que vai acontecer na Venezuela. Estreia será no dia 23, diante da Bolívia. Venezuela, Colômbia e Equador são os outros adversários

FUTEBOL PAULISTA

Clubes investem mais na temporada

Corinthians, São Paulo e Santos buscam acabar com o domínio do Palmeiras, que também reforçou o elenco

Agência Estado

As férias acabaram e os times do futebol nacional começaram a se representar. A história não é diferente para os principais clubes paulistas, que já iniciaram os trabalhos visando a temporada 2024. Enquanto a nova gestão do Corinthians reformula o elenco visando colocar o time novamente na primeira prateleira do país, o Santos passa por um processo semelhante, mas com o objetivo de não passar sustos na Série B do Campeonato Brasileiro e retornar à elite. O Palmeiras, por sua vez, faz contratações pontuais para dar mais opções a Abel Ferreira, enquanto o São Paulo terá de correr atrás de um treinador após a saída de Dorival Júnior.

O mercado de transferências deste ano promete ser um dos mais acirrados - e inflacionados - das últimas temporadas. Times como Palmeiras, Flamengo e Atlético-MG dispõem de quantias milionárias para efetuar contratações. Outro clubes, como Corinthians, São Paulo e Internacional, visam a disputa de títulos e começam a disputar jogadores nos bastidores. Há ainda os casos de clubes que instituíram SAF e contam com altos investimentos, como Botafogo, Vasco e Bahia.

A contratação mais badalada até o momento é de Nicolas de la Cruz, jogador da seleção uruguaia de 26 anos, contratada pelo Flamengo junto ao River Plate por R\$ 79 milhões. O Atlético-MG venceu a corrida

Foto: Rodrigo Coca/Agência Corinthians



O goleiro Cássio já se apresentou e trabalha normalmente para iniciar mais uma temporada na sua vitoriosa carreira

com outros clubes do país e assinou contrato com o meia Gustavo Scarpa, ex-Palmeiras. Já o Bahia acertou a contratação do meia Everton Ribeiro, que encerrou uma passagem de sete temporadas pelo Flamengo.

Corinthians

O Corinthians foi ao mercado de transferências prometendo “encerrar a farrá de Palmeiras e Flamengo” no futebol brasileiro. A ousadia não é por

menos. O novo presidente Augusto Melo prometeu um choque de gestão, contratou uma auditoria da Ernst & Young para analisar a situação financeira do clube e anunciou o “maior patrocínio” do Brasil com uma previsão de R\$ 360 milhões em três anos, mais uma luva de R\$ 10 milhões. Com a segunda maior arrecadação do país, a diretoria busca manter o Corinthians superavitário para avançar em negociações de peso.

Para 2024, o Corinthians visa ter um time mais jovem e librou os medalhões Renato Augusto (35 anos), Giuliano (33) e Gil (36). O lateral-esquerdo Fábio Santos (38) se aposentou, enquanto o volante colombiano Cantillo e o zagueiro uruguaio Bruno Méndez não renovaram. Pedro foi negociado com o Zenit (RUS) por 9 milhões de euros (R\$ 46,7 milhões). Gabriel Moscardo, transferido ao Paris Saint-Germain por 20 milhões de eu-

ros (R\$ 107 milhões), se recupera de cirurgia no pé e se apresenta ao clube francês em julho. Por outro lado, o Corinthians conseguiu manter o zagueiro Lucas Veríssimo e o volante Maycon, que estavam emprestados por Benfica e Shakhtar Donetsk, respectivamente.

Na cerimônia de posse, o presidente Augusto Melo anunciou o volante Raniele, que estava no Cuiabá, o lateral-esquerdo equatoriano Diego Palacios (Los

Angeles Galaxy) e o meia argentino Rodrigo Garro (Talleres). O lateral-esquerdo Hugo, ex-Goiás, assinou pré-contrato no ano passado e também reforça a equipe. Os zagueiros Félix Torres (Santos Laguna-MEX), e Gustavo Henrique (Valladolid) também negociam. A diretoria busca também um centroavante de peso. O nome preferido de Augusto Melo era Gabriel Barbosa, o Gabigol, mas o negócio não avançou.

Abel tenta, no último ano de contrato, fechar com mais títulos

O Palmeiras foi o único time da Série A do Campeonato Brasileiro que não contratou na janela de transferências do meio do ano em 2023. Ainda assim, Abel Ferreira soube aproveitar o elenco que tinha em mãos, mudou a maneira do time jogar e conquistou o Brasileiro de maneira histórica. No último ano de contrato do treinador, a diretoria palmeirense trabalha para aumentar o leque de jogadores e ajudar o português a fechar o seu ciclo no clube com pelo menos mais um título.

Os volantes Atuesta e Jailson estão de saída. Enquanto o colombiano procura um novo clube, Jailson acertou transferência ao Celta de Vigo. O jovem zagueiro Lucas Freitas foi emprestado ao Juventude, enquanto o lateral-esquerdo Lucas Esteves assinou pré-contrato e foi em definitivo para o Vitória.

Com Zé Rafael improvisado de primeiro volante desde a saída de Danilo, o Palmeiras foi atrás do argentino Aníbal Moreno, do Racing-ARG, para preencher esta lacuna. A ponta-direita ganha o reforço de Bruno Rodrigues, que fez bom campeonato pelo Cruzeiro no ano passado. Para a lateral-esquerda, a diretoria aproveitou o impasse entre São Paulo e Fluminense, e acertou com Caio Paulista, titular da posição no time tricolor em 2023.

A diretoria tentou a contratação de Caully, do Bahia, mas os valores pedidos inviabilizaram a contratação. Caio Alexandre, do Fortaleza, é alvo do

Palmeiras desde o ano passado, mas a concorrência com o próprio tricolor baiano, cuja SAF foi adquirida pelo milionário Grupo City, mantém a contratação distante. Na última segunda-feira publicou em suas redes sociais uma mensagem de despedida ao atacante Artur, oficializado como novo reforço do Zenit, da Rússia. O clube publicou um vídeo com momentos vividos pelo atleta com a camisa palmeirense, acompanhado do breve texto: “Boa sorte nos próximos passos da sua carreira”.

ra e obrigado por tudo, Cria da Academia”, lembrando o fato de o jogador ter sido formado na base alviverde.

São Paulo

Assim como o Palmeiras, o São Paulo esperava fazer contratações pontuais e qualificar o elenco para a temporada 2024. Contudo, a saída de Dorival Junior para assumir a Seleção Brasileira obrigou a diretoria a ir ao mercado em busca também de um novo treinador. Na última quinta-feira, o

clube fechou a contratação de Thiago Carpiní, que estava dirigindo o Juventude, clube que agora está na Série A. O Tricolor teve que pagar uma multa rescisória de R\$ 1 milhão ao clube gaúcho. Por entender que o atual elenco do São Paulo conta com muitos jogadores, a diretoria liberou alguns atletas e negociou outros. São os casos de Alexandre Pato, Jhegson Méndez, Gabriel Neves, Raí Ramos, Erison e David. O zagueiro Alan Franco, o volante Luan e o atacante Nikão

também podem sair. O goleiro Felipe Alves acertou com o Fluminense. O lateral-direito Nathan Mendes acertou em definitivo com o Bragantino e Lucas Beraldo foi vendido ao PSG por 20 milhões de euros (R\$ 107,8 milhões).

Com a folga na folha salarial, o São Paulo começou a buscar peças de reposição. O time acertou a chegada do experiente Luiz Gustavo, ex-jogador da Seleção Brasileira que estava no Al-Nassr, além do atacante Erick (Ceará) e do

meia Bobadilla (Cerro Portenho) e ainda o ponta-esquerda Ferreirinha, do Grêmio. O clube também tem interesse no meia argentino Emmanuel Martínez, do América-MG. Sem Caio Paulista, a diretoria trabalha na renovação de Wellington.

Santos

Rebaixado pela primeira vez para a Série B e fora da Copa do Brasil, o Santos faz uma limpa no elenco. Sob o comando do presidente Marcelo Teixeira, que lidera o clube pela terceira vez, a diretoria já dispensou ou negociou quase 20 atletas. São os casos de Soteldo e Dodi, que acertaram com o Grêmio, e Jean Lucas, que fechou com o Bahia. Lucas Lima e Mendoza também não ficam, assim como Marcos Leonardo, vendido ao Benfica por 18 milhões de euros (R\$ 96,33 milhões).

O goleiro João Paulo, o zagueiro Joaquim e o volante venezuelano Tomás Rincón aceitaram diminuir os salários e vão continuar no Santos. Agressivo no mercado, o clube já contratou 13 jogadores. A maioria se trata de jogadores experientes e conhecidos de outros clubes, como o zagueiro Gil, o lateral-esquerdo Jorge, os meias Giuliano, Otero e Cazares, e o atacante Willian Bigode. O volante Diego Pituca, destaque do time da Vila em 2022, também foi repatriado. O responsável por treinar a equipe é Fábio Carille, que retorna ao clube após dois anos.

Foto: Divulgação/Al Nassr



O meia Luis Gustavo é o mais novo reforço do São Paulo, enquanto Caio Paulista resolveu trocar o Tricolor pelo Palmeiras

Foto: Divulgação/Palmeiras



COPA DO NORDESTE

Belo decide vaga contra o Potiguar-RN

Jogo acontece no Almeidão, a partir das 16h, e garante ao vencedor participação na fase de grupos da competição

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Hoje, a partir das 16h, o Botafogo encara o Potiguar-RN em confronto válido pela Pré-Copa do Nordeste que coloca o clube na fase de grupos, após uma temporada ausente na disputa do torneio regional.

Para chegar a esse momento de expectativa de garantir a vaga, o clube eliminou o Jacuipense-BA, nos pênaltis, após empate sem gols, em jogo disputado no último domingo no Estádio Almeidão, em João Pessoa. O Belo agora tem a chance de superar a campanha da temporada passada, quando parou nesta mesma fase, ao ser eliminado para o Santa Cruz-PE.

Além de ter a chance de retornar à fase de grupos da competição, o Botafogo também está de olho na questão financeira, já que a classificação garante, no mínimo, uma premiação de cotas no pote 3 da fase de grupos, o que equivale ao valor de R\$ 1,9 milhão.

A cota financeira da fase de grupos vai respeitar a posição do clube no Ranking Nacional de Clubes da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Entre os oito clubes que estão na disputa pelas últimas quatro vagas da fase de grupos, o Botafogo é a segunda melhor equipe ranqueada, ficando atrás apenas do ABC-RN. Portanto, em caso de classificação do Belo e eliminação da equipe potiguar, o alvinegro herda a última vaga no pote 2 de cotas e aumenta a sua premiação para R\$ 2,9 milhões.

No confronto de logo mais, no Estádio Almeidão, as equipes voltarão a medir forças após 23 anos desde o último encontro em solo paraibano. Na ocasião, o Belo goleou a equipe norte-rio-grandense por 5 a 0, por confronto válido pela fase de grupos da Copa João Havelange, em 2000. De lá para cá, mais um confronto também pela mesma competição, desta vez, com vitória do Potiguar-RN por 1 a 0, o que consolidou o equilíbrio na história do confronto com uma vitória para cada lado.

Para o primeiro confronto das equipes na história da Copa do Nordeste, o treinador Cristian de Souza não anunciou a escalação, mas deve entrar em campo com a mesma equipe que iniciou a partida contra o Jacuipense-BA, no último fim de semana, com Dalton, Lenon, Douglas, Wendel Lomar, Bruno Cardoso Rodrigo, Júlio Rush, Gerson Magrão, Jean Silva, Dudu e Bruno Mota.

Substituído na partida de estreia na temporada, o atacante Jean Silva espera novamente iniciar como titular. O camisa 7 quer carimbar a sua vaga na equipe titular ajudando o time a conseguir a classificação para a fase de grupos na Copa do Nordeste.

“Iniciamos a temporada disputando um jogo de mata-mata. Foi uma situação onde tivemos que nos adaptar a partida para conseguirmos a classificação, que veio nos pênaltis. Apesar de ser substituído, tenho de entender que



Foto: Cristiano Santos/Botafogo

Os jogadores do Botafogo treinaram a semana toda para encarar o desafio de hoje contra o Potiguar-RN. Já o ASA, de Arapiraca, que eliminou o Ferroviário, decide vaga também contra o Altos, no Piauí

o atleta em minha posição dificilmente termina a partida jogando os 90 minutos. Neste jogo sabemos o que temos de fazer, não importa a forma, só a vitória nos interessa e vamos em busca da classificação”, disse.

Na sua segunda participação nesta fase da disputa, o Potiguar-RN tenta chegar pela primeira vez na fase de grupos. Na fase eliminatória da temporada passada, o alvirrubro mossoroense foi eliminado logo no primeiro jogo para o CSA-AL. No fim de semana passado, o clube eliminou o Sampaio Corrêa, nos pênaltis, após empate em 2 a 2 no tempo normal.

O trio baiano foi escalado para comandar com Marielson Alves Silva, tendo Elicarlos Franco de Oliveira e Patrícia dos Reis do

Nascimento nas assistências. O paraibano Tiago Ramos de Oliveira será o árbitro reserva. Em caso de empate no duelo, a definição do classificado será por cobranças de pênaltis.

Além de Botafogo x Potiguar, no Almeidão, em João Pessoa, haverá mais uma decisão por vaga na fase de grupos da Copa do Nordeste e vai acontecer a partir das 19h, no Estádio Lindolfo Monteiro, no Piauí, quando o Altos busca a classificação diante do ASA de Arapiraca. O time piauiense eliminou o Santa Cruz-PE nos pênaltis por 11 a 10, após empate de 2 a 2 no tempo normal, já o alagoano superou o Ferroviário-CE também nas penalidades por 3 a 0, após empate de 1 a 1 no tempo regulamentar.



Foto: Lenilson Santos/Ferroviário AC

Paraíba pode ter dois representantes na 2ª fase

Em caso de classificação para a fase de grupos da Copa do Nordeste, o Botafogo vai se juntar às 12 equipes já garantidas na fase de grupos e somar a segunda equipe paraibana garantida na fase principal do torneio regional. O Treze já havia garantido a sua vaga na fase grupos depois da conquista do Campeonato Paraibano 2024, já o Sousa acabou eliminado da competição pelo ABC-RN, nesta edição, ainda na fase preliminar da disputa.

A melhor campanha do Belo aconteceu em 2019, quando conquistou o vice-campeonato, perdendo o título para o Fortaleza, em dois jogos e com resultados iguais: derrotas de 1 a 0 com o último jogo no Almeidão em 23 de maio. Já garantido na fase de grupos, o Treze tenta superar a sua melhor campanha no torneio, quando parou nas semifinais para o ABC-RN. Naquela edição, 15 clubes se enfrentaram entre si, em turno único, com os quatro

melhores avançando para as semifinais, como título sendo conquistado pelo Vitória. Apesar de estar fora da atual edição da Copa do Nordeste, o Campinense segue sendo a única equipe paraibana a levantar o troféu da competição. Em 2013, a Raposa venceu os dois jogos da final contra o ASA-AL para conquistar, de forma inédita, o título do Nordeste. Três anos mais tarde, em 2016, o clube novamente chegou à final, mas acabou ficando com o vice-

campeonato ao perder por 2 a 1, em Recife e empatar por 1 a 1, em Campina Grande, com o Santa Cruz-PE.

O histórico dos paraibanos na competição ainda conta com Sousa. O Dinosaurom somou nesta edição a sua quinta participação, mas nunca chegou ao mata-mata da competição. As melhores campanhas foram em 2013 e 2022 quando disputou a fase de grupos. Por fim, o Santa Cruz de Santa Rita participou das edições de 1994 e 1994, terminado a

disputa nas 11ª e 10ª colocações, respectivamente.

Com data do início da disputa da fase de grupos da Copa do Nordeste agendada para o 4 de fevereiro, a CBF deve formatar nesta semana o sorteio com os jogos, após a definição das últimas quatro equipes que se juntaram a outras 12 equipes já garantidas para na fase grupos (América-RN, Bahia, Ceará, CRB-AL, Fortaleza, Itabaiana-SE, Maranhão-MA, Náutico, River-PI, Sport-PE, Treze e Vitória).

Espaço emblemático

Projeto original da Praça Venâncio Neiva, em 1917, previa um ringue de patinação, mas, posteriormente, foi retirado para a construção de um equipamento que dá nome extraoficial ao logradouro: Pavilhão do Chá

Julio Silva
juliovinciuss@gmail.com

A Praça Venâncio Neiva é um dos espaços mais emblemáticos e históricos do Centro da capital paraibana. A inauguração do logradouro data de 1917, durante o governo de Francisco Camilo de Holanda. Mas, durante o governo de João Pessoa, a praça começou a ganhar uma construção que acabaria dando o nome “extra-oficial” ao lugar: o Pavilhão do Chá.

No projeto original da praça tinha um ringue de patinação (posteriormente retirado para a construção do Pavilhão do Chá). Também possuía uma fonte de mármore e um coreto projetado pelo arquiteto italiano Pascoal Fiorillo, de formato circular, com 52 metros quadrados, decorado com elementos de estilo grego e renascentista.

A inauguração da Venâncio Neiva, ocorrida no dia 21 de julho de 1917, teve a bênção do arcebispo metropolitano da época, Dom Adauto de Miranda Henriques, e a presença do presidente do estado (como era chamado o governador), Camilo de Holanda, além de diversas autoridades.

Já a construção que é o ponto de referência do logradouro, o Pavilhão do Chá, concebida originalmente para reunir a elite de uma capital paraibana em franco crescimento, foi concluída na administração do sucessor de João Pessoa, Anthenor Navarro. A inauguração foi em 26 de julho de 1931, exatamente um ano após a morte trágica do presidente do estado, em Recife, capital pernambucana.

A praça e o coreto foram tombados pelo governo paraibano em 26 de agosto de 1980, por meio de um decreto assinado pelo então governador Tarcísio de Miranda Burity.

A edição do jornal **A União** de 22 de julho de 1917, dia seguinte à inauguração da Praça Venâncio Neiva, relatou que o evento atraiu “uma grande percentagem da população” da capital e descreveu assim o novo espaço público da cidade: “A Praça Venâncio Neiva tem dois lados corridos de balaustrada de cimento armado, construída para sanar defeitos físicos do terreno, que foram assim inteligentemente apropriados em benefício da beleza do conjunto. No ângulo que dá para a Rua da República, a oeste, levanta-se um pavilhão em estilo gótico, com a cúpula sobre colunas duplas de muito bom gosto, correndo uma faixa acima dos capitéis, toda bordada de molduras e outros motivos de arte”, diz um trecho da matéria.

Contexto social e político

A obra veio em uma época de pujança econômica para o então estado da Parahyba do Norte, que desde o início da década de 1910, com a consolidação da República e o apoio das elites, passava por um processo de modernização.

A eleição de Epitácio Pessoa como presidente da República, para comandar o país entre 1919 e 1922, garantiu ao estado mais recursos para construções de prédios e logradouros públicos, praças e avenidas.

Quase na mesma época da Praça Venâncio Neiva, foram inauguradas outras obras importantes do hoje Centro Histórico da cidade, como a Praça Aristides Lobo e a balaustrada da Rua das Trincheiras.

Inaugurações

Praça, inaugurada em 1917, e coreto, entregue à população em 1931, foram tombados pelo governo paraibano em 26 de agosto de 1980, por meio de um decreto assinado pelo então governador Tarcísio de Miranda Burity



Fotos: Edson Matos

Inauguração da praça teve a bênção do arcebispo metropolitano da época, Dom Adauto de Miranda Henriques



Pavilhão do Chá, inaugurado em julho de 1931, foi concebido originalmente para reunir a elite da capital paraibana



Projetado pelo arquiteto italiano Pascoal Fiorillo, o coreto é decorado com elementos de estilo grego e renascentista

Conheça o jurista paraibano Venâncio Neiva

O jurista e político paraibano Venâncio Augusto de Magalhães Neiva, que dá nome à praça, nasceu em 21 de julho de 1849 e se formou em Direito pela Faculdade de Olinda, em 1873. Foi escolhido pelo marechal Deodoro da Fonseca como presidente provisório da Paraíba em 6 de dezem-

bro de 1889. Em julho de 1891 foi eleito o primeiro presidente republicano da história do Estado, que na época era Parahyba do Norte, mas em dezembro do mesmo ano foi deposto por ordem do marechal Floriano Peixoto.

Após ser afastado, voltou a ocupar o cargo de juiz na cida-

de de Catolé do Rocha.

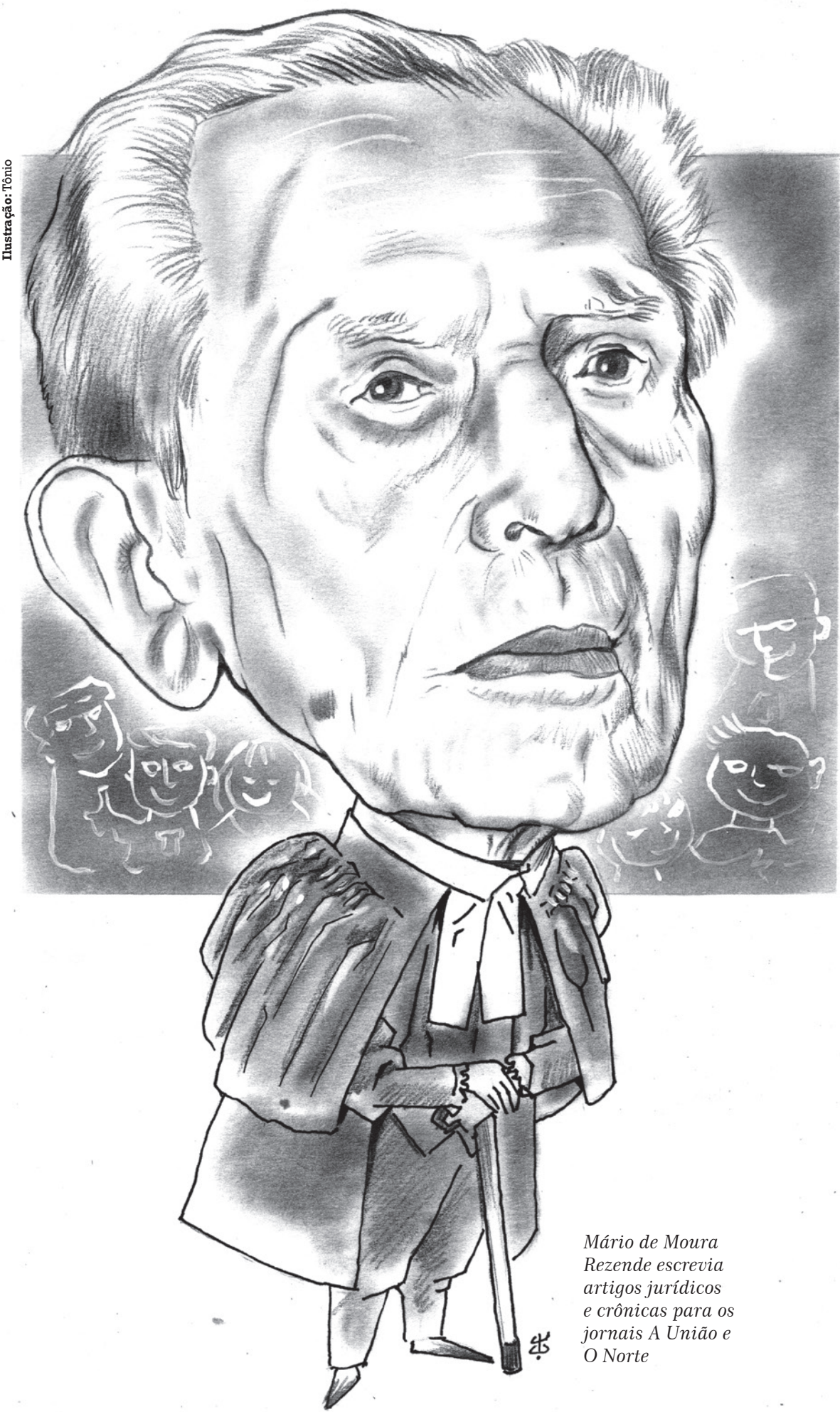
Venâncio fundou, então, o Partido Autonomista, para chefiar a oposição no estado. Durante o governo do presidente Campos Sales (1898-1902), foi nomeado juiz federal na Seção da Paraíba, permanecendo no cargo até 1915.

Em 1918, apoiado por Epi-

tácio Pessoa, se tornou senador ao assumir o lugar de João Maximiano de Figueiredo. Em 1927, foi eleito para permanecer no Senado, mas o mandato foi extinto com a dissolução do Congresso Nacional durante a Revolução de 1930. Ele morreu em 17 de fevereiro de 1939, no Rio de Janeiro.

Mário de Moura Rezende

Pioneiro na causa da criança, magistrado escrevia nos jornais da capital



Mário de Moura Rezende escrevia artigos jurídicos e crônicas para os jornais A União e O Norte

Jorge Rezende
jorge rezende imprensa@gmail.com

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi publicado pela primeira vez em 13 de julho de 1990. Era o surgimento da Lei Federal 8.069 que regulamenta o artigo 227 da Constituição Federal e que define as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento, que demandam proteção integral e prioritária por parte da família, sociedade e do estado.

No Brasil, o ECA é o conjunto de normas do ordenamento jurídico que tem como objetivo a proteção dos direitos da criança e do adolescente, aplicando medidas e expedindo encaminhamentos para o juiz. Todavia, bem antes desse marco legal e regulatório dos direitos humanos de crianças e adolescentes no país (pelo menos três décadas antes do ECA), um paraibano, nascido na cidade de Santa Rita, em 6 de outubro de 1914, já se notabilizava pela defesa da causa da criança e do adolescente.

O visionário e pioneiro dessa causa foi o desembargador Mário de Moura Rezende que, além de ter deixado uma vasta literatura em prol da criança e do adolescente pelo viés jurídico, entrou para a história da educação universitária brasileira ao introduzir a cadeira de Direito do Menor na então Faculdade de Direito da Universidade Regional do Nordeste (Urne), hoje Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O currículo dessa disciplina serviu de base para o Ministério da Educação e Cultura (MEC) instituí-la em todas as universidades brasileiras.

Apesar de uma profícua carreira como professor, escritor e magistrado (primeiro como juiz e depois como desembargador), pouco se fala do estreito relacionamento que Mário de Moura Rezende teve com os meios de comunicação, mais especificamente com os jornais impressos da capital paraibana. Principalmente na década de 1970 e parte dos anos de 1980, Mário Rezende era assíduo frequentador das páginas dos jornais O Norte e A União, onde, semanalmente, ele publicava pelo menos dois artigos ou crônicas nos dois diários.

“Me lembro muito bem dessa época. Meu pai escrevia muito. Ele redigia seus artigos na máquina de escrever e uma pessoa, geralmente o motorista, os levava para as redações e eram publicados frequentemente. Eu era menino e muitas vezes ele me dava essa missão de levar seus artigos para A União e para O Norte”, relembra o engenheiro mecânico Mário de Moura Rezende Filho, um dos três filhos do desembargador.

Publicação de livros, artigos, crônicas e monografias

O desembargador Mário Rezende já estava aposentado desde 11 de abril de 1984 quando morreu aos 94 anos, em João Pessoa, no dia 14 de maio de 2009, vítima de morte natural. Seu corpo foi velado na Central de Velório São João Batista e o sepultamento ocorreu no Parque das Acácias, no Bairro de José Américo, na capital paraibana. Ele foi casado com Selma Machado Rezende e pai de três filhos.

Mário de Moura Rezende ingressou na magistratura como juiz da comarca de Pilar, nomeado a 30 de outubro de 1947. Ele também atuou em Itaporanga e em Itabaiana, antes de chegar na comarca da capital, onde exerceu a função de juiz de Menores. Foi nomeado desembargador do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) em 29 de novembro de 1978.

No período de 3 de fevereiro de 1981 a 1º de fevereiro de 1982, Mário Rezende presidiu o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB). Filho de Manoel de Moura Rezende e de Juliana de Moura Rezende, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1940. Foi promotor público substituto em sua cidade natal, Santa Rita, nomeado a 26 de setembro de 1942.

Como juiz de Direito, ao chegar à Comarca de João Pessoa, atuou na Oitava Vara da Capital (1965). Em 1969, foi removido para a Sexta Vara, onde exerceu a função de juiz de Menores da capital. Estudos dos aspectos sociais relacionados com a assistência ao menor, publicou vários livros, entre eles Três anos de luta, Problemas sociais e jurídicos, Desvalorização



Foto: Ascom/TJPB

Familiares do desembargador Mário de Moura Rezende durante homenagem realizada pelo TJPB

da criança e do adolescente, Introdução ao estudo do direito do menor e A toxicomania entre os jovens.

Além dos livros e dos artigos e crônicas em jornais da capital paraibana, Mário de Moura Rezende produziu vários estudos, ensaios e monografias, a exemplo de Crime de desacato, Riscos do desenvolvimento e Federalização da Justiça de menores. Sua dedicação à causa da criança e do adolescente rendeu várias homenagens, como a destinação do seu nome para o Centro Ocupacional do Adolescente (CAO).

Em 15 de outubro de 2014, o desembarga-

dor Mário de Moura Rezende foi homenageado pelo Tribunal de Justiça da Paraíba, por meio da Comissão de Cultura e Memória do Poder Judiciário. Naquele ano, se estivesse vivo, ele completaria 100 anos de idade. “Vimos aquela homenagem pertinente, uma vez que o centenário do seu nascimento foi uma data bastante simbólica para fazê-la”, comentou, à época, o filho mais velho do desembargador, Marsélio Machado de Moura Rezende.

Professor de Matemática, Marsélio Rezende destacou a produção literária do seu pai no campo jurídico: “A reedição dos seus livros é

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Nos primórdios da música nordestina – II

Desde o início de suas apresentações, já com seus característicos trajes típicos regionais, os Turunas Pernambucanos cantavam cocos e emboladas, conquistando a simpatia dos que iam assistir aos seus disputados espetáculos. Foi o momento em que, incentivados por Pixinguinha, que havia assistido a uma dessas apresentações, rumaram para uma apresentação no Rio de Janeiro, em 1922. Passaram a incorporar ao repertório apresentações satíricas e humorísticas que, diante do sucesso, levaram-nos a apresentarem-se também na capital paulista. O primeiro disco, no entanto, só veio a acontecer em 1929, pela gravadora Odeon, com músicas já características do estilo deles, o que levou o grupo a excursionar por outras cidades interioranas.

O grupo, no entanto, amistosamente, foi desfeito, em 1923, após uma excursão à Argentina, porém deixou como fruto uma carreira de quase uma década de relevantes influências na MPB.

Desfeito o grupo, a carreira de Jararaca e Ratinho, agora em dupla, marcou uma época de que advieram sucessos marcantes de nossa MPB: ‘Mamãe eu quero’, do Carnaval de 1937, uma parceria de Jararaca com Vicente Paiva, sucesso que, extrapolando as nossas fronteiras, ficou conhecida nas interpretações de Carmen Miranda e até de Bing Crosby.

Registre o grande sucesso-solo de Ratinho com o choro instrumental ‘Saxofone, por que choras?’ (1930), que ainda é um clássico festejado e executado por saxofonistas.

O sucesso da dupla se estendeu por aproximadamente uma década, quando se apresentavam na Rádio Nacional, sempre fiéis ao repertório composto de músicas caipiras e, como já dito, com enfoque satírico e humorístico. No cinema, apareceram em ‘No tram-



Foto: Reprodução

Turunas Pernambucanos: Ratinho é o primeiro em pé, à esquerda; Jararaca é o terceiro, sentado

polim da Vida’ (1946) e ‘Loucos por Música’ (1950). Na televisão, a dupla também marcou época, nos anos de 1960 e 1970, com participação em programas televisivos, como ‘Balança, mas não cai’, ‘Alô Brasil’, ‘Aquele Abraço’ e ‘A E I O... Urca’. Após o falecimento do parceiro Ratinho, Jararaca desempenhou papel permanente no decantado sketch ‘Chico City’, da TV Globo.

É justo que se ressalte, inclusive, a influência exercida pelos Turunas Pernambucanos que serviu de inspiração para o surgimento do famoso quinteto vocal e instrumental Bando dos Tangarás, que atuou mais intensamente nos anos de 1928 e 1929, e que foi organizado por Almirante (Henrique Foréis Domingos – Rio de Janeiro, 1908-1980), vocal e pandeiro; Braguinha (Carlos Alberto Ferreira Braga, o Braguinha – Rio de Janeiro, 1907-2006), vocal e violão; Alvinho (Álvaro Miranda Ribeiro – Rio de Janeiro, 1910 - ? -), vocal e violão; Henrique Brito (Natal-RN, Rio de Janeiro, 1935), violonista; a quinta vaga do grupo ficou com aquele rapaz franzino de Vila Isabel, berço do grupo, que, além de cantar e tocar violão, dava sinais de ser um bom compositor – Noel Rosa.

Aliás, o grupo era remanescente de um outro grupo de nome Flor do Tempo, organizado no Colégio Batista do Rio de Janeiro, no ano de 1925, que, por sua vez, buscara inspiração nos pernambucanos do Turunas da Mauricéia. Os Tangarás ainda se apresentavam, mais esporadicamente, até o ano de 1933, quando foi extinto, mas com uma variação de estilo, passando a incorporar ao repertório muitos e bons sambas de qualidade inquestionável, deixando-nos um acervo de 78 fonogramas (total de 39 discos de 78 rpm). Dessa safra, merece destaque o samba ‘Na Pavuna’ (Almirante e Homero Dornelas), sucesso do Carnaval de 1930, que marcou um momento histórico em nossa MPB: foi o primeiro a incorporar instrumentos de percussão em gravações de estúdio, uma vez que eram, até então, usados apenas nos subúrbios e morros cariocas. Era o início do que hoje se conhece como Era de Ouro da MPB.

Bom ressaltar-se que os Turunas da Mauricéia, também vocal e instrumental, foi criado, em 1926/1927, nos moldes artísticos iniciados pelos Turunas Pernambucanos (1920 a 1923), pelos irmãos Luperce Bezerra Pessoa de Miranda, compositor e bandolinista (Recife-PE, 1904 – Rio de Janeiro-RJ, 1977) e seus irmãos João (bandolinistas) e Romualdo Miranda (violonista – o Bronzeado, advindo dos Turunas Pernambucanos), e dele faziam parte ainda Manoel Bezerra de Lima, cego, e João Frazão (cognominado de Periquito), ambos violonistas, e aquele que viria a ser a estrela maior do grupo – Augusto Calheiros, vocalista. O grupo logo se tornou sucesso fora de sua região, tendo sido convidado, como ocorrera com os Turunas Pernambucanos, a apresentar-se no Rio de Janeiro, logo no início da carreira. Ali, mesmo sem a presença do grande incentivador e criador do

grupo, no caso, Lupércio Miranda, que não acompanhou os colegas em função de atividades de vínculo empregatício, a estreia aconteceu, em 1927, em memorável apresentação no então Teatro Lírico, em evento patrocinado pelo periódico Correio da Manhã. Como não podia deixar de ser, mantiveram o repertório regionalista – cocos, emboladas e ritmos afins, e incorporaram as vestimentas nordestinas, como já acontecera anteriormente com os Turunas Pernambucanos. Com a ausência de Lupércio Miranda, o alagoano Augusto Calheiros se tornou a estrela da apresentação, tendo sido recebido calorosamente no auditório da então Rádio Clube do Rio, passando a ser cognominado de A Patativa do Nordeste. É dessa fase a gravação de 10 discos de 78 rpm pela gravadora Odeon, com destaque para o fonograma ‘Piníão’ (embolada – parceria com Luperce), que se tornou o grande sucesso do Carnaval de 1928 e cuja gravação foi incluída, no ano de 2000, em uma seleção das cem melhores músicas do século 20. Registre-se ainda que, no futuro, o estilo interpretativo do grupo influenciaria a carreira de outros intérpretes nordestinos do gênero, como, por exemplo, a de Manezinho Araújo (Manoel Pereira de Araújo – Cabo de Santo Agostinho-PE, 1910 – São Paulo, 1993), cognominado de Rei da Embolada, e a da dupla também pernambucana Caju & Castanha.

(No intuito de esclarecer os mais curiosos: o termo “Turunas” significa valentões, e “Mauricéia” faz referência ao período de dominação holandesa de Maurício de Nassau, que cognominou a capital pernambucana de Recife de Mauricéia). O grupo se desfez em 1930, quando alguns dos integrantes retornaram ao Recife. O grupo havia gravado, no total, 18 discos (36 fonogramas).

Angélica Lúcio

Por uma população que tenha educação midiática

Em outubro de 2023, o Governo Federal lançou a Semana Brasileira de Educação Midiática. Na esteira do evento, realizado pela Secretaria de Comunicação Social (Secom) da Presidência da República, foi lançado um documento que reúne um conjunto de iniciativas com foco na promoção da educação da população brasileira para as mídias.

Intitulado Estratégia Brasileira de Educação Midiática (Ebem), o documento aponta seis eixos de atuação: 1. Educação midiática na educação básica; 2. Formação e qualificação continuada de profissionais da educação e multiplicadores; 3. Parcerias com sociedade civil, academia e iniciativa privada; 4. Campanhas educativas; 5. Uso consciente de telas e dispositivos digitais por crianças e adolescentes; e 6. Participação social. Os eixos citados estruturam e conferem coerência às diversas iniciativas (previstas e em implementação), com vistas ao alcance dos objetivos relacionados à Ebem.

Dentre as iniciativas relacionadas à promoção da educação midiática na educação básica, inclusive na formação de jovens e



Foto: Reprodução/Secom

adultos, estão: produção de material didático que inclua o ensino de competências e habilidades da educação midiática; realização de eventos diversos, como Semana Brasileira de Educação Midiática (cuja primeira edição ocorreu em outubro passado), Olimpíada da Desinformação, Hackathon de Combate à Desinformação; e elaboração de diretrizes nacionais para o desenvolvimento de práticas educacionais no campo da educação midiática.

A qualificação dos educadores também é

tratada no documento. Tal qualificação deve ser permanente e atualizada constantemente. “Os professores precisam estar preparados para as mudanças trazidas pela automação, pelos avanços na computação cognitiva e por novas interfaces”, aponta a publicação.

Para isso, estão previstas várias iniciativas, como: fomento a projetos de extensão voltados à formação de docentes do ensino básico; apoio à criação de disciplinas e/ou qualificação do ensino de educação midiática em cursos, como Pedagogia, Comunicação e Biblioteconomia; oferta de cursos e outros conteúdos de ensino de qualidade relacionados às diversas competências e habilidades da educação midiática nas plataformas digitais do Ministério da Educação (MEC); e realização de cursos de educação midiática para agentes multiplicadores (trabalhadores da saúde, assistência social, segurança pública, lideranças comunitárias, atletas, entre outros).

Para qualquer projeto de educação midiática ter êxito, no entanto, é essencial o apoio e o envolvimento direto, muitas vezes, de instituições diversas da sociedade. E isso

também está previsto na Ebem, como já citei acima. A ideia é que a Secom trabalhe em parceria com organizações da sociedade civil, com institutos federais e universidades públicas, além da iniciativa privada de forma geral, financiando projetos, firmando parcerias que não envolvam transferência de recursos e estabelecendo compromissos com as plataformas para transparência, acessibilidade, proteção de direitos e educação midiática dos usuários.

Além das ações citadas, a Estratégia Brasileira de Educação Midiática ainda prevê a realização de uma série de campanhas voltadas à difusão de conteúdos de educação para a mídia, que vão variar conforme as características do público a ser alcançado e a estratégia a ser adotada. O objetivo é ampliar o alcance dessa iniciativa e mobilizar um público amplo em torno da educação midiática.

Estou na torcida para que boa parte das ações seja colocada em prática, para que possamos ter crianças, jovens e adultos aptos a ter uma melhor (e mais crítica) relação com as mídias.

angelicallucio@gmail.com



Foto: Reprodução

Eita!!!

Palmeiras, atual bicampeão

A Copa São Paulo de Futebol Júnior, competição de base mais tradicional do futebol brasileiro, chegou a sua 54ª edição em 2024 e começou no último dia 2. Um total de 128 times foram divididos em 32 grupos de quatro clubes. Os dois melhores avançam ao mata-mata até a grande final, disputada em jogo único. Na temporada passada, o Palmeiras (SP) venceu o América (MG) e se sagrou bicampeão da Copa São Paulo de Futebol Júnior em 2023.

Corinthians, o maior campeão

O maior campeão da Copinha segue sendo o Corinthians (SP), com 10 conquistas: 1969, 1970, 1995, 1999, 2004, 2005, 2009, 2012, 2015 e 2017. Em seguida vem o Fluminense (RJ), com cinco títulos: 1971, 1973, 1977, 1986 e 1989. Também com cinco títulos, o Internacional (RS): 1974, 1978, 1980, 1998 e 2020. Com quatro conquistas, dois clubes: Flamengo (RJ), em 1990, 2011, 2016 e 2018, e São Paulo (SP), em 1993, 2000, 2010 e 2019.

Outros campeões da Copinha

Os outros campeões são Atlético (MG), 1975, 1976 e 1983; Santos (SP), 1984, 2013 e 2014; Nacional (SP), 1972 e 1988; Palmeiras (SP), 2022 e 2023; Ponte Preta (SP), 1981 e 1982; Portuguesa (SP), 1991 e 2002; América (MG), 1996; América de São José do Rio Preto (SP), 2006; Cruzeiro (MG), 2007; Figueirense (SC), 2008; Guarani (SP), 1994; Juventus (SP), 1985; Marília (SP), 1979; Paulista (SP), 1997; Roma (SP), 2001; Santo André (SP), 2003; e Vasco da Gama (RJ), 1992.

Revelações de craques do futebol

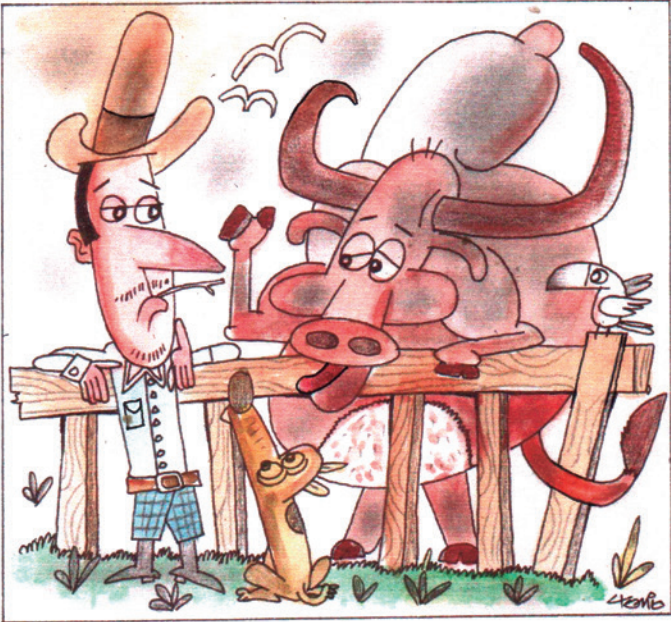
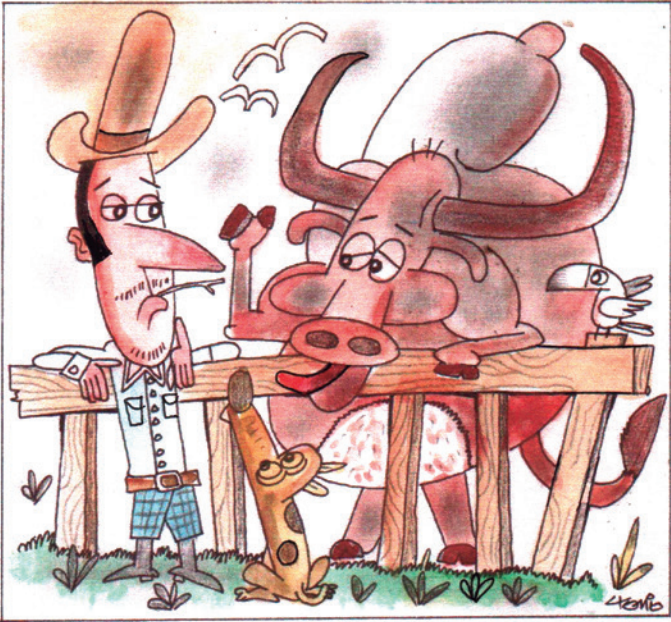
A Copinha é popularmente conhecida por revelar craques do futebol brasileiro e vários jogadores históricos iniciaram sua carreira na competição, como Cafu, Kaká, Lucas Moura, Casemiro, Robinho, Neymar, Gabriel Jesus, Vágner Love, Fred, Deco, Marquinhos, Malcom, Lucas Paquetá, Paulo Roberto Falcão, Raí e Dida.

Gol mais rápido e maior goleada

Fred, ídolo do Fluminense (RJ), é o detentor do gol mais rápido na história da Copinha, o centroavante marcou um gol com 3,17 segundos, do meio-campo, em partida do América (MG) contra o Vila Nova (GO). Já um 14 a 0 é a maior goleada da Copa São Paulo, e o placar já ocorreu duas vezes. A primeira foi na vitória do Cruzeiro (MG) sobre o Vasco (RJ), em 1974. Em 2010, Santo André (SP) repetiu o placar sobre o Santana, do Amapá.

9erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - rabo; 2 - Chapêu; 3 - costeleta; 4 - cerca; 5 - chifre; 6 - linha; 7 - bolso; 8 - mancha do cão; 9 - planta.



Foto: Reprodução

Os manifestantes, predominantemente homens, vestiam-se de mulher para não serem reconhecidos pelas autoridades

“FILHAS DE REBECCA”

Homens galeses se vestem de mulher para protestar

Motins contra cobrança de impostos tiveram início em 1839 e se intensificaram em 1843

Da Redação

Em 1843, no sudoeste do País de Gales, eclodiram os chamados motins das “Filhas de Rebecca”, que eram intensos protestos nas comunidades rurais contra a opressão econômica e as taxas elevadas dos pedágios. Os tumultos, iniciados em 1839, intensificaram-se principalmente no verão de 1843, simbolizando uma resistência contra as injustiças sociais e econômicas.

Os manifestantes, predominantemente homens, vestiam-se de mulher para não serem reconhecidos, num movimento que ficou conhecido como “Filhas de Rebecca”, “Merched Beca” em galês. Na época, os pedágios, estabelecidos pela legislação britânica no final do século 16, tinham como objetivo financiar a

manutenção das vias públicas.

No entanto, essas taxas eram “um fardo pesado para a população”, como descreve o The Conversation, especialmente para os agricultores que já enfrentavam uma série de dificuldades econômicas, como a depressão agrícola, colheitas fracas, rendas elevadas e a imposição de diversos impostos. Os ataques focavam na demolição dos postos de pedágio e na intimidação das autoridades.

Segundo também registra o Site Zap, a revolta dos homens vestidos de mulher ganhou um impulso dramático com o ataque a um asilo em Carmarthen, a 19 de junho de 1843. Esse evento marcou uma escalada nos protestos, conduzindo para ações mais violentas, incluindo a propriedades pri-

vadas e até ao uso de armas de fogo.

O incidente mais grave foi a morte de Sarah Williams, uma idosa guardiã de um pedágio, durante um ataque. Os manifestantes que foram descobertos (provavelmente porque não estavam vestidos de mulher) foram duramente punidos, sendo alguns, inclusive, transportados para colô-

nias penais na Tasmânia.

Nos anos seguintes, houve ressurgimentos ocasionais de protestos em nome de “Rebecca”, incluindo ações contra a pesca ilegal de salmão na década de 1870 e, mais tarde, em campanhas ambientais no século 20. A imagem de “Rebecca” continua, até hoje, muito presente na sociedade galesa, simbolizando a tradição dos protestos.



Imagem: Pixabay

Charada

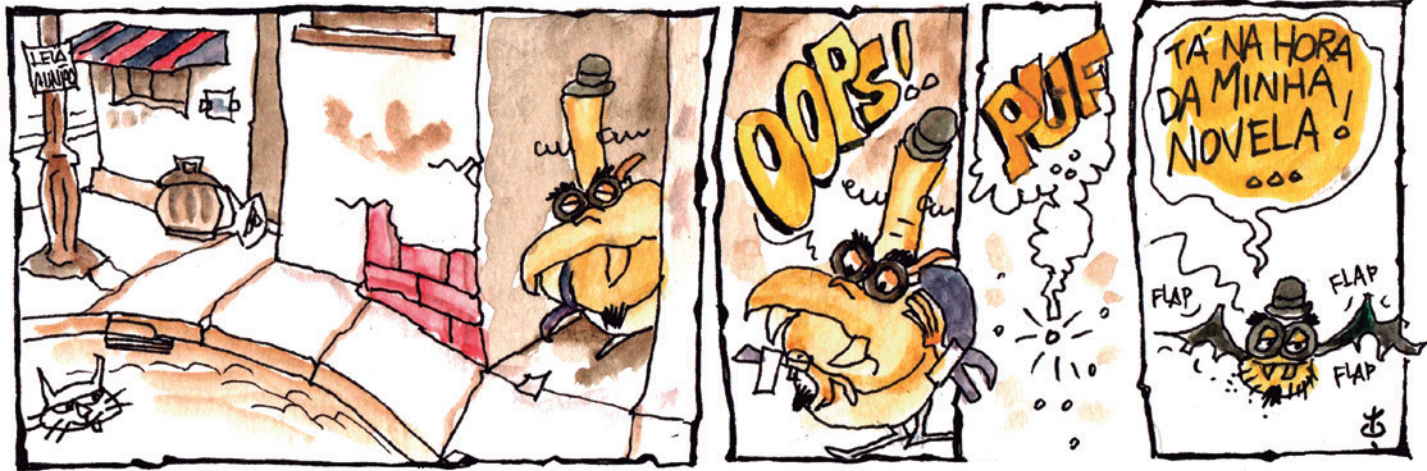
Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: junto (1) = com + entrada (2) = porta + queixo (2) = mento. **Solução:** atitude (5) = comportamento. **Charada de hoje:** você gosta (2) da divindade (1), criadora do compositor austríaco (3) (Amadeus).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

